

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY**

**CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO ESPÍRITO SANTO (1976-1981)**

Daniela Vieira Malta

**Rio de Janeiro**  
**2016**

DANIELA VIEIRA MALTA

**CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO ESPÍRITO SANTO (1976-1981)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Enfermagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Cristina Franco Santos

**Rio de Janeiro**

**Julho/2016**

Malta, Daniela Vieira.

Criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Espírito Santo (1976-1981)/Daniela Vieira Malta. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2016.

Xiv,140 f.

Orientadora: Tânia Cristina Franco Santos

Tese (doutorado) – UFRJ/EEAN/Programa de Pós-graduação em Enfermagem, 2016.

Referências Bibliográficas:

1. Enfermagem. 2. História da Enfermagem. 3. Ensino.

I. Santos, Tânia Cristina Franco. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery. III. Título

**CDD 610.73**

Daniela Vieira Malta

**CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO ESPÍRITO SANTO (1976-1981)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Enfermagem.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Cristina Franco Santos - Orientadora  
Presidente da Banca (Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariângela Aparecida Gonçalves de Figueiredo  
1<sup>a</sup> Examinadora (Faculdade de Enfermagem – UFJF)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lelita Xavier  
2<sup>a</sup> Examinadora (Faculdade de Enfermagem – UERJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gertrudes Teixeira Lopes  
3<sup>a</sup> Examinadora (Faculdade de Enfermagem – UERJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Angélica de Almeida Peres  
4<sup>a</sup> Examinadora (Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Márcia Jane Márcia Progianti  
Suplente Externa (Faculdade de Enfermagem – UERJ)

---

Prof. Dr. Antonio José de Almeida Filho  
Suplente Interno (Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ)

Dedico esta tese aos meus pais, Maria Beatriz Vieira Malta e Mário Malta de Araujo, e à minha irmã, Manuela Vieira Malta.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, força maior, que me deu forças para superar os obstáculos.

Aos meus pais, que não mediram esforços para me proporcionar a melhor formação profissional e pessoal que poderia ter.

À minha irmã, pela compreensão e paciência.

À minha avó, Lúcia de Oliveira Vieira, sempre incisiva e realista, pelas lições de sabedoria.

Ao Bruno, meu grande amor, pelo companheirismo e incentivo.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Cristina Franco Santos, exemplo de dedicação profissional, inteligência e humildade, por sua paciência e disposição para ensinar.

Aos professores que compuseram as bancas examinadoras nas diversas etapas do Doutorado, Maria da Luz Barbosa Gomes, Maria Angélica de Almeida Peres, Gertrudes Teixeira Lopes, Mariângela Aparecida Gonçalves de Figueiredo e Antonio José de Almeida Filho, por todas as contribuições, sugestões e atenção.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Luz Barbosa Gomes, responsável pela minha iniciação na pesquisa histórica, por sua solicitude e atenção permanente.

Aos meus amigos enfermeiros Ariane Ronchi, Débora Caliman, Ramony Felipini, Soraya Conrado, Livia Nossa, Sérgio Ávila e Paula Freitas, pelas energias positivas.

À amiga Roseane Vargas Rohr por acreditar no meu potencial e caminhar ao meu lado durante todas as etapas dessa pesquisa.

Aos alunos de iniciação científica Cristielem Lopes e Geovane Fontana, pela disposição e ajuda.

Ao Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), pelas oportunidades de desenvolvimento da pesquisa. A todos os membros, professores, alunos de pós-graduação e bolsistas, cujas opiniões e avaliações enriqueceram a discussão e a versão final da Tese.

Às companheiras de Doutorado Laís de Araújo Pereira, Laís Miranda, Mônica Barros de Pontes e Aline Silva pela ajuda, paciência e carinho.

E finalmente aos participantes desse estudo, Dulce Neves da Rocha, Maria Tereza Coimbra, Angela Maria de Castro Simões, Paulete Maria Ambrósio, Maria Edla de Oliveira Brigunte, Elda Coelho de Azevedo Bussinger, Selma Blom Margotto, Jorge Souza Guimarães, Maria Carlota Rezende Coelho e Fátima Maria Silva, pela atenção, apoio e dedicação a minha pessoa e por terem proporcionado a este estudo um lucro imensurável.

## RESUMO

MALTA, Daniela Vieira. **Criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Espírito Santo (1976-1981)**. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Estudo histórico-social toma como objeto a criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem do Estado do Espírito Santo (ES), o da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O recorte temporal se estende de 1971 (ano de criação do curso) a 1981, que corresponde ao ano de consolidação do curso através de seu reconhecimento pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC). Os objetivos da tese foram: descrever as circunstâncias que determinaram a criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no ES; analisar as estratégias do corpo docente para implantar o curso na UFES e discutir os efeitos simbólicos da consolidação do curso de graduação em enfermagem da UFES. Os achados foram iluminados pelos conceitos da Teoria do Mundo Social desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Com relação às fontes de pesquisa, as primárias constituíram-se de documentos escritos, orais e iconográficos, enquanto que as secundárias foram compostas do acervo bibliográfico existente sobre a referida temática. Na realização do estudo, foram atendidos os preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Federal de Saúde. Os principais resultados indicam que a graduação na Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ) das quatro primeiras docentes do curso de enfermagem da UFES permitiu a formação de um *habitus* que inculcou nas mesmas um espírito de determinação, comprometimento, rigidez, disciplina e hierarquia. Essas características perpetuadas durante os primeiros anos do curso de graduação em enfermagem da UFES foram decisivas para a consolidação do mesmo após pouco mais de cinco anos do início de seu funcionamento. Com a consolidação do curso, representada principalmente pela formatura da primeira turma e reconhecimento do curso pelo MEC, teve início uma nova configuração de enfermagem no estado. Os primeiros enfermeiros formados, ao assumirem postos de trabalho, além de aplicarem o conhecimento científico aprendido durante a formação acadêmica, transportaram suas características peculiares.

Palavras-chave: Enfermagem. História da Enfermagem. Ensino.

## ABSTRACT

MALTA, Daniela Vieira. **Criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Espírito Santo (1976-1981)**. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This is a historical-social study that takes as its subject the implementation and consolidation of the first Nursing undergraduate course in the State of Espírito Santo (ES), which is the one at the Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). The period studied is from 1971 (year of the creation of the course) to 1981, which corresponds to the year of consolidation of the course through its recognition at the Education and Culture Department. The objectives of the thesis were: to describe the circumstances that determine the creation of the first Nursing undergraduate course in the ES; to analyse the strategies of the body of professors in implementing the course at the UFES, and to discuss the symbolic effects of the consolidation of the Nursing undergraduate course at UFES. The findings were illuminated by the concepts of the Social World Theory, developed by the french sociologist Pierre Bourdieu. As research sources, the primary ones were written, oral and iconographic documents, while the secondary were composed of the bibliographical archives about the theme. The ethical precepts of Resolution 466/2012, of the Federal Health Council were met in the execution of the study. The main results indicate that the undergraduation of the first four Professors at the Nursing course of UFES at the Anna Nery Nursing School, at the Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ), allowed the formation of a *habitus* that instilled in them a spirit of determination, commitment, severity, discipline and hierarchy. These characteristics, perpetuated during the first years of the undergraduate Nursing course at UFES were decisive for the consolidation of the course after a little more than five years of its start. With the course's consolidation, represented mainly by the graduation ceremony of the first class; and the recognition of the course by the Department of Education and Culture, a new configuration of Nursing started in the state. The first Nurses who graduated, as they occupied work positions, besides applying the scientific knowledge learned during their academic education, they have also carried on their peculiar characteristics.

Key Words: Nursing. History of Nursing. Teaching.

## RESUMEN

MALTA, Daniela Vieira. **Criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Espírito Santo (1976-1981)**. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Estudio histórico-social que toma como objeto la creación, implantación y consolidación del primer curso de graduación en enfermería del Estado de Espírito Santo (ES), el de la Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). El recorte temporal se extiende de 1971 (año de creación del curso) a 1981, que corresponde al año de consolidación del curso a través de su reconocimiento por el Ministério de Educação y Cultura (MEC). Los objetivos de la tesis fueran: describir las circunstancias que determinaran la creación del primer curso de graduación en enfermería en el ES; analizar las estrategias del cuerpo docente para implantar el curso en la UFES y discutir los efectos simbólicos de la consolidación del curso de graduación en enfermería de la UFES. Los hallazgos fueran iluminados por los conceptos de la Teoría del Mundo Social, desarrollada por el sociólogo francés Pierre Bourdieu. Con relación a las fuentes de pesquisa, las primarias fueran documentos escritos, orales e iconográficos, en cuanto las secundarias fueran compostas del acervo bibliográfico existente sobre la referida temática. En la realización del estudio, fueran atendidos a los preceptos éticos de la Resolución 466/2012 del Consejo Federal de Salud. Los principales resultados indican que la graduación en la Escuela de Enfermería Anna Nery de la Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ) de las cuatro primeras docentes del curso de enfermería de la UFES permitió a la formación de un *habitus* que inculcó en las mismas a un espíritu de determinación, comprometimiento, rigidez, disciplina e jerarquía. Esas características perpetuadas durante los primeros años del curso de graduación en enfermería de la UFES fueran decisivas para la consolidación del mismo después de poco más de cinco años del inicio de su funcionamiento. Con la consolidación del curso, representada principalmente por la graduación de la primera clase y del reconocimiento del curso por el MEC, se inició a una nueva configuración de enfermería en el estado. Los primeros enfermeros graduados, al asumieren puestos de trabajo, además de aplicaren el conocimiento científico aprendido durante la graduación académica, transportaran sus características peculiares.

Palabras-clave: Enfermería. Historia de la Enfermería. Enseñanza.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Cronograma de atividades de Dulce Neves da Rocha .....	56
<b>Figura 2</b>	Radiograma de autorização para implantação do Curso de Enfermagem da UFES .....	61
<b>Figura 3</b>	Capa e contracapa do convite de formatura da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFES .....	85
<b>Figura 4</b>	Solenidade de Descerramento da Placa de Bronze da Primeira Turma do Curso de Enfermagem da UFES .....	87
<b>Figura 5</b>	Solenidade de Descerramento da Placa de Bronze da Primeira Turma do Curso de Enfermagem da UFES .....	88
<b>Figura 6</b>	Leitura do Discurso do Orador da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES .....	90
<b>Figura 7</b>	Pose Grupal da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES .....	91
<b>Figura 8</b>	Coquetel de Formatura da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES .....	92
<b>Figura 9</b>	Painel dos Formandos da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES – Discentes .....	93
<b>Figura 10</b>	Painel dos Formandos da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES – Docentes .....	93
<b>Figura 11</b>	Painel dos formandos da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES .....	95
<b>Figura 12</b>	Resolução 50/79 – Criação do Departamento de Enfermagem .....	101
<b>Figura 13</b>	Portaria 271\1981 – Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES pelo MEC .....	111
<b>Figura 14</b>	Cerimônia de Abertura da I Convenção Capixaba de Enfermagem .....	117

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Fotografias Selecionadas .....	24
<b>Tabela 2</b>	Quadro de depoentes .....	26
<b>Tabela 3</b>	Composição do Grupo Setorial de Saúde do MEC/DAU .....	39
<b>Tabela 4</b>	Cursos de graduação em Enfermagem criados no Brasil na década de 70 .....	41
<b>Tabela 5</b>	Distribuição dos cargos das enfermeiras docentes .....	68
<b>Tabela 6</b>	Distribuição da carga horária de trabalho das enfermeiras docentes .....	70
<b>Tabela 7</b>	Relação de Professores Enfermeiros do Curso de Enfermagem da UFES .....	107
<b>Tabela 8</b>	Candidatos que Participaram da Prova de Títulos do Primeiro Concurso de Professor Auxiliar do Departamento de Enfermagem .....	118

## LISTA DE SIGLAS

ABEn - Associação Brasileira de Enfermagem  
AI-5 - Ato Institucional de número cinco  
BVS - Biblioteca Virtual de Saúde  
CDOC - Centro de Documentação  
CBM - Centro Biomédico  
CTI - Centro de Tratamento Intensivo  
CFE - Conselho Federal de Educação  
COFEn - Conselho Federal de Enfermagem  
COREN - Conselho Regional de Enfermagem  
CNS - Conselho Interamericano Econômico e Social  
CNS - Conselho Nacional de Saúde.  
COPPE - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia  
DNSP - Departamento Nacional de Saúde Pública  
DAU - Departamento de Assuntos Universitários  
EEAN - Escola de Enfermagem Anna Nery  
ES - Espírito Santo  
EUA - Estados Unidos da América  
GSS - Grupo Setorial de Saúde  
HESFA - Hospital São Francisco de Assis  
HUCAM - Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes  
IASERJ - Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro  
LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde  
MEC - Ministério da Educação e Cultura  
MS - Ministério da Saúde  
NUPHEBRAS - Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira  
OEA - Organização dos Estados Americanos  
OMS - Organização Mundial da Saúde  
OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde  
PAN - Padrão Anna Nery  
RU - Reforma Universitária  
REBEn - Revista Brasileira de Enfermagem

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNATE - União Nacional de Auxiliares e Técnicos em Enfermagem

USP - Universidade de São Paulo (USP)

UNIRIO - Universidade do Rio de Janeiro

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFPe - Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	14
1.1	JUSTIFICATIVA E CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO .....	18
1.2	ABORDAGEM TEÓRICA .....	20
1.3	ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	22
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I - DETERMINANTES DA CRIAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO ESPÍRITO SANTO</b> .....	31
2.1	O PLANO DECENAL DE SAÚDE PARA AS AMÉRICAS .....	31
2.2	O DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA E A EXPANSÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO BRASIL .....	37
2.3	O ESPÍRITO SANTO E SEU ENSINO SUPERIOR .....	43
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II - CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO</b> .....	48
3.1	A COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM E O RELATÓRIO DE RECURSOS E NECESSIDADES DE SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO .....	48
3.2	CHEGADA DAS ENFERMEIRAS PARA COMPOR O CORPO DOCENTE E O PRIMEIRO ANO DE CURSO .....	65
3.3	ESTRATÉGIAS DO CORPO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRONCO PROFISSIONAL DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO .....	72
3.4	A CONTRATAÇÃO DE MAIS DOCENTES .....	81
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III - CONSOLIDAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO</b> .....	85
4.1	FORMATURA DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO .....	85
4.2	REFORMULAÇÃO CURRICULAR .....	96
4.3	CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM .....	98
4.4	RECONHECIMENTO DO CURSO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA .....	102

4.5	PRIMEIRA CONVENÇÃO CAPIXABA DE ENFERMAGEM .....	112
4.6	PRIMEIRO CONCURSO PÚBLICO DE PROFESSOR AUXILIAR DO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO .....	118
4.7	OS DESAFIOS ENCONTRADOS NO CAMINHO ENTRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO.....	123
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>127</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem como objeto a criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem do estado do Espírito Santo (ES), que foi o da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O marco temporal inicial é 1976, que corresponde ao ano de criação do curso de graduação em enfermagem da UFES, regulamentado através da Resolução nº 6 de 19 de abril desse ano. O marco temporal final alcança 1981, ano de consolidação do curso, representado pela publicação da Portaria Ministerial nº 271 de 07 de abril desse ano, na qual o curso é reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Para situar o objeto desse estudo, é oportuno esclarecer o processo de criação e expansão de escolas de enfermagem no país, uma vez que os acontecimentos não se dão de forma isolada no espaço e, sim, permanecem ladeados e influenciados pelo contexto político, econômico, social e de saúde, o que facilita o entendimento do objeto deste estudo.

A primeira iniciativa de ensino sistematizado de enfermagem no Brasil data de pouco mais de um século. Aconteceu em 1890, na cidade do Rio de Janeiro, com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Esta escola se baseava no modelo de enfermagem adotado na Europa, influenciado pelos ideais da Revolução Francesa e pelos avanços da psiquiatria na França (PORTO; AMORIM, 2007).

Nos anos de 1914 e 1916, impulsionados pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foram criados pela Cruz Vermelha dois cursos de enfermagem, em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente. Esses dois cursos tinham a finalidade de preparar voluntárias para atender em situações de emergência, guerra, catástrofes e epidemias (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

No entanto, foi no início do século XX que ocorreu a institucionalização da enfermagem anglo-americana desenhada segundo os moldes do “Sistema Nightingale”, através da inauguração, em 1923, no Rio de Janeiro, então capital federal, da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), atual Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (CARVALHO, 1976).

A EEAN, conduzida durante sua primeira década de funcionamento por enfermeiras norte-americanas, foi implantada mediante um convênio de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, que institucionalizou, no interior do aparelho de Estado, a moderna enfermagem profissional. A implantação desse novo modelo de enfermagem aconteceu no bojo da Reforma Sanitária que ocorreu no país entre 1920 e 1924 e da criação do DNSP em 1920 (SAUTHIER; BARREIRA, 1999). No Brasil, mais precisamente na capital federal, a década de 1920 encerrou-se apenas com essa escola de enfermagem criada e em funcionamento, inspirada no modelo Nightingale.

Em 1931, ocorreu a regulamentação do exercício da enfermagem no país e foram fixadas as condições para a equiparação das demais escolas de enfermagem que viriam a ser criadas. Dessa maneira, a EEAN passou a ser considerada a escola oficial padrão, o que institucionalizou o Padrão Anna Nery (PAN) de formação, um alicerce para a configuração da identidade da enfermeira brasileira (TYRREL; SANTOS, 2007).

No final da década de 1940, havia no Brasil vinte e três cursos de graduação em enfermagem, dos quais catorze estavam localizados nas regiões sul e sudeste, cinco no nordeste, três na região centro-oeste e um na região norte. Foi com esse quantitativo de escolas de enfermagem que no dia 06 de agosto de 1949 foi aprovada a Lei nº 775, que dispôs sobre o ensino de enfermagem no país e deu outras providências; dando assim, uma nova orientação ao ensino de enfermagem (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Essa Lei determinou dentre outras coisas que a competência de permitir a criação de novas escolas de enfermagem passasse a ser de responsabilidade da Diretoria de Ensino Superior do MEC e do Ministério da Saúde (MS), e não mais da EEAN, como ocorria até o momento. Instituiu a obrigatoriedade de vinculação de escolas de enfermagem a centros universitários ou a faculdades de medicina e estabeleceu a exigência do curso secundário completo para o ingresso de alunos no curso de enfermagem (BAPTISTA; BARREIRA, 1999).

No período de 1950 até 1956 ocorreu a criação de mais dez cursos de graduação em enfermagem no Brasil, passando de vinte e três (final de 1949) para trinta e três em 1956; sendo dois na região norte, quatro na região nordeste, doze na região sudeste, doze na região sul e três na região centro-oeste (ABEn, 1969).

No que se refere ao número de enfermeiros formados pelas escolas de enfermagem no Brasil, o mesmo sempre foi uma preocupação para a Associação Brasileira de Enfermagem

(ABEn)<sup>1</sup> e para o governo. O quantitativo sempre foi insuficiente, incapaz de superar as demandas de saúde da população. Os dados levantados pela Comissão de Documentação e Estudos da ABEn revelou que até 1968 haviam sido expedidos 8.849 diplomas para enfermeiros. Para fazer uma estimativa mais realista dos enfermeiros em atividade no ano de 1969, foram considerados apenas os diplomas expedidos a partir de 1938, totalizando 7.896 enfermeiros diplomados (ABEn, 1969).

Para a ABEn (1969), o baixo quantitativo de enfermeiros em 1969 era atribuído ao baixo número de vagas nas escolas de enfermagem em relação ao de outras instituições de ensino superior. E, ao contrário do que acontecia na maioria das outras instituições, onde havia excesso de candidatos, criando o problema de excedentes nos vestibulares, na enfermagem, mesmo com o baixo número de vagas, as mesmas não eram totalmente preenchidas, ou seja, não havia procura significativa para o curso.

Nas décadas de 1960 e 1970 muitas mudanças aconteceram no Brasil em decorrência do golpe militar de 1964. Dentre essas mudanças cabe destaque a Lei nº 5.540 de 1968, Lei da Reforma Universitária (RU), que fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com o ensino médio. Tal reforma resultou de um processo iniciado no final da década de 1940 no intuito de modernizar e democratizar o ensino superior do país. A RU, na teoria, também tinha o intuito de discutir e atender às reivindicações estudantis, no entanto, a implantação de um Estado de Segurança Nacional de cunho ditatorial inviabilizou o projeto de universidade crítica e democrática (GALLEGUILLOS, OLIVEIRA; 2001).

No que concerne a enfermagem, a RU de 1968 teve grande repercussão na profissão. Do ponto de vista quantitativo, houve um importante crescimento que ocorreu tanto pelo incremento do número de vagas como pela criação de novos cursos. Esse crescimento se deu através de um programa ligado ao Departamento de Assuntos Universitários (DAU) do MEC, conhecido como MEC/DAU, que incrementou a criação de cursos de graduação em enfermagem, principalmente em distritos geoeeducacionais onde ainda não existia o curso (BAPTISTA, BARREIRA, 1999).

---

<sup>1</sup> Criada em 12 de agosto de 1926, foi até 1973, ano de criação do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), a única entidade responsável pelo arcabouço jurídico e profissional da enfermagem brasileira (MALTA, 2012). Durante décadas, os objetivos que nortearam o trabalho da associação foram: lutar pelo desenvolvimento da enfermagem no Brasil; apropriar-se do campo de conhecimento da enfermagem pelo enfermeiro; e fortalecer um espírito de corpo, privilegiando o “status” social e cultural (BARRETO; OLIVEIRA; LIMA, 1997). Desde então a ABEn constitui-se talvez no maior patrimônio da enfermagem brasileira, postando-se à frente de todos os importantes acontecimentos e lutas que marcaram a profissão (PADILHA; BORESTEIN, 2005)

O número de cursos mais que dobrou, uma vez que o ano de 1969 se encerrou com 30 cursos de graduação em enfermagem no Brasil e o ano de 1980 se encerrou com 65 cursos no país (ABEN, 1969) (MEC/DAU, 1979). Foi nesse contexto que no ano de 1976 foi criado o primeiro curso de graduação em enfermagem no estado do ES, o da UFES.

Na época de criação do curso, para atender à solicitação do DAU/MEC, foi feito um levantamento dos recursos de enfermagem no estado, que detectou um contingente de cinquenta enfermeiros para 1.005 médicos, perfazendo uma relação de um enfermeiro para 29,9 médicos. Cabe lembrar que, na época, a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) era que um bom padrão de assistência à saúde caracteriza-se pelas relações: 6 enfermeiros para cada médico; 5,2 enfermeiros para cada 100 leitos hospitalares e 4,5 enfermeiros para cada 10.000 habitantes (ROCHA, 1975).

Quanto aos cursos de formação em enfermagem, o levantamento constatou que no ES existia como órgão formador de pessoal de enfermagem apenas dois cursos de auxiliar de enfermagem e um curso técnico de enfermagem. E, por fim, que na capital existiam 39 enfermeiros, sendo que cinco deles estavam lotados no Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes (HUCAM)<sup>2</sup> (ROCHA, 1975).

Quanto à distribuição das categorias da enfermagem, o levantamento apontou que no estado assim estavam distribuídas: os enfermeiros com menor percentual (4,1%) e os atendentes com o maior percentual (70,5%). Os auxiliares representavam 22,1% e os práticos de enfermagem 3,5% (ROCHA, 1975).

O ES, localizado em uma posição privilegiada da região sudeste, teve seu primeiro curso de graduação em enfermagem criado com um atraso de mais de 30 anos se comparado à criação dos outros cursos de graduação em enfermagem da região sudeste. Vale ressaltar que, além do atraso na criação do primeiro curso de graduação de enfermagem no estado, o mesmo

---

<sup>2</sup> O Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes é considerado o maior da rede pública de saúde do ES, tendo em vista o volume de atendimentos, sobretudo na alta complexidade. Está localizado no campus universitário de Maruípe, em Vitória, e cumpre a função de hospital-escola, atuando na formação acadêmica em diferentes áreas da saúde, de modo integrado no ensino, na pesquisa e na extensão. O prédio central do hospital funcionou, na década de 40, como Sanatório Getúlio Vargas. Em 1967, foi incorporado à Universidade Federal do Espírito Santo com o nome de Hospital das Clínicas, como ainda é conhecido. Por meio de contrato assinado em abril de 2013, o HUCAM passou a ser administrado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), uma empresa pública vinculada ao Ministério da Educação, criada pelo governo federal com a finalidade de gerenciar os hospitais universitário do país. Por ter tido sua nomenclatura alterada em uma data próxima ao recorte temporal desse estudo, em muitos documentos e depoimentos o HUCAM é referenciado como Hospital das Clínicas. Para esse estudo, achou-se oportuno referenciar o mesmo por Hospital Universitário.

permaneceu sendo o único por 25 anos. Somente em 2001 foi criado o segundo curso de graduação em enfermagem no ES, por iniciativa privada.

Sendo assim, a tese sustentada no presente estudo é a de que a consolidação do curso de graduação em enfermagem da UFES cinco anos após sua criação foi propiciada pelo capital profissional e simbólico de quatro enfermeiras, recém-formadas pela Escola de Enfermagem Annan Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro; tais capitais foram atualizados durante a implantação do curso.

Para dar conta da situação apresentada, foram elaborados os seguintes objetivos:

- 1) Descrever as circunstâncias que determinaram a criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no ES.
- 2) Analisar as estratégias do corpo docente para implantar o curso na UFES.
- 3) Discutir os efeitos simbólicos da consolidação do curso de graduação em enfermagem da UFES.

## 1.1 JUSTIFICATIVA E CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo está inserido no grupo de pesquisa intitulado “História da Enfermagem nas Instituições Brasileiras do Século XX”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado ao Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS).

Os produtos derivados dessa pesquisa servirão de referência para o ensino da história da enfermagem capixaba nos cursos de graduação do estado, uma vez que através da realização do Estado da Arte acerca da temática foi encontrada apenas uma publicação referente à história do ensino da enfermagem capixaba, publicada em 2009 na Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem denominada “Panorama do Campo da Educação Superior em Enfermagem no Estado do Espírito Santo”.

O desenvolvimento do presente trabalho contribui com o Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES, através do levantamento e organização do acervo existente, além da produção de fontes orais que foram incorporadas ao arquivo. Esse acervo conta com documentos escritos e iconográficos doados por professores e alunos egressos do curso, além de um arquivo denominado “Arquivo Morto”, composto por 72 caixas doadas pelo Departamento de Enfermagem.

É oportuno destacar, já como contribuição dessa pesquisa, que no mês de maio de 2014, durante o encerramento da Semana de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UFES, foi firmado um acordo de cooperação entre o Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS) e o Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES. Esse acordo tem como objetivo maior, além da assessoria do Núcleo, na pessoa da Professora Doutora Maria Angélica de Almeida Peres, ao processo de organização do acervo histórico da UFES, promover o intercâmbio de conhecimento e fortalecimento da pesquisa histórica em enfermagem<sup>3</sup>.

Tal cooperação deu visibilidade ao Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES e ao NUPHEBRAS, principalmente no âmbito do Departamento de Enfermagem da UFES, pois alunos e docentes tiveram a oportunidade de ter uma dimensão da trajetória do NUPHEBRAS e de sua contribuição para a história da enfermagem brasileira. Ademais, docentes e discentes puderam visualizar a importância de preservar a memória da profissão.

Acredito também que a socialização da presente pesquisa contribuirá para dar visibilidade ao curso de graduação em enfermagem da UFES, bem como servirá para suscitar novas fontes e abrir novos questionamentos, com a finalidade de manter vivo o processo de construção do conhecimento em história da enfermagem brasileira, além de auxiliar em estudos acerca da trajetória evolutiva da enfermagem capixaba. Desta forma, espero poder contribuir para o ensino e pesquisa da profissão, e, assim, promover subsídios para professores, estudantes e pesquisadores da História da Enfermagem Brasileira.

A motivação para o estudo da temática teve origem em um convite feito pela Professora do Departamento de Enfermagem da UFES, Doutora Roseane Vargas Rohr, para que eu integrasse um projeto que tinha como objetivo organizar o Centro de Memória de Enfermagem da UFES e iniciar estudos de história da enfermagem capixaba, ainda muito incipiente no Departamento. Eu, como capixaba e pesquisadora na área de história da enfermagem, ao me deparar com uma quantidade significativa de fontes históricas, vislumbrei a possibilidade de unir a contribuição que eu daria ao projeto do Centro de Memória com a pesquisa a ser desenvolvida durante meu curso de doutorado.

---

<sup>3</sup> Estavam presentes as Professoras Doutoras Maria Angélica de Almeida Peres, da EEAN/UFRJ, então coordenadora do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery e membro da 20ª Diretoria Colegiada do NUPHEBRAS; Dra. Eliane de Fátima Lima, na condição de coordenadora do Centro de Memória da UFES; Dra. Elizabete Regina Araújo de Oliveira, na condição de chefe do Departamento de Enfermagem da UFES; dentre outros.

## 1.2 ABORDAGEM TEÓRICA

O estudo tem como referência teórica o pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Foram utilizados para subsidiar a análise dos achados os conceitos de *habitus* e campo, os quais constituem categorias centrais do esquema explicativo da Teoria do Mundo Social do autor. Tais conceitos são utilizados, por Bourdieu, para analisar a configuração e a origem dos diferentes espaços sociais, analisando as relações dialéticas entre o *habitus* dos agentes e as estruturas dos campos. Além desses, foram utilizados os conceitos de poder, luta simbólica, capital social e capital simbólico.

No que se refere ao conceito de *habitus*, pode-se entender como um conhecimento adquirido, uma disposição incorporada, duradoura e transferível, que resulta de um longo processo de aprendizado, produto do contato com as diversas estruturas sociais (BOURDIEU, 2010). Para Bourdieu, existem dois tipos de *habitus*: o primário e o adquirido, sendo o primeiro estruturado pelas primeiras experiências vividas na família e o segundo desenvolvido em consequência da inserção do agente em outros espaços sociais, o que resulta da percepção, apreciação e ações realizadas em determinadas condições sociais (BOURDIEU, 2010).

Para este estudo, tomou-se como referência o conceito de *habitus* adquirido, que está estreitamente relacionado ao acúmulo, pelos agentes ou instituições, dos diversos tipos de capital em sua trajetória social. O conceito de capital, emprestado da economia, tem papel nodal para o pensamento do autor. Nesse estudo, o conceito de capital social e simbólico tem importância singular na compreensão da eficácia das estratégias empreendidas relativas às relações sociais estabelecidas pelos professores envolvidos na criação, implantação e consolidação do curso de enfermagem da UFES, para dar conta da ocupação de um novo espaço, onde a presença da enfermagem era inédita.

Isso porque o capital simbólico é uma propriedade de qualquer tipo de capital (científico, econômico, cultural e social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. É precisamente a forma que todo tipo de capital assume quando é percebido através de categorias de percepção, produtos de incorporação das divisões ou das posições inscritas na estrutura da distribuição desse tipo de capital (BOURDIEU, 1996).

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de

inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado (BOURDIEU, 1996).

O conceito de campo refere-se a um espaço multidimensional, onde são estabelecidas relações nas quais as posições dos agentes determinam a forma das interações (BOURDIEU, 2010). A posição ocupada no espaço social, isto é, na estrutura da distribuição de diferentes tipos de capital, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservar ou transformar as posições nesse espaço. Essa posição ocupada depende do volume global do capital possuído e também da estrutura desse capital. Isto é, do peso relativo dos diferentes tipos de capital no campo em questão (BOURDIEU, 1996).

Neste estudo, o campo é representado pelo Departamento de Medicina Social da UFES, que recebeu enfermeiras recém-formadas da EEAN/UFRJ para implantarem o curso de graduação em enfermagem e reorganizarem o serviço de enfermagem do Hospital Universitário. Para esse intento, foi necessário conhecer as relações de forças existentes no mundo universitário, fenômenos de concentração de capital e de poder, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, como também as lutas simbólicas que, em parte, têm por finalidade colocar móvel o controle dos meios de produção e reprodução, próprios do subuniverso considerado (BOURDIEU, 2004).

A posição ocupada no espaço social, até então não ocupada por enfermeiras, se refere à estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo (BOURDIEU, 1996). Dessa forma, ao buscar impor uma visão das divisões do mundo social, levando em consideração a busca dos seus interesses, os agentes encontram-se envolvidos em uma luta propriamente simbólica. Nessa luta Bourdieu diz que:

Os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra, dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam (BOURDIEU, 2010, p. 12).

Assim, vale ressaltar que os conceitos utilizados nessa pesquisa apoiaram satisfatoriamente o desenvolvimento deste trabalho, ao tempo em que provocaram uma predisposição efetiva para a análise e a discussão dos achados, o que favoreceu, neste sentido, a definição de uma perspectiva lógica de compreensão e de edificação de conhecimento.

### 1.3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo histórico-social, com abordagem qualitativa. Pesquisas dessa natureza abarcam grupos humanos em seu espaço sociotemporal, no intuito de identificar e discutir diferentes aspectos do cotidiano das diferentes classes e grupos, buscando luzes no passado para esclarecer aspectos instigantes do presente, inclusive subsidiando a análise de questões futuras (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

Vale lembrar que a pesquisa histórica se caracteriza como abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica dos dados ilustrativos de ocorrências do passado. Tal tipo de investigação depende de informações transmitidas, ao longo do tempo, por aqueles que viveram o evento ou o assunto que se investiga (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

A fonte histórica propicia contato do estudioso com o problema que dá origem ao estudo. Envolve o material através do qual se torna possível examinar ou analisar determinada sociedade humana ou grupo social, no tempo. No caso, privilegiam-se informações de primeira mão, como documentos originais, as relíquias, objetos ou testemunho de pessoas que participaram ou observaram diretamente o fato estudado (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

Nesta pesquisa, as fontes primárias se constituíram de documentos escritos, depoimentos orais e documentos fotográficos. Os documentos escritos e fotográficos foram localizados e selecionados durante o período de abril de 2014 a julho de 2015, no Centro de Documentação da EEAN (CDOC/EEAN/UFRJ), no Rio de Janeiro; e no Centro de Memória da Enfermagem da UFES, em Vitória.

Além disso, fazem parte do *corpus* documental do estudo documentos doados pela Enfermeira Dulce Neves da Rocha ao Centro de Memórias do Departamento de Enfermagem da UFES, por ocasião da entrevista, concedida pela mesma, para essa pesquisa. Os documentos doados por ela são referentes ao período correspondente ao processo de criação do curso de enfermagem da UFES, como pode ser visto a seguir:

- Plano de Atendimento de Enfermagem – Ficha de Verificação – Registro de Situação – DAU/MEC; ofícios; extrato de atas de sessões ordinárias do Conselho Departamental do Centro Biomédico da UFES; portarias; radiograma; projeto de criação do curso de enfermagem da UFES; relatório de atividades junto à UFES e cronogramas de atividades.

O acesso ao acervo do CDOC ocorreu durante minha permanência no Rio de Janeiro para cursar algumas disciplinas eletivas do doutorado e o acesso ao Centro de Memória da Enfermagem da UFES ocorreu ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa. Concomitante à localização e seleção dos documentos dessa pesquisa no Centro de Memória da UFES, foi iniciado o processo de organização, catalogação e armazenamento adequado do material existente no acervo, principalmente o referente ao recorte temporal desse estudo, de modo a facilitar o acesso para pesquisadores futuros.

Na seleção dos documentos escritos, foram estabelecidos alguns critérios de inclusão: documentos cujo teor faziam menção ao Plano Decenal de Saúde para as Américas, ao desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil; ao HUCAM; à UFES e ao seu curso de enfermagem, no recorte temporal definido para o estudo (1976-1981).

Para dar conta de antecedentes e dos desdobramentos do estudo, documentos com datas consideradas próximas a esse recorte também foram incluídos. Vale ressaltar que, durante o andamento da pesquisa em questão, foi necessário retornar aos acervos supramencionados para dar continuidade à produção dos dados da pesquisa. À medida que a mesma foi sendo desenvolvida, outras questões surgiram e os documentos selecionados apontaram para outro ainda não selecionado, por isso a necessidade de retorno aos arquivos.

Entre os documentos escritos consultados, para construção dessa pesquisa, selecionei aqueles expostos a seguir, sob o argumento de que se mostravam mais esclarecedores das questões norteadoras da pesquisa:

- Decretos, leis, estatutos, regulamentos, regimentos, relatórios, boletins internos, ofícios, políticas de trabalho, organogramas, informativos, cartas institucionais, atas de reuniões, convite de formatura e panfleto de divulgação de evento.

Cada documento selecionado foi submetido aos procedimentos de crítica externa e interna, como preconiza o método histórico. Na crítica externa foi verificada a natureza,

procedência, autoria e autenticidade do documento, e na crítica interna foi buscada a apreensão do significado do conteúdo interno do documento, para determinar sua autenticidade (PADILHA, 2005).

Além disso, foi aplicado um roteiro de descrição para cada documento. Esse roteiro comporta dados de identificação; descrição técnica (aspecto físico do documento); descrição de conteúdo (síntese do texto do documento, articulação do texto dos documentos com outras fontes); e síntese interpretativa do documento, articulando o texto do documento com o contexto em que o mesmo foi produzido e com o objeto em estudo, conforme proposto por Santos e Barreira (2002).

Também compuseram as fontes primárias dessa pesquisa documentos fotográficos relativos ao tema, tirados no recorte temporal do estudo. Nesse momento, tomou-se em consideração, conforme Santos e Barreira (1999, p. 82), que a fotografia/gravura pode ser utilizada como documento histórico, como fonte de informação que pode contribuir para compreender a ordem hierárquica estabelecida “de poder e prestígio, das alianças existentes entre frações dos grupos empenhadas no jogo de poder”.

Por ocasião da seleção desse material, foi localizado no Centro de Memória do Departamento de Enfermagem da UFES um acervo iconográfico contendo 848 fotografias, catalogadas por tema e ano. As fotos identificadas que se relacionam ao período de implantação do curso somam 117.

Desse universo de 117 fotografias, foram selecionadas as que foram tiradas por ocasião das solenidades de formatura da primeira turma, por ocasião da confecção do painel de formandos da primeira turma e, por fim, por ocasião da realização da I Convenção Capixaba de Enfermagem. A Tabela 1 apresenta o quantitativo existente dos registros fotográficos desses três eventos supracitados e o número de fotos que foram selecionadas para serem analisadas nesta pesquisa:

**Tabela 1:** Fotografias Selecionadas

Ano	Evento	Número de fotografias	Fotografias selecionadas
1979	Solenidades de Formatura da Primeira Turma	29	5
1979	Confecção do Painel de Formatura da Primeira Turma	31	31
1981	I Convenção Capixaba de Enfermagem	8	1
		<b>68</b>	<b>37</b>

Fonte: a autora.

Com um total de 68 fotografias pré-selecionadas, foram utilizadas nessa pesquisa 37 fotografias, sendo 5 das solenidades de formatura da primeira turma, 31 do painel de formatura da primeira turma e uma da I Convenção Capixaba de Enfermagem. Também foi utilizada nesse estudo uma fotografia, feita por mim, do painel de formatura da primeira turma que foi restaurado pelo Centro de Memória.

Diante do exposto, foi analisado nessa pesquisa um total de 38 fotografias. As mesmas foram eleitas porque se fizeram notar como esclarecedoras para o estudo e ofereceram elementos simbólicos para auxílio na análise conjugada com os dados produzidos.

A análise dos documentos fotográficos selecionados comportou as etapas propostas por Santos e Barreira (2002), quais sejam: a descrição pré-iconográfica, que correspondeu a uma significação primária dos elementos contidos no plano de expressão da fotografia (tamanho, formato, suporte, disposição dos planos), além dos elementos de significação expressiva, como elementos contidos no plano de conteúdo (pessoas, objetos, tema da foto, posturas, interações).

A análise iconográfica (segunda etapa) consistiu na descrição dos elementos (cenário, pessoas, artefatos) expressados no espaço fotográfico. A terceira etapa, denominada análise iconológica, se processou mediante o estudo da significação extrínseca ao conteúdo da foto, envolvendo as relações que explicam a eleição e apresentação do motivo fotográfico (SANTOS; BARREIRA, 2002).

No tocante a produção de dados a partir dos depoimentos orais, a história oral temática foi utilizada como técnica, e, como instrumentos, roteiros para as entrevistas e gravadores digitais. No que se refere aos roteiros, foram construídos um total de cinco roteiros de entrevista semiestruturados para auxiliarem, no momento da entrevista, a localizar no tempo e a situar com relação ao tema investigado os assuntos tratados pelo entrevistado.

Foi construído um roteiro para a enfermeira que fez parte da comissão responsável pela criação do curso; outro para as enfermeiras que vieram da EEAN/UFRJ para implantar o curso; outro para os enfermeiros do HUCAM que foram convidados a integrar o corpo docente do curso; um roteiro para as alunas da primeira turma do curso que foram convidadas a integrar o corpo docente logo após se formarem; e, por último, um roteiro para os alunos da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFES.

Os critérios de inclusão foram ter participado do processo de criação e implantação do curso e/ou pertencer à primeira formação do quadro de docentes do Departamento de

Enfermagem do curso e/ou ser aluno da primeira turma do curso. Os critérios de exclusão foram a impossibilidade de contato, falecimento ou estar impossibilitados por qualquer razão de conceder a entrevista (doença, viagem, memória prejudicada).

De acordo com os critérios de inclusão, foi selecionado um total de 38 depoentes. No entanto, por impossibilidade de contato, memória prejudicada, falecimento ou até mesmo falta de interesse em conceder a entrevista, foram entrevistadas 15 pessoas.

**Tabela 2:** Quadro de depoentes

<b>Nomes</b>	<b>Critério de Inclusão</b>
Dulce Neves da Rocha	Participou do processo de organização e implantação do curso
Angela de Castro Simões	Participou do processo de organização e implantação do curso e pertenceu à primeira formação do quadro de docentes do Departamento de Enfermagem da UFES
Maria Tereza Coimbra	Participou do processo de organização e implantação do curso e pertenceu à primeira formação do quadro de docentes do Departamento de Enfermagem da UFES
Maria Edla de Oliveira Briguento	Participou do processo de organização e implantação do curso e pertenceu à primeira formação do quadro de docentes do Departamento de Enfermagem da UFES
Paulete Maria Ambrósio	Pertenceu à primeira formação do quadro de docentes do Departamento de Enfermagem da UFES
Jorge Guimarães de Souza	Pertenceu à primeira formação do quadro de docentes do Departamento de Enfermagem da UFES
Elda de Azevedo Bussinger	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Selma Bloom Margoto	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Maria Carlota Resende Coelho	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Fátima Maria Silva	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Luiz Carlos Reblin	Aluno da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Maria da Penha Cavalcanti	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Therezinha Barbosa Monteiro	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Maria Aparecida Januário	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES
Mercedes Lubiana	Aluna da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES

Fonte: a autora.

Dos quinze depoentes (Tabela 2), uma foi professora da EEAN/UFRJ e foi convidada para fazer parte da comissão encarregada pela criação e implantação do curso; três fazem parte do grupo das que vieram da EEAN/UFRJ para implantar o curso; dois do grupo que trabalhavam no Hospital Universitário e foram convidados a integrar o corpo docente; duas do

grupo que se formaram na primeira turma e integraram o corpo docente imediatamente após a formatura; e sete foram alunos da primeira turma do curso.

No âmbito da preparação das entrevistas, além da elaboração do roteiro, foi realizada consulta aos dados biográficos dos entrevistados, bem como possíveis referências sobre os mesmos. Apoiado em Alberti (2004), os contatos com os entrevistados foram feitos pessoalmente, quando possível, ou pelo telefone.

No primeiro contato foi explicado sucintamente o objetivo da pesquisa, sugerindo uma data possível para uma primeira visita, contudo, sempre foi permitido que o “futuro entrevistado” pudesse propor outra data, ou até mesmo recusar-se inteiramente a participar. Em um segundo momento foi decidido o local, data e horário da entrevista, também foi explicado como a entrevista seria utilizada na pesquisa e foram sanadas possíveis dúvidas do futuro entrevistado.

Quanto ao local de realização das entrevistas, o mesmo foi decidido de acordo com a preferência dos entrevistados. Apesar da diversidade dos locais foi tomado o devido cuidado para que o ambiente fosse silencioso e garantisse a privacidade dos entrevistados, contribuindo para a qualidade da gravação. De um total de quinze entrevistas, três foram feitas no Centro de Memória da Enfermagem da UFES, três na residência do depoente, uma na casa da colega de Doutorado Mônica Barros de Pontes e oito no local de trabalho dos depoentes, sempre respeitando a preferência do mesmo.

Quanto à realização das entrevistas, oito foram feitas por mim e sete feitas por alunos do primeiro período do curso de enfermagem da UFES, sob minha orientação. As entrevistas foram feitas pelos alunos, no âmbito das disciplinas de Metodologia da Pesquisa e Exercício de Enfermagem.

No primeiro semestre de 2015, os alunos que cursavam essas disciplinas fizeram um trabalho de resgate histórico dos egressos da primeira turma do curso de enfermagem da UFES e, como produto do mesmo, foram feitas entrevistas desses egressos a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, por mim elaborado. Cada trio teve a tarefa de realizar uma entrevista, transcrever a mesma e a partir da transcrição elaborar um resumo sobre a trajetória acadêmica e profissional do egresso, tudo isso sob minha supervisão. Esse resumo foi apresentado na forma de banner, na Mostra Científica do Departamento de Enfermagem da UFES que aconteceu no final do período.

Essa estratégia, idealizada pelo Centro de Memória da Enfermagem da UFES na pessoa da Professora Roseane Vargas Rohr, teve o intuito de despertar o interesse dos alunos

pela história da enfermagem, bem como para a pesquisa histórica, além de divulgar o trabalho desenvolvido pelo Centro de Memória.

As entrevistas foram registradas em dois gravadores digitais portáteis, a fim de evitar imprevistos técnicos durante a realização da mesma. Sabe-se que a tecnologia digital permite melhor qualidade na reprodução do som e maior longevidade do material (ALBERTI, 2004). No tocante ao tratamento dos depoimentos gravados, os arquivos sonoros foram organizados e catalogados a fim de viabilizar a consulta, bem como sua utilização no decorrer do tratamento das entrevistas.

Quanto às transcrições das entrevistas realizadas por mim, as mesmas foram feitas pelos alunos do projeto de iniciação científica do Centro de Memória da UFES Geovane Borges Fontana e Cristielem Lopes, sob minha supervisão. Na transcrição, foi adotada a metodologia proposta por Alberti (1990), que tem como finalidade reproduzir com fidelidade o que foi dito na gravação, na qual após o copidesque de cada entrevista é feito o ajuste do documento para a atividade de leitura sem modificação da entrevista e sem interferência na ordem das palavras. Essa metodologia tem como característica respeitar o dito, limitando-se apenas em corrigir erros de português e fazer a adequação do discurso oral para linguagem escrita.

Para a realização das entrevistas foi respeitada a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Para o consentimento, pelo entrevistado, da divulgação do conteúdo das entrevistas foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e também o Termo de Cessão de Direitos Autorais, para a posterior incorporação da entrevista ao acervo do Centro de Memórias do Curso de Enfermagem da UFES, sob forma de CD (recurso digital) e impresso contendo o áudio da entrevista, a transcrição da mesma, o TCLE e o Termo de Cessão de Direitos.

A fim de atender aos critérios de credibilidade da pesquisa foi realizada a checagem das gravações pelos entrevistados, através da leitura da transcrição de suas falas para assegurar a confiabilidade dos resultados, sendo solicitada a assinatura da Carta de Validação do Conteúdo das Fontes Orais.

Também constituiu o *corpus* documental da pesquisa artigos científicos, livros, teses e dissertações sobre a Universidade Brasileira; Ensino de Enfermagem no Brasil; História da Enfermagem Brasileira, em especial, a história do ES e da UFES, existentes nas bibliotecas setoriais da UFRJ e da UFES, de outras bibliotecas e através de busca sistemática no Portal da

Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (LILACS).

Os dados oriundos dos diferentes tipos de fontes (documentos escritos, fotográficos e orais) foram organizados, classificados e analisados em conformidade com o método histórico-social. Para dar credibilidade aos achados, foi realizada a triangulação das fontes durante a análise.

Para a análise dos documentos, os mesmos foram ainda justapostos, ou seja, foi considerada a massa documental e não o documento isoladamente. Essa estratégia ajuda a assegurar margem aceitável de segurança, para estabelecer as assertivas, especialmente, as de caráter generalizante (PADILHA, 2005).

Vale ainda destacar que o presente projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da EEAN e do Hospital São Francisco de Assis (HESFA), sendo aprovado em 26/11/2014 sob parecer número: 887.407.

Do ponto de vista estrutural, a tese está organizada em três capítulos, como se expõe a seguir:

**Capítulo I**, intitulado como **Determinantes da criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Espírito Santo**, teve a finalidade de descrever as circunstâncias que determinaram a criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no ES. Circunstâncias essas que incluíram o Plano Decenal de Saúde para as Américas como o ponto de partida para diversas mudanças no sentido de corrigir distorções na área da saúde dos países da América Latina.

No **Capítulo II**, designado como **Criação, implantação e desenvolvimento do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo** foram analisadas as condições em que ocorreu o processo de criação, implantação e desenvolvimento do primeiro curso de graduação em enfermagem no estado do ES e foram evidenciadas as estratégias desenvolvidas pelo corpo docente de enfermeiras para ocupar o campo e desenvolver o tronco profissional do curso.

No **Capítulo III**, sob o título de **Consolidação do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Espírito** foi discutida a consolidação do curso de graduação em enfermagem da UFES, pouco mais de cinco anos depois de seu início de funcionamento, representada por um conjunto de acontecimentos materiais e simbólicos, a saber: formatura da primeira turma do curso, primeira reformulação curricular, criação do Departamento de Enfermagem, reconhecimento do curso pelo MEC, realização da I

Convenção Capixaba de Enfermagem e, por fim, realização do primeiro concurso público para o cargo de professor auxiliar do Departamento de Enfermagem.

## **2 CAPÍTULO I - DETERMINANTES DA CRIAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO ESPÍRITO SANTO**

Este capítulo teve a finalidade de descrever as circunstâncias que determinaram a criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no ES. Conjunturas que incluem o Plano Decenal de Saúde para as Américas como o ponto de partida para diversas mudanças no sentido de corrigir distorções na área da saúde dos países da América Latina.

Para o Brasil, foi a partir desse plano que o país assumiu o compromisso através do DAU/MEC de entre outras coisas corrigir até o ano de 1980 a insuficiência numérica de enfermeiros no país através da criação de novas escolas de enfermagem, principalmente em estados ou cidades que ainda não contavam com esse tipo de formação, dentre eles o ES.

Além disso, esse capítulo apresenta o estado do ES, bem como o desenvolvimento de seu ensino superior focado principalmente na UFES, onde foi criado o primeiro curso de enfermagem do estado, sendo o único responsável em formar enfermeiros no ES por vinte e cinco anos.

### **2.1 O PLANO DECENAL DE SAÚDE PARA AS AMÉRICAS**

A partir dos anos 1960, os países da América Latina se uniram no intuito de atender às propostas de mudanças institucionais, consideradas fundamentais no campo da formação de recursos humanos em saúde pública. Tais propostas faziam parte do Plano Decenal de Saúde para as Américas proposto na Carta de Punta Del Este (PAIVA, 2004).

Essa Carta é um dos produtos de uma estratégia política organizada pelo governo norte-americano, escrita pelo Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES) e assinada pelos países da Organização dos Estados Americanos (OEA), dentre eles o Brasil, no evento que ocorreu na cidade de Punta Del Este, no Uruguai, em agosto de 1961, para implementação da “Aliança para o Progresso”. Em termos gerais, essa “Aliança” procurava estimular reformas sociais e estruturais nos países vizinhos dos Estados Unidos da América (EUA) (PAIVA, 2004).

A referida Carta possui dois documentos anexos: a Resolução A.1, intitulada Plan Decenal de Educación de la Alianza para el Progreso; e a Resolução A.2, intitulada Plan Decenal de Salud Pública de la Alianza para el Progreso. Para Paiva (2004) a Resolução A.2 da Carta de Punta Del Este foi responsável por lançar a base de todo um movimento de

vanguarda no campo da saúde pública na América Latina e no Brasil, especialmente no que se refere à discussão acerca do planejamento em saúde e do aumento de cobertura dos serviços.

Os EUA, visando elaborar estratégias para colocar as recomendações propostas na Carta de Punta Del Este em prática, promoveram um total de três encontros entre os ministros da Saúde dos Países da América, que ocorreram respectivamente em Washington (1963), Buenos Aires (1968) e Santiago (1972) (PAIVA, 2004). Esses encontros ficaram conhecidos pelo nome de I, II e III Reunião dos Ministros de Saúde das Américas.

A III Reunião dos Ministros de Saúde das Américas, realizada em Santiago, no Chile, em outubro de 1972, teve como objetivo avaliar os progressos alcançados no período de 1961 a 1970, nos termos dos objetivos traçados pela Carta de Punta del Este, e ainda definir as projeções, em âmbito continental, até 1980. As principais recomendações dessa reunião foram: desenvolver nos países membros um processo de planificação de recursos humanos integrados à planificação da saúde e em cada país desenvolver pessoal de saúde de todo nível (MEC/DAU, 1979).

Para Paiva (2004), tanto o Encontro de Ministros de 1972, em Santiago, como a Conferência Pan-Americana sobre Planificação de Recursos Humanos em Saúde, que se realizou em Ottawa, Canadá, no ano seguinte (1973), foram decisivas para o avanço do tema recursos humanos como questão-chave para a discussão dos avanços considerados necessários no campo da saúde pública no continente americano, apontados pela Carta de Punta Del Este.

Este último encontro, qual seja a Conferência Pan-Americana sobre Planificação de Recursos Humanos em Saúde, procurou justamente discutir e operacionalizar as recomendações referentes à formação de recursos humanos para a saúde, elaboradas na III Reunião de Ministros da Saúde em 1972 (PAIVA, 2004).

Ainda para o autor, o contexto da elaboração e efetivação do chamado “Acordo para um Programa Geral de Desenvolvimento de Recursos Humanos para a Saúde no Brasil” (1973-1975) é fruto de uma pauta de negociações de pelo menos uma década e meia. Pauta que não pode ser entendida como um processo independente ou absolutamente exógeno ao ambiente brasileiro, pois já havia no país forte discussão, pelo menos sobre alguns tópicos ou bandeiras importantes sustentadas pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (PAIVA, 2004).

Nessa ótica, a formação de recursos humanos torna-se questão-chave em todo o processo, sendo primordial tanto sob uma perspectiva quantitativa, pois se considerava reduzido o número de profissionais de saúde, como também do ponto de vista qualitativo,

pois se procurava redesenhar um novo perfil de profissional de saúde, mais atento às circunstâncias epidemiológicas nacionais ou regionais (PAIVA, 2014).

No que concerne à enfermagem, na III Reunião dos Ministros de Saúde das Américas, o diagnóstico apresentado por cada país participante a respeito de suas condições de saúde permitiu relacionar que a aguda escassez de enfermeiros que era de 2,3 para 10.000 habitantes interferia diretamente na problemática de saúde. Também foi observado que o déficit de enfermeiros, sua distribuição e utilização colocavam em risco as ações de enfermagem ofertadas à comunidade em virtude de estarem sendo desenvolvidas pelo auxiliar de enfermagem sem o preparo e supervisão adequada (MEC/DAU, 1979).

A relação de que a aguda escassez de enfermeiros interferia diretamente na problemática de saúde evidencia que a atuação do enfermeiro era valorizada e que a qualidade da assistência de saúde prestada estava diretamente ligada a esse profissional. O enfermeiro, além de capacitar os auxiliares a prestarem assistência de enfermagem adequada, precisava estar presente para supervisionar essa assistência.

Em 1969, segundo dados do Plano Decenal de Saúde para as Américas, a equipe de enfermagem representava uma proporção de 11,1 por 10.000 habitantes, proporção essa insuficiente para prestar um nível satisfatório de atendimento de enfermagem. A aguda escassez de enfermeiros (2,3 por 10.000 habitantes) e sua distribuição e aproveitamento deficiente indicavam que a maior parte da assistência de enfermagem estava sendo realizada por profissionais que necessitavam de preparo e supervisão suficientemente adequados para assegurar atendimento de enfermagem livre de riscos para comunidade (MEC/DAU, 1979).

Diante da constatação da qualidade e quantidade deficiente da categoria profissional, a enfermagem assumiu perante o Plano Decenal de Saúde para as Américas o compromisso de eliminar ou minimizar até 1980, dentre outros problemas, os relativos à assistência de enfermagem livre de risco em 60% dos serviços de saúde comunitária e 6% dos hospitais com 100 leitos ou mais, que em termos proporcionais seriam 4,5 enfermeiros para cada 10.000 habitantes e 5,2 enfermeiros para cada 100 leitos hospitalares (MEC/DAU, 1979).

A intensificação da capacitação de pessoal de enfermagem deveria atingir até o final do decênio a 127.917 enfermeiros e 360.000 auxiliares de enfermagem nos países da América Latina. Para o Brasil significava até 1980 um quantitativo de 55.250 enfermeiros e 181.000 auxiliares de enfermagem. Nessa época o quantitativo era de 10.814 enfermeiros e 23.488 auxiliares de enfermagem (MEC/DAU, 1979) (ABEn, 1969).

A enfermagem assumiu tal compromisso em evento de grande relevância, diante de atores sociais de destaque na área da saúde, assumindo posição de destaque no campo, onde passou a ser um dos centros das ações naquele momento, cujo objetivo final era prover a população com padrões aceitáveis de saúde para atender às novas demandas.

Essa posição de destaque da enfermagem no campo, certamente determinada pela insuficiência quantitativa e qualitativa de enfermeiros, confere aos portadores de diploma de enfermeiro, naquele momento, a possibilidade de benefícios materiais e simbólicos, através da reconversão do capital cultural em capital econômico e das competências garantidas pelo diploma (BOURDIEU, 2015).

Para Bourdieu (2015) as propriedades pessoais, nesse caso o diploma, são adquiridas de uma só vez e acompanham o indivíduo durante toda a sua vida. Resulta daí a possibilidade de uma defasagem ou tonificação entre as competências garantidas pelo diploma e as características dos cargos, cuja mudança depende do momento. Ainda para o autor (2015, p. 167): “A comparação dos cargos que ocupam, em duas épocas diferentes, os titulares de um mesmo diploma, dá uma ideia aproximada das variações do valor dos diplomas no mercado de trabalho.”

Mesmo antes do Plano Decenal de Saúde para as Américas, o déficit de enfermeiros no Brasil já constituía preocupação para a enfermagem brasileira. O Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, realizado pela ABEn e com o apoio de outras instituições, na década de 1950, constatou, dentre outros problemas, os relacionados à quantidade insuficiente de enfermeiros e de escolas de enfermagem (MALTA; PEREIRA, SANTOS; 2014).

Vale destacar que a ABEn, a partir dos resultados apontados pelo Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, divulgados em 1958, propôs recomendações e elaborou estratégias de trabalho visando diminuir o déficit quantitativo e qualitativo do pessoal de enfermagem no Brasil, sendo uma dessas estratégias a busca por apoio e parceira de outras instituições, para que juntos pudessem dar conta dessa deficiência (MALTA *et al.*, 2014).

Dessa forma a ABEn viu no compromisso assumido pelo Brasil perante o Plano Decenal de Saúde para as Américas uma oportunidade de somar forças aos esforços dessa Associação, dando peso e visibilidade à causa já defendida pela mesma, que tinha como meta final corrigir o déficit quantitativo e qualitativo de enfermagem no país.

De acordo com o MEC até 1974 a enfermagem brasileira apresentava-se com características de profissão que menos crescia na área da saúde, guardando uma relação invertida de 6,7 médicos para um enfermeiro; e, nessa mesma relação, oito estudantes de medicina para um estudante de enfermagem (MEC/DAU, 1979). A distribuição de cursos de enfermagem até o ano de 1969, em número de 34, caracterizava-se por concentração na região sudeste e oferecia o total de aproximadamente 1.900 vagas anuais com uma restrita participação federal, concorrendo com apenas 37,2% das vagas ofertadas (ABEn, 1969).

Dessa forma a partir de 1975 foi iniciado no Brasil o desenvolvimento de uma política com o objetivo de corrigir as distorções mais evidentes na área da saúde. Na enfermagem, antes, onde se registrava acentuada deficiência de profissionais, com sérias consequências para os programas federais de saúde, foram tomadas pelo MEC várias providências no sentido de atender a uma política de desenvolvimento nesse setor (MEC/DAU, 1979).

A justificativa para implantação dessa política pode ser vista na introdução do relatório Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil publicado em 1979, onde foi exposto que “o empenho por mudanças contínuas e consequentes no ensino de enfermagem decorre da necessidade de que a formação do enfermeiro seja adaptada às crescentes exigências de saúde da população”. Prosseguindo nesse relatório encontra-se que:

A formação de enfermeiros propõe uma nova concepção que requer uma postura decisiva diante de fatos relativos à: nova filosofia do atendimento de saúde, com ênfase nos aspectos preventivos; organização do sistema nacional de saúde; elevação do nível das populações; assistência voltada para o cuidado integral de saúde prestada diretamente a pessoas e grupos da comunidade (MEC/DAU, 1979, p. 15).

Diante dessa afirmação, confirma-se que o desenvolvimento da enfermagem ocorre a partir das necessidades e contextos de um determinado momento, de forma a atender a tais necessidades. O Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, realizado na década de 1950, evidenciou que a deficiência numérica de enfermeiros sempre esteve presente ao longo do desenvolvimento da profissão no país, porém a enfermagem sozinha pouco podia fazer para tentar reverter essa situação (MALTA; PEREIRA; SANTOS, 2014).

A ABEn, como entidade que acompanhou toda a trajetória de luta e desenvolvimento da profissão, sendo a porta-voz do discurso autorizado da categoria perante os demais, viu a possibilidade de correção dessa deficiência, agora que a causa tinha um interesse maior, qual seja, atender à demanda de um determinado contexto. Dessa forma se aliou ao DAU/MEC em

prol de um interesse que agora era comum às duas instituições (MALTA; SANTOS; ARAUJO, 2014).

Além de se colocar à disposição do DAU/MEC, a ABEn forneceu dados sobre a formação do pessoal de enfermagem no Brasil até o ano de 1969. A obtenção desses dados pela ABEn se deu da seguinte maneira: os dados até 1956 foram obtidos em condições excepcionais, em um período de dois anos (1956-1958), pela comissão executiva do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil; e, a partir dessa data, a ABEn, através de sua Comissão de Documentação e Estudos, manteve esses dados atualizados (MALTA, 2012).

Isso posto, o DAU/MEC, com apoio da ABEn, se propôs a liderar um movimento de renovação do ensino da enfermagem. Considerando que o primeiro requisito de qualidade é a quantidade adequada, e verificando que a insuficiência de enfermeiros no Brasil era alarmante, foi designado um grupo de trabalho para prestar assessoramento no diagnóstico sobre cursos de enfermagem, composto de três educadoras de enfermagem (MEC/DAU, 1979).

Essas três educadoras, que mais tarde ficaram conhecidas como as “Três Marias”, eram enfermeiras, docentes, vindas de três escolas de enfermagem escolhidas dentre as mais antigas instituições de ensino de enfermagem no Brasil. Eram elas: Maria Nilda de Andrade, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPe); Maria Rosa Souza Pinheiro, da Universidade de São Paulo (USP); e Maria Dolores Lins de Andrade, da UFRJ (PAIM, 2001).

As “Três Marias” tinham como característica comum serem de regiões muito populosas e com liderança no ensino de enfermagem; já haviam na época obtido titulações de pós-graduação *strictu sensu* no exterior, e, as escolas, no Brasil, das quais faziam parte, ofereciam cursos de pós-graduação em enfermagem. Ademais, cada uma das “Três Marias” carregava a história de participações em diversas lideranças e já haviam exercido cargos em diretorias de escolas de enfermagem, de vida associativa, de projetos especiais em enfermagem, publicações, pioneirismo em criação de cursos, dentre outros (PAIM, 2001).

Por tudo isso as “Três Marias” possuíam o capital social compatível com os requisitos necessários à realização de um trabalho dessa monta; dessa forma, a escolha do MEC/DAU das profissionais convidadas para prestar consultoria ao Grupo Setorial de Saúde (GSS) levou em consideração o volume e o peso do capital de cada uma.

O capital social entendido por Bourdieu (2015) como um conjunto de recursos atuais ou potenciais de um agente ou grupo está ligado à posse de uma rede durável de relações e à

vinculação a um determinado grupo. O volume de capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural e simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado.

## 2.2 O DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA E A EXPANSÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO BRASIL

Antes de iniciar a descrição das ações do MEC/DAU na década de 1970 em prol da expansão dos cursos de graduação em enfermagem no país, é oportuno levantar alguns pontos que marcaram o cenário brasileiro nessa década. Na primeira metade da década de 1970 os brasileiros sofriam uma forte opressão causada pela vigência do rigor do regime político militar<sup>4</sup> e sob o Ato Institucional de número 5 (AI-5)<sup>5</sup>. A outra metade é marcada pela extinção do AI-5, vindo do comando presidencial, que foi entendido como dar uma trégua ao excessivo rigor da ditadura militar vigente, o que foi exposto à sociedade civil como proposta de “abertura lenta” (PAIM, 2001).

Foi em meio a essa trégua que o MEC/DAU tomou a iniciativa de fazer a composição do GSS, sendo o mesmo considerado como de assessoria, diante das questões sociais de formação em saúde e suas correspondentes implicações. O propósito assumido pelos integrantes desse grupo convergia em criar possibilidades democratizantes na educação, focalizadas na ampliação de vagas e de cursos e, em simultâneas providências, para fomentar mais qualidade no ensino superior, nas diversas áreas profissionais da saúde (PAIM, 2001).

As relações entre saúde e movimentos sociais eram estimuladas em todo país, e o sofrimento causado pela crise econômica e social em todo o mundo se fazia manchete; a população ansiava por mudanças e os projetos nascentes no Brasil durante esse período

---

<sup>4</sup> O período de 1964-1974 do regime militar é caracterizado pela historiografia como de apogeu do autoritarismo e de reformas institucionais inclusive no campo da educação (GERMANO, 1994, p.101). O movimento de 31 de março de 1964, que instaurou o Regime Militar no Brasil, apoiava-se nos argumentos de livrar o país da corrupção e do comunismo e restaurar a democracia; porém o novo regime começou a mudar as instituições do país através de decretos, os chamados Atos Institucionais, justificados como decorrência “do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções” (FAUSTO, 1999, p. 465).

<sup>5</sup> O AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira. Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados (D'ARAUJO, 2012).

buscavam uma nova proposta tanto para educação em saúde como para o exercício dos profissionais dessa área (PAIM, 2001).

É nesse contexto de transformações políticas, sociais e econômicas influenciando diretamente na educação e na saúde que acontece a política de desenvolvimento do ensino superior de enfermagem no Brasil. Desde 1975, o DAU/MEC passou a se preocupar de um modo especial com o problema de crescimento e qualificação de recursos humanos de enfermagem no país.

Um dos primeiros passos para atender a essa questão foi a designação do GSS, através das Portarias nº 134, 138 e 149 de 1975, para prestar assessoria no diagnóstico sobre cursos de enfermagem, composto inicialmente por três educadoras de enfermagem que, como já foi dito, ficaram conhecidas como as “Três Marias”. Esse grupo de trabalho se reuniu em Brasília, na sala de reuniões do DAU/MEC nos dias 12, 13 e 14 de março de 1975, e a partir de um roteiro estabelecido sob a orientação de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, diretor adjunto do DAU/MEC à época, e com assessoria de Dr. Célio Cunha, na condição de coordenador do GSS, elaborou um documento intitulado Situação de Enfermagem - 1975 (MEC/DAU, 1979).

O documento Situação de Enfermagem - 1975 recomendou dentre outras coisas que fosse aumentada a participação federal no ensino de enfermagem por meio de: aumento do número de vagas nas escolas de enfermagem federais existentes, que possuíam potencial e demanda; criação de escola de enfermagem nas universidades federais que não contavam com instituição desse tipo ou, se fosse conveniente para as duas partes, absorção, pela Universidade, de escola já existente na região e criação de escola de enfermagem nos distritos geoeeducacionais ainda não servidos (MEC/DAU, 1979).

Para elaboração das recomendações contidas no documento Situação de Enfermagem - 1975, foram consultados os dados do trabalho elaborado previamente pelas “Três Marias”, intitulado “Formação e utilização dos recursos humanos na área de saúde” (PAIM, 2001).

O diretor do MEC/DAU, Professor Edson Machado de Sousa, para assegurar a continuidade dos trabalhos do GSS, condição essencial à implantação das recomendações contidas no documento Situação de Enfermagem - 1975, solicitou a colaboração da UFRJ, a qual cedeu duas de suas docentes, as quais passaram a integrar o GSS naquele momento. As mesmas foram colocadas a serviço do MEC e passaram a partir de 1976 a residir em Brasília (PAIM, 2001).

Além disso, o Grupo contou com a colaboração de enfermeiras de várias regiões do país, empenhadas no ensino e no exercício da enfermagem, que, apesar de não terem fixado residência temporária em Brasília, participaram de todo o processo de trabalho, cada uma com sua função específica (MEC/DAU, 1979). Dessa forma o GSS ficou assim composto conforme mostra a Tabela 3.

**Tabela 3:** Composição do Grupo Setorial de Saúde do MEC/DAU

Coordenação	Célio da Cunha
Coordenação de Enfermagem	Lygia Paim (EEAN/UFRJ)
Equipe de Análise Estatística	Gauss Moutinho Cordeiro - Instituto Alberto Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE/UFRJ) Mario Jorge Ferreira de Oliveira (COPPE/UFRJ)
Equipe Assessora de Enfermagem	Luiza Aparecida Teixeira Costa Lygia Paim Maria da Glória Miotto Wright
Grupo Permanente de Trabalho	Amália Corrêa de Carvalho (USP-COFEn) Maria Dolores Lins de Andrade (UFRJ) Maria Nilda de Andrade (UFPe) Maria Rosa Souza Pinheiro (USP) Maria Helena Neri (UFRGS)
Especialistas Consultados	Ieda Barreira e Castro (UFRJ-ABEn) Solange Maria Ramos (UFRJ) Teresa de Jesus Sena (UFRJ)

Fonte: MEC/DAU, 1979.

Para implementar as recomendações do documento “Situação de Enfermagem- 1975” era necessário conhecimento seguro da situação do ensino superior de enfermagem no país, o que só poderia ser obtido pelo levantamento das condições das instituições dedicadas a esse ensino no Brasil em 1975 (MEC/DAU, 1979).

O Levantamento das instituições foi dividido em duas partes, sendo a Parte I denominada “Levantamento do Ensino Superior de Enfermagem – Ano Base: 1975” que teve como amostra trinta e oito dos quarenta e um cursos de graduação em enfermagem que funcionavam no país em 1975. Três cursos não fizeram parte do Levantamento por não estarem incluídos oficialmente na listagem existente no Catálogo de Instituições e Cursos do MEC (MEC/DAU, 1979).

A Parte II do Levantamento denominada “Padrão de Curso de Enfermagem: esboço da situação em 1975” que pode ser entendido como perfil médio dos cursos de enfermagem existentes em 1975 e que não deveria ser entendido como um modelo ou referência ideal, pois

para isso ser considerado era necessário que todos os cursos até essa data fossem satisfatórios, o que não era a realidade (MEC/DAU, 1979).

Com os resultados do Levantamento do Ensino Superior de Enfermagem em mãos, o GSS passou a operacionalizar as recomendações do documento “Situação da enfermagem - 1975” elaborado pelas “Três Marias” especialmente quanto aos seguintes aspectos (MEC/DAU, 1979):

- Estimular a criação de novos cursos de graduação em enfermagem, em instituições federais, estaduais, municipais e particulares, cursos esses cuja instalação deveria supervisionar e dar assessoramento;
- Iniciar trabalho sobre requisitos mínimos para criação de cursos de graduação em enfermagem;
- Desenvolver programas de cursos de especialização como forma de qualificação mínima para novos docentes de cursos recém-criados;

Em termos quantitativos em relação ao número de cursos de graduação em enfermagem no país, pode-se dizer que no período de cinco anos (1976-1980) foi criado quase a metade da quantidade de cursos criados ao longo de cinquenta e dois anos (1923-1975). Entre o ano de 1975 e 1980 começaram a funcionar 20 novos cursos de graduação em enfermagem no país (MEC/DAU, 1979).

Se forem levados em consideração os cursos de enfermagem que começaram a funcionar no Brasil na década de 1970, esse crescimento em um curto espaço de tempo fica ainda mais evidente. No país, a década de 1960 se encerra com um total de 30 cursos de graduação em enfermagem e a década de 1970 se encerra com 61 cursos de graduação em enfermagem. Ou seja, o número de cursos criados ao longo de 47 anos (1923-1970) é praticamente o mesmo dos criados em uma década (1971-1980).

A criação e funcionamento de 12 cursos de enfermagem entre os anos de 1972 e 1975, antes mesmo da implantação da política de desenvolvimento do ensino superior de enfermagem no Brasil indica que o país já estava atento a necessidade de formação de recursos humanos de enfermagem e trabalhando para atender essa demanda.

A Tabela 4 mostra os cursos de graduação em enfermagem criados no Brasil na década de 1970.

**Tabela 4:** Cursos de graduação em Enfermagem criados no Brasil na década de 70.

N.º	Ano início funcion.	Estado	Cidade	Nome	Entidade
1	1972	PR	Londrina	Departamento de Enfermagem da FUEL	Estadual
2	1972	RN	Mossoró	Curso Superior de Enfermagem da FURRN	Municipal
3	1973	CE	Fortaleza	Departamento de Enfermagem da UNIFOR	Particular
4	1973	SP	Mogi das Cruzes	Escola de Enfermagem de Mogi das Cruzes – UMC	Particular
5	1974	RN	Natal	Departamento de Enfermagem da UFRN	Federal
6	1974	PI	Teresina	Departamento de Enfermagem FUFPI	Federal
7	1974	AL	Maceió	Departamento de Enfermagem da UFAL	Federal
8	1974	PB	Campina Grande	Departamento de Enfermagem da FURNE	Municipal
10	1975	DF	Brasília	Departamento de Enfermagem da UnB	Federal
11	1975	PR	Curitiba	Departamento de Enfermagem da UFPr	Federal
12	1975	SP	Campinas	Escola de Enfermagem da UNICAMP	Estadual

Fonte: MEC/DAU, 1979.

Dos 31 cursos de enfermagem criados no Brasil na década de 1970, dois iniciaram suas atividades em 1972, dois em 1973, quatro em 1974, três em 1975, catorze em 1976 e por fim cinco em 1977. O ano que mais houve início de funcionamento de novos cursos foi o de 1976, por ser o ano seguinte à implantação da política de desenvolvimento do ensino superior de enfermagem no país, onde o MEC através do GSS estimulou, facilitou e acompanhou a criação desses cursos.

Quanto à distribuição por regiões, o Nordeste liderou em número, com a criação de dez cursos na região, seguido pelo Sul com oito cursos criados. Em seguida a região Sudeste com sete, depois a região centro-oeste com três e por último a região norte com a criação de dois cursos de graduação em enfermagem na década de 1970.

Quanto ao vínculo institucional, os cursos ligados às instituições federais somam em doze, seguidos pelos cursos de iniciativa privada em número de sete, em seguida os vinculados aos estados e aos municípios cada um responsável pela criação de três novos cursos de graduação em enfermagem na década de 1970.

A providência de criar cursos, principalmente por iniciativa Federal, não foi e nem poderia ser isolada. Concomitante a criação dos novos cursos, muitas atividades foram implantadas para o acompanhamento dos mesmos em todos os aspectos que se podem referir como indicadores de qualidade (MEC/DAU, 1979).

Essa preocupação com a qualidade e não apenas com a quantidade sempre foi preocupação da enfermagem. Sobre essa preocupação, Paim (2001) fez o seguinte relato em um artigo publicado na REBEn, escrito por solicitação da ABEn, em virtude da comemoração dos 75 anos da Associação:

Por muitas vezes no ano de 1976, neste Projeto, foi possível perceber, com estranheza, o receio das enfermeiras quando se aventava a hipótese de aumentar vagas ou aumentar o número de cursos de enfermagem no ensino superior. Por vezes retraíam-se e outras vezes argumentavam, com certa irritabilidade, que o risco dessa expansão, era a desorganização, a dificuldade de controle, a fuga do padrão (referindo-se ao sistema disciplinar), entre outros temores (PAIM, 2001, p. 187).

Para não perder o controle e assegurar o crescimento com qualidade, umas das estratégias do GSS foi buscar apoio de docentes de enfermagem de Universidades que já contavam com curso de graduação em enfermagem e incluir no Grupo de Trabalho do GSS as então presidentes do Conselho Federal de Enfermagem (COFEn), Amália Corrêa de Carvalho e da ABEn, Ieda Barreira e Castro. Essa forte aliança, representada por agentes e instituições de peso na enfermagem, pode ser entendida como estratégia da enfermagem para assegurar o controle necessário em relação ao aumento com qualidade.

Para Bourdieu (2015) a existência de uma rede de relações não é um dado natural, nem mesmo um “dado social”, mas o produto do trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, aptas a proporcionar lucros materiais e simbólicos. Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, em curto ou longo prazo.

Para materializar e tornar público o trabalho desenvolvido pelo GSS, foi publicado, em 1978, o relatório denominado Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil. Na página de apresentação desse relatório, o diretor geral do MEC/DAU fez agradecimentos a que cabe destaque:

Os agradecimentos do DAU/MEC são extensivos a todos os membros da equipe, às instituições de ensino, e à Associação Brasileira de Enfermagem, que ofereceram subsídio prestando colaboração para o esforço conjunto em busca de melhores condições de realização deste trabalho (MEC/DAU, 1979).

Essa fala, além de colocar a enfermagem como protagonista do trabalho desenvolvido, reitera o que foi dito ao longo da pesquisa em curso: a ABEn é a porta-voz do discurso

autorizado da enfermagem, principalmente nas causas referentes ao desenvolvimento da profissão, reconhecida não apenas perante seus pares, mas em outras importantes instituições.

O reconhecimento do trabalho desenvolvido pela equipe e pela ABEn por uma autoridade nacional e documentado em um relatório publicado pelo MEC/DAU e divulgado entre os profissionais da área contribuiu para ampliar o capital social e simbólico das pessoas envolvidas e da Associação.

Nos termos de Bourdieu (2008, p. 91) isso significa que a especificidade do discurso de autoridade reside no fato de que não basta que ele seja compreendido, é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio, o que de fato ocorreu na publicação do referido relatório.

Tal reconhecimento somente tem lugar como se fora algo evidente sob determinadas condições, as mesmas que definem o uso legítimo: tal uso deve ser pronunciado pela pessoa autorizada a fazê-lo, conhecido e reconhecido por sua habilidade e também apto a produzir essa classe particular de discursos. Deve ser pronunciado numa situação legítima, ou seja, perante receptores legítimos, devendo enfim ser enunciado nas formas legítimas (BOURDIEU, 2008, p. 91).

Foi nesse contexto de criação de cursos de graduação de enfermagem, facilitado pela Política de Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem, que em 1976 o primeiro curso de graduação em enfermagem do ES foi criado.

### 2.3 O ESPÍRITO SANTO E SEU ENSINO SUPERIOR

O estado do ES localiza-se na região sudeste, é formado por 78 municípios e sua capital é a cidade de Vitória. Apresenta-se como um dos estados mais promissores dessa região, com sua posição geográfica privilegiada e sua ligação ao mercado internacional, proporcionada por um complexo portuário que é considerado um dos mais eficientes do país e o torna uma excelente alternativa para a localização de novas atividades econômicas (MOREIRA; PERRONE, 2007).

Apesar de o ES estar em plena expansão da economia, seu desenvolvimento iniciou-se tardiamente quando comparado aos demais estados da região sudeste. No âmbito da educação superior em enfermagem, esta situação pode ser claramente visualizada, uma vez que nos outros estados da região sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) as escolas de enfermagem já haviam sido criadas na década de 1920 e 1930 (CAMPISTA, *et al.*, 2009).

Para elucidar melhor o atraso do ES em relação aos outros estados da região sudeste, quanto à criação de um curso de graduação em enfermagem, é oportuno descrever como se deu a configuração da implantação dos cursos superiores no estado. Até 1930, a única forma possível de prosseguimento dos estudos em nível superior, para os estudantes capixabas destituídos de recursos financeiros, era os auxílios e pensões concedidos pelo poder público. Para os estudantes de famílias mais estruturadas era comum buscarem a formação em nível superior em outros estados (BORGGO, 2014).

Antes da década de 1930, o ES teve duas experiências que poderiam ter resultado na implantação do ensino superior, a primeira em 1909, com o Instituto de Belas Artes; e a segunda em 1923, com o Instituto de Música. Contudo, além de não se adequarem propriamente às normas reguladoras do ensino superior, essas duas instituições não conseguiram prosperar (BORGGO, 2014).

Em 1930, foram criadas as primeiras escolas superiores no estado: uma Faculdade de Farmácia e Odontologia criada pela iniciativa de um grupo de professores e outra também de Farmácia e Odontologia criada pela iniciativa da empresa Campos & Cia. Ltda., que inicialmente financiaria essa escola. Como não havia necessidade de duas instituições destinadas aos mesmos cursos, após disputa judicial o governo optou por reconhecer a instituição mantida pelo grupo de professores (BORGGO, 2014).

A oficialização da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Vitória deu-se mediante a Lei nº 130, de 24 de outubro de 1936, que a declarou instituto estadual. A partir de então, seu funcionamento foi regular até 1942 (BORGGO, 2014). No mesmo ano, 1930, também foi criada uma Faculdade de Direito que seria instalada no ano seguinte. Marcada desde o começo por grande sucesso, foi oficializada pelo Estado em 1935, sendo incorporada ao sistema federal de ensino superior em 1950. Também na década de 1930, surgiu como ideia promissora a criação da Escola Superior de Agronomia e Veterinária, no entanto a mesma não foi levada adiante e a escola nem chegou a funcionar (BORGGO, 2014).

Em 1942, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Vitória que funcionava desde 1930 foi proibida de funcionar, sendo extinta em 1944. No final da década de 1940 foi fundada a Faculdade de Odontologia do Espírito Santo. Assim, ao findarem os anos 1940, o sistema de ensino superior do estado estava restrito às Faculdades de Direito e Odontologia (BORGGO, 2014).

Em 31 de janeiro de 1951, iniciou-se o período do governo estadual de Jones dos Santos Neves, durante o qual se executou um plano integrado de desenvolvimento cujas

consequências foram as mais significativas para o progresso que o estado passaria a experimentar a partir de então (BORGGO, 2014).

Tal como ocorrera vinte anos antes, surgem, num período não maior que dois anos, mais instituições de ensino superior: a Escola Politécnica; a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; a Escola de Belas Artes; e o Instituto de Música. Além disso, foram criados a Escola de Auxiliares de Enfermagem (Lei nº 707, de 10 de janeiro de 1953) e o Instituto de Tecnologia (BORGGO, 2014).

A diferença entre esse novo surto de desenvolvimento de ensino estadual em nível superior e o ocorrido anteriormente deve-se ao fato que na década de 1930 ele foi resultante de iniciativa privada, enquanto agora decorria das preocupações do poder público. O objetivo do governo, entretanto, era bem mais amplo. A Secretaria de Educação e Cultura vinha desenvolvendo intenso trabalho buscando criar as condições para implantação de uma universidade (BORGGO, 2014).

Como primeira medida prática nesse sentido, foi criado, pelo Decreto Estadual nº 1236, de 08 de abril de 1953, o Conselho de Ensino Superior. Entre as atribuições desse Conselho, incluía-se a de “elaborar o anteprojeto de estatuto da futura ‘Universidade do Espírito Santo’”. Esse projeto foi aprovado sem discussão, com emendas sugeridas pelas comissões em 20 de abril de 1954. A redação final foi lida em 23 de abril do mesmo ano. Aprovado em Assembleia, o projeto foi sancionado pelo governador, sendo transformado na Lei nº 806, de 05 de maio de 1954. Consumou-se, assim, a criação da Universidade do Espírito Santo (BORGGO, 2014).

Criada a Universidade, era preciso cuidar da sua instalação. Em 22 de maio de 1954, o Professor Ceciliano Abel de Almeida foi nomeado para exercer o cargo de reitor. Finalmente, terminados os preparativos necessários, instalou-se solenemente a Universidade em 26 de maio de 1954 (BORGGO, 2014).

A Universidade do Espírito Santo, assim denominada, passava a reunir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; a Escola de Medicina; a Faculdade de Odontologia; a Escola de Química Industrial e Farmácia; a Escola Politécnica; a Escola de Música; e a Escola de Belas Artes (BORGGO, 2014).

Logo após sua criação, a Universidade do Espírito Santo passou a enfrentar problemas. Para discussão desses problemas foram realizadas vinte e oito sessões pelo Conselho Universitário, no período de 1954 a 1958. Os assuntos tratados com mais frequência nessas reuniões do Conselho foram: a situação funcional, o vencimento dos professores, a

organização dos estatutos, a regularização das faculdades e escolas perante a legislação federal, a autonomia da Universidade e por fim os problemas relacionados com a cidade universitária (BORGO, 2014).

A paralisação das atividades da Reitoria e do Conselho Universitário, em 1958, e as dificuldades encontradas no processo de reconhecimento fizeram com que os esforços se orientassem no sentido de transferir a Universidade para o sistema federal de ensino. Após um período intenso de negociações, no dia 30 de janeiro de 1961, no governo do presidente da República Juscelino Kubitschek é aprovada a Lei Federal nº 3.868, integrando a Universidade do Espírito Santo ao sistema federal. Com essa integração a mesma passou a ser denominada Universidade Federal do Espírito Santo (BORGO, 2014).

A Universidade havia deixado de funcionar regularmente desde 1958, e a aprovação de seu estatuto em outubro de 1961 representou o ponto de partida no sentido de tornar possível a tomada de providências para o seu funcionamento. (BORGO, 2014).

De acordo com a Lei Federal nº 3.868 a UFES passava a constituir-se das seguintes escolas e faculdades: Escola de Belas Artes; Faculdade de Direito; Faculdade de Ciências Econômicas; Faculdade de Odontologia; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Escola Politécnica; Escola de Educação Física; e Faculdade de Medicina (BORGO, 2014).

Em relação aos cursos de graduação integrados ou criados na UFES, é oportuno fazer uma breve descrição dos vinculados ao Centro Biomédico (CBM)<sup>6</sup>. Apesar de já vir funcionando desde março de 1972, formalmente, o CBM da UFES foi implantado no dia 15 de fevereiro de 1973. Este Centro foi criado para absorver as atividades profissionalizantes dos cursos de Odontologia e de Medicina, que ocorriam nas Faculdades de Odontologia e de Medicina (REDINS, 2011).

Em 12 de julho de 1972, através da Portaria nº 245 do reitor Máximo Borgo Filho, foi constituída a Comissão para apresentar ao Conselho Universitário proposta de departamentalização do Centro Biomédico. Do trabalho desta Comissão resultou a Resolução nº 22, de 17 de novembro de 1972, do Conselho Universitário, que definiu a estrutura

---

<sup>6</sup> Em 17 de novembro de 2005, o nome do Centro Biomédico (CBM) foi modificado para Centro de Ciências da Saúde (CCS), através de alteração do Estatuto da UFES, feito pela Resolução número 01/2005 dos Conselhos Universitário e de Ensino, Pesquisa e Extensão. Atualmente fazem parte do CBM quinze departamentos: ciências farmacêuticas, ciências fisiológicas, clínica cirúrgica, clínica médica, clínica odontológica, educação integrada em saúde, enfermagem, ginecologia e obstetrícia, medicina especializada, medicina social, morfologia, patologia, pediatria, prótese dentária e fonoaudiologia.

departamental desse Centro constituído por seis Departamentos: Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Clínica Odontológica, Prótese Dentária, Medicina Especializada e Medicina Social (REDINS, 2011).

Foi inserido no Departamento de Medicina Social que em agosto de 1976 foi criado o Curso de Enfermagem, através da Resolução nº 4, de 19 de fevereiro de 1976, do Conselho Universitário da UFES. Somente a partir de 07 de novembro de 1979 o Departamento de Enfermagem foi constituído, através da Resolução nº 50 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFES, que o criou (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

Apesar do curso de graduação em enfermagem no ES ter sido criado com quase quatro décadas de atraso em relação aos outros cursos de enfermagem dos estados da região sudeste, se for comparado com a data de criação dos cursos da área da saúde criados no estado, esse intervalo não fica tão discrepante ao considerar que foi o quarto a ser criado. Com uma diferença de quarenta e seis anos para o de odontologia, se for considerada a sua primeira data de funcionamento, quinze anos para o curso de medicina e sete anos para o curso de farmácia.

Após um intervalo de mais de três décadas da criação do curso de enfermagem da UFES, foram criados os cursos de fisioterapia, terapia educacional, nutrição e fonoaudiologia. Dessa forma, fazem parte do CBM, até o momento, oito cursos de graduação: enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia e terapia ocupacional.

### **3 CAPÍTULO II: CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Este capítulo analisou as condições em que ocorreu o processo de criação, implantação e desenvolvimento do primeiro curso de graduação em enfermagem no estado do ES, evidenciando as estratégias desenvolvidas pelo corpo docente de enfermeiras para ocupar o campo, representado pelo Departamento de Medicina Social, e desenvolver o tronco profissional do curso.

#### **3.1 A COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM E O RELATÓRIO DE RECURSOS E NECESSIDADES DE SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO**

O tempo entre a criação e o início do funcionamento do curso de graduação em enfermagem da UFES foi relativamente rápido, como será exposto ao longo desse capítulo. Essa rapidez é consequência da Política de Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil, iniciada a partir de 1975, que tinha como uma de suas finalidades possibilitar condições favoráveis para criação de cursos de enfermagem, priorizando as instituições federais onde ainda não havia o curso. Sobre essa facilidade Paim (2001) fez o seguinte relato em um artigo de sua autoria, denominado A Formação de Enfermeiros no Brasil na Década de 70:

As Universidades Federais que ainda não contavam com a oferta de Cursos Superiores de Enfermagem mostravam-se animadoras, cheias de expectativa, apalavrando, desde os primeiros contatos, que fariam todo esforço e empregariam toda concentração de recursos, para desenhar o projeto dessa oferta de cursos. Para essas Universidades Federais o DAU/MEC reservava o máximo de atenção e criava facilidades para que o assessoramento técnico não faltasse durante todo o processo de implantação dos Cursos e as exigências de qualidade fossem todas cumpridas em tempo hábil até chegar à obtenção da autorização e reconhecimento desses Cursos (PAIM, 2001, p. 189).

A determinação do que Bourdieu (2010) denominou de uma “nova ordem social no campo”, que tinha agora como foco das ações do governo a correção do déficit numérico de enfermeiros, para atender às novas demandas de saúde da população, propiciou facilidades

para que fossem criados cursos de graduação em enfermagem, priorizando as Universidades Federais que ainda não o possuíam. Cabia à UFES aproveitar o momento oportuno.

O favorável momento que os docentes e dirigentes da UFES souberam aproveitar pode ser explicado como uma forma de que se reveste, em cada momento e em cada campo social, o conjunto das distribuições das diferentes espécies de capital, como instrumentos de apropriação do produto objetivado do trabalho social acumulado, definindo o estado das relações de força entre agentes objetivamente definidos por suas posições nestas relações. Esta posição determina os poderes atuais ou potenciais nos diferentes campos e as probabilidades de acesso aos ganhos específicos que eles ocasionam (BOURDIEU, 2010, p. 135).

Dessa forma, no início de 1975 o Professor e chefe do Departamento de Medicina Social da UFES e médico sanitário, Thomaz Tommasi começou a se articular de modo a viabilizar a criação do curso de graduação em enfermagem na Universidade. Além de valorizar e reconhecer a importância da enfermagem nos serviços de saúde, o médico já idealizava um curso de enfermagem na UFES (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

Não obstante, a criação do curso de enfermagem atrelado ao Departamento de Medicina Social pode ser entendida como estratégia de exercício do poder simbólico, que por sua vez traz embutido à violência simbólica, mencionada por Bourdieu (2010) como sendo:

A dominação de uma classe sobre outra, mediante o uso de instrumentos de comunicação e de conhecimento para imposição ou legitimação da dominação levando à domesticação dos dominados. É o poder de impor e até mesmo de inculcar. Assim, a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante e, portanto, à dominação, através de esquemas que ele [o dominado] põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes, esquemas estes que resultam da incorporação de classificações de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 1999, p. 47).

A primeira providência no sentido de criar condições favoráveis para implantação do curso na UFES foi nomear uma pessoa responsável para organizar e desenvolver o trabalho necessário visando atender às exigências estabelecidas pelo DAU/MEC. A pessoa nomeada pelo Doutor Thomaz Tommasi para essa tarefa foi a enfermeira Dulce Neves da Rocha.

Os motivos que determinaram a escolha de Dulce foram: ser capixaba; ter experiência como enfermeira no estado; já ter trabalhado com o Doutor Thomaz Tommasi, manter uma relação de amizade com o mesmo e, portanto, ser de sua confiança, e por fim ser professora

da EEAN e contemporânea da também Professora da EEAN Lygia Paim que, naquele momento, estava na condição de coordenadora de enfermagem do GSS. Por esses motivos, Dulce Neves da Rocha tinha o capital social, científico e cultural compatível para desempenhar tal função, qual seja a de responsável pela implantação do curso de graduação em enfermagem da UFES.

Visto sua relevância no processo de criação do curso de enfermagem da UFES, se faz oportuna a descrição da trajetória da enfermeira Dulce Neves da Rocha para entender sua relação com o estado e com a enfermagem.

Nasceu em 1929 em um bairro periférico da cidade de Vila Velha, no estado do ES. Aos 12 anos, quando estava terminando a primeira fase do ensino fundamental se mudou para o interior de Domingos Martins, cidade da região serrana do estado, localizada a 52 quilômetros da capital Vitória (ROCHA, 2015).

Com a mudança para o interior, Dulce foi obrigada a interromper seus estudos, pois a única escola que havia onde morava era de ensino primário. Seu consolo era ouvir aulas pelo rádio, no canal do Ministério da Educação, e nas horas livres se dedicava a leitura de livros (ROCHA, 2015).

Em 1949, quando completaria 20 anos, Dulce foi incentivada, por seu padrinho, a participar do processo seletivo do curso de visitadora sanitária, que seria inaugurado na capital do estado. Mesmo sem preencher o pré-requisito do curso, que exigia escolaridade igual ou equivalente ao ensino médio completo, Dulce seguiu os conselhos do padrinho, participou do processo seletivo e obteve a maior pontuação entre os concorrentes. Assim, por intermédio de seu padrinho, que era muito amigo do Doutor Jayme Santos Neves, diretor do Departamento Estadual de Saúde à época, Dulce entrou para a primeira turma do curso de visitadora sanitária do Espírito Santo (ROCHA, 2015).

O curso de visitadora sanitária, com duração de dez meses, foi criado por mediação da enfermeira Elvira Cunha, formada na EEAN. Sua pretensão era instalar no estado um serviço de saúde pública semelhante ao sistema americano. Logo após a formatura da primeira turma e após a criação de outros cursos de visitadora Sanitária no Estado, Elvira Cunha, que era funcionária do Ministério da Saúde, deixou o ES (ROCHA, 2015).

Ao concluir o curso, Dulce Neves da Rocha foi contratada pelo Ministério da Saúde para supervisionar todas as unidades de saúde do estado, além trabalhar junto com o médico Jolindo Martins, um dos professores do curso, na chefia de oito postos de puericultura espalhados pelo estado (ROCHA, 2015).

No final de 1960, com quase vinte anos de experiência na área, Dulce prestou vestibular para concorrer a uma vaga no curso de graduação em enfermagem da EEAN. Ao ser aprovada, precisou pedir licença do Ministério da Saúde. Por conta do seu bom relacionamento com pessoas influentes, Dulce teve sua licença concedida, com compromisso de retornar ao ES quando terminasse seus estudos, porém essa condição nunca foi formalizada (ROCHA, 2015).

Quando foi estudar na EEAN, Dulce tinha experiência prática de quase vinte anos, e isso a tornava uma aluna diferenciada. Sua contemporânea Lygia Paim, que se formou uma turma depois de Dulce, entrou na Escola com 17 anos. Apesar da diferença de idade, as duas trabalhavam muito juntas e mantinham um ótimo relacionamento. Ao concluírem o curso, Dulce foi contratada como enfermeira do Hospital São Francisco de Assis (HESFA), campo de prática da EEAN, e Lígia foi contratada como professora da Escola. Apesar de o vínculo ser diferente, as duas tinham as mesmas funções: pela manhã cumpriam carga horária no hospital e depois das quinze horas davam aulas na graduação (ROCHA, 2015).

A respeito do convite feito pela então diretora da EEAN, Ana Jaguaribe Nava, que culminou em sua contratação, Dulce disse que o aceitou com uma ressalva: “Eu disse para ela (Ana Jaguaribe Nava) que só tinha um porém: existem três pessoas no Espírito Santo que a qualquer momento que me chamarem eu volto. Dr. Jayme, Dr. Tommasi e Dr. Jolindo”.

Assim foi feito:

Quando Dr. Jayme resolveu dar mais vida à liga espírito-santense contra tuberculose, me enviou uma carta dizendo que tinha um trabalho muito interessante; ele sabia que eu gostava de pesquisa. Mostrei a carta para Dona Waleska Paixão, que era diretora da Escola na época, e disse que ia embora. Tudo era feito na base do código de honra. Ela disse: Dulce, nós temos muitas enfermeiras que terminam o curso e não conseguem emprego imediatamente, e nós precisamos de enfermeiras. Você deixa uma procuração para secretária da Escola receber seu salário e pagar a enfermeira que ficará em seu lugar. Você sai por dois anos e depois retorna (DULCE NEVES DA ROCHA).

Ao findarem os dois anos, Dona Waleska Paixão enviou uma carta para Dulce dizendo que estava na hora de voltar e assim aconteceu: “Precisei mostrar a carta ao Dr. Jayme. Na festinha de natal de encerramento do ano, ele me deu de presente um novelo e disse para eu amarrar a pontinha daquele novelo no pé e que ele ficaria com a outra ponta do novelo me esperando” (DULCE NEVES DA ROCHA).

A segunda vez que Dulce Neves da Rocha foi solicitada a voltar ao ES foi com a incumbência de implantar o primeiro curso de graduação em enfermagem no estado. Sobre essa solicitação a mesma disse: “Eu e Lygia éramos muito amigas e gostávamos de trabalhar juntas. Lygia tinha ficado à disposição do Ministério da Educação e se lembrou de mim na hora de selecionar alguém para ajudar na criação do curso no Estado” (DULCE NEVES DA ROCHA).

Foi então no dia 22 de abril de 1975, durante a oitava reunião ordinária do Conselho Departamental do CBM da UFES, que foi aprovada por unanimidade a “necessidade urgente da vinda da Professora em referência (Dulce Neves da Rocha) para organização e coordenação do curso de enfermagem a ser criado no Centro.” A justificativa para a escolha da mesma foi baseada em seu “alto nível e reconhecida capacidade” (UFES, 1975).

Após essa reunião, no dia 23 de abril de 1975, foi expedido pelo Departamento de Medicina Social o Ofício nº 0305, destinado ao Magnífico Reitor da UFES, que expunha entre outras coisas:

Considerando a necessidade de implantação do curso de enfermagem neste Centro; Considerando também a necessidade de termos um elemento para organização e coordenação do referido curso; Considerando ter a Professora Dulce Neves da Rocha manifestado interesse em se transferir para a nossa Universidade; [...] Considerando ainda a aprovação unânime do Conselho Departamental, em sessão ordinária realizada no dia 22 do corrente mês, Vimos, [...] solicitar Vossa Magnificência determinar as providências cabíveis para a concretização da transferência em apreço e posterior lotação da docente indicada no Departamento de Medicina Social desta Unidade (UFES, 1975).

Dando continuidade, no dia 29 de agosto de 1975, através da publicação da Portaria nº 472 o reitor da UFES usando de suas atribuições resolveu: “Alterar, em parte, a Portaria nº 400 de 23/07/75, para incluir a Professora Dulce Neves da Rocha, da UFRJ, como membro da Comissão encarregada de proceder ao estudo de organização do curso de enfermagem da UFES” (UFES, 1975).

Sobre a escolha de Dona Dulce para integrar a Comissão, pode-se dizer que o motivo que determinou sua escolha foi o volume de capital que a mesma havia acumulado. Cumpre notar que, no processo de acumulação de capital, uma das formas de reconversão de capital é de que a posse do mesmo, nesse caso o capital social, tem a tendência de favorecer a aquisição suplementar de capital, onde a carreira ou trajetória “bem sucedida”, torna-se um processo contínuo de acumulação (BOURDIEU, 2010).

No que diz respeito à solicitação para que a Professora Dulce fosse transferida da UFRJ para a UFES, a mesma disse:

Realmente fiquei muito assustada, porque lá (EEAN/UFRJ) eu já estava como professora e não mais como enfermeira do Hospital São Francisco de Assis. Eles mandaram um pedido de autorização para eu ir para a UFES. O Dr. Tommasi, que era meu amigo, e o Dr. Jayme queriam que me transferissem da UFRJ para a UFES (DULCE NEVES DA ROCHA).

Sobre sua vontade de ser transferida para a UFES, Dulce falou:

Minha família toda morava no ES, porém eu tinha um casamento complicado e o meu marido não queria vir. Como ele era médico, Dr. Jayme o propôs uma colocação no mercado, mas um cargo inferior ao que ele ocupava no Rio. Lá ele trabalhava nos altos escalões da previdência, então ele não concordou em vir (DULCE NEVES DA ROCHA).

Além do marido de Dona Dulce não querer ir para Vitória, a UFRJ também não autorizou sua transferência, permitiu apenas que a mesma ficasse à disposição da UFES o tempo necessário para implantação do curso. Sobre isso a Professora Dulce disse:

O reitor de lá [UFRJ] não autorizou minha transferência e a Escola [EEAN] insistiu para eu não vir, e que iria permitir que eu ficasse à disposição da UFES o tempo que fosse necessário. Era uma boa solução, ficar aqui sem me desligar de lá e ter oportunidade de visitar minha família. A história foi essa, achei ótimo, para que eu iria brigar? Estava em uma situação cômoda, podia ir quando quisesse, e fui muitas vezes (DULCE NEVES DA ROCHA).

A fala da professora demonstra que o capital (social, científico e cultural) construído ao longo de sua carreira era reconhecido e valorizado pelas duas instituições. E foi esse reconhecimento de capital que fez com que a UFRJ criasse uma condição especial, permitindo que Dulce, mesmo vinculada à Universidade, desenvolvesse o trabalho necessário para criação do curso na UFES. Isso porque a instituição, apesar de reconhecer a importância da contribuição da professora para criação do curso no estado, não abriria mão de sua docente.

Com o acordo feito, o Magnífico Reitor da UFES designou os Professores Cassiano Antonio Moraes, Thomaz Tommasi e Fausto Edmundo Lima Pereira, todos do CBM da UFES, e a Professora Dulce Neves da Rocha da EEAN/UFRJ, para, sob a presidência do primeiro, constituírem a Comissão encarregada da implantação do curso de enfermagem na Universidade (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

Sobre o trabalho desenvolvido pela Comissão, Dulce disse: “Comecei a montar o curso de enfermagem da UFES ainda no Rio de Janeiro. Eu e Lygia, e Dona Dolores (Maria Dolores Lins de Andrade, além de ser uma das “Três Marias” era diretora da EEAN na época) sempre ajudava em tudo” (DULCE NEVES DA ROCHA).

Sobre a participação dos outros membros da Comissão Dulce relatou:

Eles não se meteram, eu trouxe tudo pronto do Rio de Janeiro. Minha relação com esses professores era muito boa. Existe uma barreira entre médicos e enfermeiros, eu nunca tive isso, porque eu comecei no meio deles. Eles confiavam em mim e eu nunca me senti submissa, era todo mundo igual (DULCE NEVES DA ROCHA).

Como foi exposto acima, a Comissão, apesar de possuir quatro membros, teve seu trabalho desenvolvido por apenas um deles, no caso, Dulce. Outro ponto que merece destaque é que os outros membros da Comissão, inclusive o coordenador, eram homens e médicos. Nos termos de Bourdieu (2010, p. 275), pode-se explicar que a configuração dessa Comissão teve o sentido de impor o princípio de visão e divisão legítima em matéria de representação figurada do mundo. Este princípio é ele próprio uma dimensão do princípio fundamental de visão e divisão legítima dos médicos e homens, detentores do monopólio da violência simbólica legítima, que possuem o poder de se impor universalmente nos limites de sua alçada.

A primeira atribuição de Dulce Neves da Rocha com vistas à implantação do curso de enfermagem da UFES foi selecionar pelo menos três enfermeiras da EEAN para acompanhá-la na montagem do curso, e depois vir para a UFES para compor o corpo docente do curso que seria criado. Sobre isso Dona Dulce disse: “A primeira coisa foi escolher pelo menos três pessoas para vir para Vitória e me acompanhar, ainda no Rio, nessa montagem. E as escolhidas foram Tereza, Angela e Laurinda” (DULCE NEVES DA ROCHA).

Sobre os motivos que determinaram sua escolha: “Eu tive que achar três, então procurei as três que, em minha opinião, mais haviam se destacado na graduação. Pensei em alunas que eram dedicadas, estudiosas, que tinham um potencial, foi isso que avaliei” (DULCE NEVES DA ROCHA).

A respeito do convite feito pela Professora Dulce, para vir para o ES compor o corpo docente do curso de enfermagem da UFES, Maria Tereza Coimbra e Angela Maria de Castro Simões falaram:

Era monitora da disciplina de Enfermagem Materno-Infantil e tinha feito Habilitação também em Enfermagem Materno-Infantil, mesma área de atuação da Dona Dulce. Ela me convidou para vir para Vitória para fazer parte do quadro de professores do curso. Fiz uma entrevista e um curso em Metodologia de Ensino de Assistência da Enfermagem. Fui a única que foi na entrevista, outras foram chamadas, mas não foram. Ela disse que eu tinha o direito de chamar mais duas pessoas. Chamei a Angela e a Laura e Dona Dulce sugeriu o nome da Edna (MARIA TEREZA COIMBRA).

Dona Dulce chamou primeiro a Tereza, depois Tereza falou comigo e com a Laura e depois a Edna foi convidada. Nós viemos recém-formadas para cá. Eu nem sabia onde ficava o Espírito Santo (ANGELA MARIA DE CASTRO SIMÕES).

Dando prosseguimento aos trabalhos da Comissão, o segundo passo foi realizar um levantamento dos recursos e necessidades de saúde no estado, no intuito de atender à solicitação do diretor geral do DAU/MEC. Para realização do referido levantamento, Dulce Neves da Rocha coletou dados oficiais da OMS, do Ministério da Saúde (MS) e da ABEn (ROCHA, 2015).

A respeito do conhecimento necessário para coletar os dados para o levantamento, Dulce Neves da Rocha já possuía experiência nesse tipo de trabalho. Tal experiência foi adquirida durante o curso de pós-graduação que fez na USP. Uma de suas professoras na pós-graduação foi Maria Rosa Souza Pinheiro (uma das “Três Marias” e que na década de 1950 coordenou o Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil). Além disso, Dulce podia contar com a ajuda da Lygia Paim e de Maria Dolores Lins de Andrade, caso surgissem dúvidas no decorrer da coleta de dados, que foi realizada no Rio de Janeiro (ROCHA, 2015).

Para realização desse levantamento, Dulce Neves da Rocha foi beneficiada pelo seu volume de capital social, ou seja, o conjunto de recursos atuais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações ou, em outros termos, à vinculação a um grupo. (BOURDIEU, 1996).

Além do levantamento das necessidades de saúde do ES, a Professora Dulce precisou preencher um formulário elaborado pelo programa de assessoria do DAU/MEC denominado Plano de Atendimento de Enfermagem – Ficha de Verificação – Registro de Situação, no qual eram verificados os seguintes componentes acerca da Universidade que estava pleiteando autorização para criação do curso: área física; estrutura departamental; recursos humanos; biblioteca e campos de estágios (MEC/DAU, 1975).

Para o preenchimento do formulário, foi necessária uma visita da professora à Universidade, para verificação *in loco* de cada um dos componentes que deveriam ser

registrados na Ficha de Verificação. Na ocasião de sua visita, Dulce elaborou um cronograma de atividades, como pode ser visto na Figura 1:

**Figura 1:** Cronograma de atividades de Dulce Neves da Rocha

Dias / Atividades / Turnos	VERIFICAÇÃO							
	1º		2º		3º		4º	
	M	T	M	T	M	T	M	
• Comunicação de Reitor	///							
• Verificação área física	///							
• Discutação estrut. dep.		///						
• Previsão R. Humanos		///						
• Organização Curric.			///					
• Material didat. aux. (sala aula, lab, biblioteca)				///				
UFES 102								
• Campos de estágio					///	///		
• Comunicação de Reitor						///		
• Preparo Relatório							///	

Fonte: Acervo Pessoal de Dulce Neves da Rocha, doado ao Centro de Memórias do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES.

De acordo com o cronograma estabelecido pela Professora Dulce, ela permaneceria em Vitória por quatro dias, e as atividades ocupariam o período matutino e vespertino; sendo o primeiro dia da manhã destinado a comunicação com o reitor e verificação da área física e o período da tarde destinado a orientação da Estrutura Departamental do Departamento de Medicina Social e a previsão de recursos humanos necessários para o funcionamento do curso.

O segundo dia teve sua manhã destinada a organização do currículo do curso e o período da tarde destinado a verificação de material didático das salas de aula, da biblioteca e dos laboratórios. No terceiro dia, a verificação dos campos de estágio ocupou o período matutino e vespertino e a comunicação com o reitor no final da tarde. O quarto e último dia de verificação comportou apenas atividade no período matutino, que consistiu na elaboração do relatório das atividades desenvolvidas durante esses quatro dias.

O relatório das atividades desenvolvidas durante os dias de permanência da Professora Dulce com vistas ao preenchimento da Ficha de Verificação desenvolvida pelo DAU/MEC apontou algumas considerações. Sobre o componente de verificação relacionado à área física, cabe destaque:

O CBM da UFES ocupa uma área muito ampla com pequenas edificações. A direção, os diversos Departamentos e o Hospital Universitário distribuem-se pelos diversos prédios, quase todos em fase de reformas para adaptações para os fins a que se destinam. Nessas adaptações estão previstas áreas para: Divisão de Enfermagem do Hospital Universitário; Gabinete para a Coordenação do curso de enfermagem; vestiário para estudantes; vestiário para professores e instalações sanitárias (ROCHA, 1975).

A respeito da instalação física do Departamento de Medicina Social ao qual o curso seria vinculado foi relatado que:

No prédio em que está localizado o Departamento de Medicina Social existem três pequenas salas de aula onde funciona o curso técnico (de enfermagem) e que poderão a título precário ser utilizadas para o curso de enfermagem, enquanto serão tomadas providências para construção de local apropriado (ROCHA, 1975).

Sobre a área física onde seriam ministradas as aulas do ciclo básico:

O Departamento de Biologia que ministrará a maior parte do ensino básico sente a carência de espaço físico para as disciplinas que dependem de microscopia, pois o espaço existente é insuficiente para o número atual de estudantes (ROCHA, 1975).

Sobre a situação encontrada referente ao espaço físico, Dulce Neves da Rocha sugeriu que fosse construída uma área didática com sala de microscopia, laboratório de enfermagem e três salas de aula para estudantes do Centro Biomédico. Ao final, salientou que a UFES dispunha de recursos para essa construção (ROCHA, 1975).

Sobre o componente estrutura departamental, foi relatada a seguinte situação: “O curso ficará vinculado ao Departamento de Medicina Social enquanto será estruturado o Departamento próprio” (ROCHA, 1975). O relato da situação encontrada referente à Estrutura Departamental evidencia que a criação de um departamento próprio para abrigar o curso já era idealizada antes mesmo da criação do mesmo.

Sobre o componente “Recursos Humanos”, foram registrados os seguintes achados:

Para o ciclo básico o Departamento de Biologia solicita a contratação de quatro professores e vinte monitores para dar cobertura ao acréscimo de atividades com a criação do curso de enfermagem. Para o ciclo profissional, encontra-se em atividade em Vitória um total de 40 enfermeiros assim distribuídos: cinco no Hospital Universitário, onze na Fundação Hospitalar, dezoito em outros órgãos públicos e seis em Hospitais Privados. Dos cinco enfermeiros em atividade no Hospital Universitário, apenas um pertence ao quadro da UFES. Os demais são contratados por uma empresa que presta serviços técnicos. Além da carência de enfermeiros, o Hospital é deficiente quantitativa e qualitativamente de pessoal em geral. A maioria dos enfermeiros existentes em Vitória exercem atividades em serviços governamentais e não manifestam interesse pelo Magistério. Será conveniente uma seleção criteriosa daqueles que poderão compor o corpo docente de enfermagem da UFES (ROCHA, 1975).

Dulce Neves da Rocha fez as seguintes pontuações para solucionar o problema relativo aos recursos humanos:

A UFES pode encarregar-se da administração de parte desse pessoal. A coordenação do curso ficará a cargo de um enfermeiro com experiência em Magistério, possivelmente transferido para a UFES. Considerando a precariedade do serviço de enfermagem do Hospital Universitário poderão ser contratados inicialmente três auxiliares de ensino, os quais assessorados pelo coordenador do curso ficarão encarregados da organização do Hospital numa ação conjunta com o pessoal de enfermagem local, a fim de atingir um nível de assistência desejável para campo de estágio em enfermagem (ROCHA, 1975).

Nessa ficha de verificação fica clara a necessidade de que a coordenação do curso fosse assumida por um enfermeiro docente com experiência em Magistério, preferencialmente transferido de outra Universidade. No entanto, não foi isso que aconteceu; a incumbência de assumir a coordenação do curso foi dada a uma enfermeira recém-formada da EEAN, que não possuía experiência em magistério tampouco em gestão, indispensável para o desenvolvimento de um curso recém-criado.

Sobre o componente referente à Biblioteca, ficou definido que a Biblioteca da Universidade iria ser complementada com livros tanto para o ciclo básico quanto para o

profissional, porém estava aguardando a listagem de livros que seria enviada pela assessoria do curso, bem como a liberação de verba de proposta orçamentária enviada ao MEC (ROCHA, 1975).

No último componente, o qual se referia aos campos de estágio, foi encontrada e registrada a seguinte situação:

O Hospital Universitário, embora modestamente instalado e funcionando ainda em condições que não atendem plenamente aos padrões ideais de campos de estágios, pode oferecer condições para atividades práticas das seguintes disciplinas: enfermagem fundamental; enfermagem médico-cirúrgica; enfermagem em doenças transmissíveis; enfermagem em saúde pública e administração aplicada à enfermagem. Para enfermagem obstétrica encontra-se em reforma uma área destinada a uma maternidade com 20 leitos no Hospital Universitário. Esse número parece-nos insuficiente para atender ao ensino de enfermagem. Não existe unidade de psiquiatria no Hospital Universitário (ROCHA, 1975).

Ainda quanto aos campos de estágio, foram feitas as seguintes sugestões visando uma melhor adequação para receber o curso:

O estágio de enfermagem pediátrica poderá ser realizado no Hospital Infantil da Fundação Hospitalar do Espírito Santo, com capacidade para 120 leitos. Existem Maternidades bem instaladas na cidade, as quais poderão ser utilizadas para o ensino, mediante acordo com a UFES. Poderá ser obtida afiliação com Escola de Enfermagem de outros estados, enquanto será providenciada organização de uma unidade no próprio Hospital Universitário ou em Hospital de Psiquiatria do Estado (ROCHA, 1975).

Ao final do trabalho desenvolvido pela Comissão de Criação do Curso de Enfermagem da UFES, foi elaborado um relatório no qual foi dito:

A UFES, através do seu CMB, apresentava condições que, com alguns ajustes, poderia oferecer o curso de enfermagem e que todos os organismos envolvidos no setor de saúde do estado demonstraram receptividade pela criação do curso, pois encontravam muita dificuldade para prover seus serviços com enfermeiros dos estados vizinhos, onde o mercado de trabalho tinha capacidade para absorver os enfermeiros formados em suas escolas (ROCHA, 1975).

O relatório também constatou que:

O ES acompanhava o perfil do país em relação à quantidade insuficiente de enfermeiros para atender às demandas de saúde da população capixaba, ficando evidente a necessidade de criação de curso de graduação em enfermagem no estado com o intuito de corrigir ou pelo menos minimizar essa desproporção (ROCHA, 1975).

Apesar da verificação feita na Universidade ter evidenciado significativas carências em vários aspectos, o relatório elaborado pela Professora Dulce ao final dessa verificação deixou claro o grande interesse tanto da Universidade quanto de outros órgãos na criação do primeiro curso de enfermagem no estado. Para tanto, apalavrou-se que os mesmos iriam se dedicar em corrigir as deficiências encontradas.

Dando prosseguimento aos trâmites com vistas à criação do curso, no dia 15 de outubro de 1975 a Professora Dulce Neves da Rocha enviou um ofício (nº 30) ao diretor do CBM da UFES dizendo:

Em prosseguimento ao trabalho de assessoria ao CBM da UFES, para criação do curso de enfermagem, estou encaminhando os projetos de programas das disciplinas do ciclo profissional [...]. Quero ressaltar no entanto que, dada a premência de tempo que foram os mesmos elaborados, deverão ser revistos pelo grupo de professores designados pelo DAU/MEC para assessoria de enfermagem à Universidade (UFRJ, 1975).

O ofício enviado pela Professora Dulce evidencia a urgência no atendimento aos pré-requisitos necessários para criação do curso, nesse caso a elaboração do projeto do programa do ciclo profissional, no qual a mesma deixa clara a necessidade de revisão do mesmo, uma vez de se tratar de um projeto e não de algo definitivo, onde seria necessário que o mesmo fosse revisado pela assessoria do DAU/MEC.

Com o trabalho da Comissão encarregada em atender às exigências do DAU/MEC com vistas à implantação do curso de enfermagem da UFES concluído, aos 17 de outubro de 1975, Edson Machado, então diretor geral do DAU/MEC, enviou um radiograma autorizando a implantação do curso de enfermagem da UFES a partir de 1976.

**Figura 2:** Radiograma de autorização para implantação do Curso de Enfermagem da UFES.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - RADIOGRAMA RECEBIDO - SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES				
PRECEDÊNCIA	Nº	PLB	DATA	HORA
BRASÍLIA	752	30	17/10/75	10:31
Destinatário:	GOIMR VITMR		CENTRO BIOMÉDICO DA UFES	
Local:			PROTOCOLO	
TENDO EM VISTA RELATÓRIO GRUPO TÉCNICO DE ENFERMAGEM AUTORIZO IMPLANTAÇÃO CURSO DE ENFERMAGEM A PARTIR DE 1976 PT SDS			Data 21 de 10 de 75 nº 1824/75	
<i>De acordo, de acordo</i> <i>Medicina Social 20/10/75</i> <i>off/roch</i>			EDSON MACHADO DIRETOR-GERAL DAU/BSBSU	
RECEBIDO POR			19/10/75	16:05
VISTO				

Fonte: Acervo do Centro de Memória do Departamento de Enfermagem da UFES.

Dando seguimento aos trâmites necessários para implantação do curso de enfermagem da UFES, no dia 11 de março de 1976, a Comissão de Ensino e Extensão do Conselho de Ensino e Pesquisa (órgão máximo da Universidade) aprovou por unanimidade o parecer do relator Professor Doutor Emílio Roberto Zanotti, no qual se aprovou a criação do curso de enfermagem (UFES, 1976).

No dia 09 de abril de 1976 foi aprovado, mais uma vez por unanimidade, o parecer nº 5 do relatório do anteprojeto de criação do curso de enfermagem, abrangendo os seguintes tópicos: justificativa, currículo, desenvolvimento, programas, periodização e orçamento (UFES, 1976).

No dia 14 de maio de 1976 o Professor Thomaz Tommasi na condição de chefe do Departamento de Medicina Social enviou ofício (nº 51) ao então diretor do Centro Biomédico Professor Benito Zanandrea fazendo a seguinte solicitação:

Segundo solicitação da Professora Adjunta Dulce Neves da Rocha, há necessidade de se contratar, na qualidade de Auxiliar de Ensino, pelo menos, quatro docentes, e que são, a saber: Maria Tereza Oliveira Coimbra, Angela de Castro, Laurinda Sebastiana do Espírito Santo e Heloisa Helena Valdataro. [...] Verifiquei que os elementos propostos e acima citados possuem titulação suficiente para exercer as

funções de Auxiliares de Ensino. [...] Solicito que dê encaminhamento, com a maior brevidade, às referidas contratações, que são defendidas em decorrência da própria agilização que o assunto requer, não só por Vossa Senhoria como pelo Departamento de Medicina Social [...] (UFES, 1976).

As aprovações de relatórios por unanimidade e envio de ofício solicitando brevidade nas contratações das futuras professoras do curso de enfermagem da UFES comprovam o interesse do CBM da Universidade e do Departamento de Medicina Social na criação do curso. Como foi dito no relatório elaborado pela Comissão encarregada pela implantação do curso de enfermagem da UFES, o curso era muito desejado não apenas pela Universidade como também por todos os serviços de saúde do Estado. Dessa forma o prosseguimento dos trâmites necessários à implantação do curso foi feito com presteza de modo a acelerar tal processo.

Finalmente, com menos de dois anos decorridos do início do trabalho da Comissão responsável pela implantação do curso, em 28 de maio de 1976, através da Resolução nº 7 do Magnífico Reitor Manoel Ceciliano Salles de Almeida estava criado o curso de enfermagem da UFES (UFES, 1976).

Ficou determinado que o curso de enfermagem funcionasse, provisoriamente, como núcleo dentro do Departamento de Medicina Social do CBM e que teria também, provisoriamente, carga horária de 2.730 horas de atividades, das quais 750 horas destinadas a estágio supervisionado, com mínimo de seis semestres letivos, que pouco excedia o mínimo de horas preconizadas pelo Conselho Federal de Educação (CFE). As condições assistenciais precárias do Hospital Universitário e o corpo docente em número restrito foram uns dos determinantes para o estabelecimento de uma reduzida carga horária para o curso de enfermagem (UFES, 1976) (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

O currículo foi proposto baseado na legislação vigente da época, ou seja, sua tábua curricular foi prescrita pelo Parecer nº 163 de 1972<sup>7</sup>. Foram selecionadas, além das disciplinas do Currículo Mínimo do Conselho Federal de Educação, algumas disciplinas indispensáveis à formação de enfermeiros, a fim de torná-los capazes de exercerem atividades de enfermagem

---

<sup>7</sup> O Parecer do CFE nº 163/72 reformulou o currículo mínimo de enfermagem, criando as habilitações em Saúde Pública, Enfermagem Médico-Cirúrgica e Obstetrícia, para serem cursadas de forma optativa. Desde a sua proposição, o currículo mínimo de 1972 foi questionado por um segmento de enfermeiras engajadas com as questões relacionadas ao ensino de enfermagem, em relação à fragmentação do eixo da formação, à ênfase dada ao modelo hospitalar, à especialização precoce decorrente das habilitações e à denominação composta para designar o curso (Enfermagem e Obstetrícia).

de forma apropriada, conforme o processo de desenvolvimento do país, considerando-se mais especificamente as características socioeconômicas e assistenciais do estado (UFES, 1976).

O curso foi dividido em duas partes: a primeira denominada pré-profissional, com duração de dois períodos letivos; e a segunda denominada profissional, com duração de quatro períodos letivos. O tronco pré-profissional contava com as seguintes disciplinas: biologia; anatomia; fisiologia, bioquímica, farmacologia e nutrição no primeiro período; e processos patológicos gerais, parasitologia, microbiologia, imunologia, psicologia, sociologia, saúde da comunidade, fundamentos da metodologia científica, fundamentos de filosofia e ética no segundo período (UFES, 1976).

O tronco profissional contemplava as seguintes disciplinas: introdução à enfermagem; história e problemática da enfermagem; legislação e exercício profissional, no terceiro período; enfermagem assistencial I e II no quarto período; enfermagem assistencial III, didática aplicada à enfermagem e estudos brasileiros no quinto período; e, por fim, o sexto e último período contemplava a disciplina liderança de enfermagem (UFES, 1975).

As disciplinas do tronco pré-profissional tinham sua carga horária dividida em atividades teóricas e práticas, já as disciplinas do tronco profissional tinham sua carga horária dividida em atividades teóricas, práticas e atividades de desempenho que equivaliam aos estágios nos campos de prática. Os objetivos do curso eram preparar um enfermeiro com capacidade para atuar como participante do processo de assistência de enfermagem, educador e participante em pesquisas, além de administrar serviços de enfermagem e participar das associações de classe (UFES, 1976).

Em julho de 1976 realizou-se o primeiro vestibular para o ingresso no recém-criado curso de enfermagem. Foram inscritos 258 candidatos que concorreram às 30 vagas, em uma proporção de oito candidatos por vaga. No mês seguinte iniciaram-se as aulas e os aprovados começaram a cursar o ciclo básico (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

Ao analisar a proporção de candidatos por vagas, levando em consideração um curso até então inédito no estado, historicamente feminino, e uma época na qual a procura para fazer um curso superior ainda estava em desenvolvimento no país, principalmente no que dizia respeito ao sexo feminino, onde muitas mulheres ainda optavam por não buscarem uma profissão, preferindo manter suas atividades restritas à administração do lar e aos cuidados dos filhos, pode-se afirmar que a procura pelo curso foi bastante significativa. Um dos motivos dessa relevante procura é explicitado abaixo:

A gente ia toda arrumada, de uniforme, para o Salesiano (escola tradicional de Vitória), íamos de sala em sala explicando o que era ser enfermeiro e qual era a nossa proposta para o curso. Vários alunos falaram que o motivo de terem optado pelo curso foi nossa visita ao cursinho. Ao verem aquelas pessoas bem cuidadas, uniformizadas, falando bem, convidando para fazer enfermagem em uma Universidade Federal, sentiram-se motivados (ANGELA MARIA DE CASTRO SIMÕES).

[...] Fazia cursinho no Nacional e a UFES abriu dois cursos: o de Enfermagem e o de Física, no mesmo ano. Elas (professoras) fizeram visita nas salas, eu me lembro da Tereza, da Edna e da Laura. Eram bonitas, tinham um aspecto muito bem arrumado, as roupas de linho engomadas, a touca bonita. Eu era jovem, tinha 16 ou 17 anos e me lembro exatamente que achei aquilo bonito. Sempre me pautei pela elegância de falar, do jeito de falar, sempre valorizei a questão da postura, do profissionalismo das pessoas, e elas tiveram isso. Falaram muito bem do padrão Anna Nery, como Florence Nightingale construiu a enfermagem científica, achei aquilo muito interessante. [...] O cursinho incentivou, nos estimularam a fazer matrícula no curso de física ou no curso de enfermagem. Eu fiquei muito impressionada com aquilo e decidi me matricular nesse curso. [...] Fiz o vestibular e fui aprovada (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

A visita feita pelas professoras aos “cursinhos” considerados de alto padrão de ensino na época, bem como o uso do uniforme durante essas visitas e o discurso feito pelas mesmas, foi feita intencionalmente. Tais visitas podem ser consideradas como estratégia de manipulação simbólica de recrutamento dos candidatos, ou seja, tiveram o sentido de impor representações objetivas de quem deveria se candidatar a uma vaga no vestibular para o curso de enfermagem.

A criação do curso de enfermagem da UFES, com menos de dois anos do início dos trâmites necessários à sua implantação, demonstra facilidade e agilidade na burocracia de todo o processo. Tais facilidades e agilidades podem ser atribuídas aos jogos de interesses das instituições representadas pelo DAU/MEC e pela própria UFES, que soube aproveitar a oportunidade facilitada pelo momento político, econômico e social.

Em outras circunstâncias o período entre a criação e o início do funcionamento de um curso de graduação pode durar anos, como exemplo, o próprio curso de medicina da Universidade, que já estava previsto desde a criação da UFES, mas demorou cinco anos entre a autorização para o funcionamento do curso e o início das aulas da primeira turma (REDINS, 2011).

### 3.2 CHEGADA DAS ENFERMEIRAS PARA COMPOR O CORPO DOCENTE E O PRIMEIRO ANO DE CURSO

Antes do vestibular de julho de 1976 que ofertaria o curso de enfermagem da UFES, já haviam sido selecionadas as enfermeiras que viriam para Vitória com a incumbência de organizar o curso e reorganizar o Serviço de Enfermagem do Hospital Universitário (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

As três primeiras enfermeiras que formaram o quadro de docentes do curso de enfermagem da UFES, contratadas na qualidade de auxiliar de ensino, eram as que haviam sido escolhidas pela Professora Dulce Neves da Rocha. Eram elas: Laurinda do Espírito Santo, Angela Maria de Castro Simões e Maria Tereza Coimbra.

Eram enfermeiras que haviam se formado no ano de 1975 pela EEAN/UFRJ e escolhidas para serem as futuras professoras do Ciclo Profissionalizante do Curso de Enfermagem, ou seja, só começariam a dar aulas efetivamente após um ano do curso iniciado. Antes disso, enquanto os alunos da primeira turma cursavam o ciclo básico, foram incumbidas de organizar as disciplinas do ciclo profissional e preparar o campo de estágio, que naquela época era restrito ao Hospital Universitário (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTO, 1986).

Além das três enfermeiras escolhidas por Dulce Neves da Rocha, Thomaz Tommasi, na condição de chefe do Departamento de Medicina Social, enviou no dia 21 de maio de 1976, ofício (nº 60) ao então diretor do CBM, Benito Zanandréa, solicitando a contratação de mais duas outras enfermeiras para atuarem como docentes no curso de enfermagem da UFES, como pode ser visto a seguir:

No sentido de facilitar o andamento de contratos de docentes para o curso de enfermagem [...] e tendo em vista que o DAU/MEC já destinou verba e fez depósito para contratar mais dois docentes para o referido curso, solicito, agora, mais duas contratações de docentes e que são: Edna Vieira e Maria Edla de Oliveira Briguente [...] (UFES, 1976).

Dessa forma, o corpo docente do recém-criado curso de enfermagem da UFES teve em sua primeira formação cinco enfermeiras: Maria Tereza Coimbra, Angela Maria de Castro Simões, Laurinda Sebastiana do Espírito Santo e Edna Vieira, egressas da EEAN/UFRJ, e Maria Edla de Oliveira Briguente, egressa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal

Fluminense (UFF), que atuava como enfermeira do HUCAM desde 1974 e na ocasião estava na condição de chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital.

Com a criação do curso de enfermagem e o início dos trabalhos das enfermeiras docentes, o Hospital Universitário, que era campo de prática dos cursos de medicina e odontologia, passou também a constituir o campo de prática do curso de enfermagem. As enfermeiras docentes tiveram que desenvolver estratégias para ocupação desse campo, até então dominado pelos outros dois cursos.

Para isso as enfermeiras docentes precisaram entender as relações de força e poder em jogo para mobilizá-las ao seu favor. Além da necessidade de ocupar o espaço que seria dividido com esses outros dois cursos, as enfermeiras também precisaram lançar mão de estratégias para dividir um espaço até então ocupado pelo pessoal de enfermagem que já trabalhava no Hospital. Isso porque as diferentes classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição de mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem seus interesses na luta interna do campo de produção que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção (BOURDIEU, 2010, p. 13).

O Hospital Universitário possuía, naquela época, 175 leitos e cinco enfermeiras: Arleia Musso Leal, Irmã Terezinha Mendes, Ivete Alves, Maria Edla de Oliveira Brigunte e Valmira dos Santos.

Ivete Alves era enfermeira do Hospital desde 1955 e as demais desde 1974, quando se firmou um convênio da UFES com a Secretaria de Educação para criação de um curso técnico de enfermagem no ES. O convênio foi mantido até 1976, sendo rescindido após este ano, passando o curso técnico a ser coordenado pelo Colégio Estadual do Espírito Santo (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTOS, 1986).

Neste ano, com a chegada das quatro enfermeiras vindas do Rio de Janeiro, foi proposto que trabalhassem em conjunto na reorganização do Serviço de Enfermagem do Hospital, de modo a adequá-lo para ser campo de estágio do curso. Sobre esse momento, Maria Edla, agora na condição de docente do curso, disse:

Em 1975, já havia uma sinalização de que ia ter o curso de graduação em enfermagem na UFES. [...] Quando o curso foi criado e as enfermeiras do Rio chegaram foi tudo muito lindo, nós as acolhemos. [...] Nós queríamos mais

enfermeiros, não tinha competição, elas eram pessoas fenomenais, nós nos juntamos e formamos uma família (MARIA EDLA DE OLIVEIRA BRINGUENTE).

No dia 31 de junho de 1975, chegou à UFES a primeira enfermeira egressa da EEAN/UFRJ: Laurinda Sebastiana do Espírito Santo, conhecida como Laura. No mesmo dia de sua chegada, recebeu a incumbência de prosseguir o trabalho de organização da Maternidade do Hospital Universitário, que estava em vias de ser inaugurada (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTOS, 1986).

Segundo Angela Maria de Castro Simões, a Maternidade foi inaugurada no mesmo dia que Laurinda chegou a Vitória, e já na inauguração a mesma foi apresentada como chefe da Maternidade:

Laura foi a primeira a se apresentar no Hospital como professora. [...] Laura foi avisada que iriam chegar um ministro e outras autoridades para inaugurar ou reinaugurar a maternidade, e que ela seria a enfermeira chefe da maternidade. Ela nem sabia em qual lugar do Hospital estava localizada a maternidade. Precisou pedir orientações sobre onde era a sala de parto, pré-parto e quem era a equipe de enfermagem. Laura foi apresentada a todas as autoridades presentes como a responsável pela maternidade (ANGELA MARIA DE CASTRO SIMÕES).

Um dia depois de Laurinda chegou à cidade de Vitória Angela Maria de Castro Simões, a segunda enfermeira vinda do Rio de Janeiro. Assim como a colega, também recebeu a incumbência de assumir, naquele mesmo dia, a chefia de um setor.

Cheguei em Vitória um dia depois de Laura. Quando cheguei no Hospital Laura me disse para eu me preparar que às dez horas iria inaugurar o ambulatório e eu seria a enfermeira responsável por ele. [...] Não sabia onde ficava o ambulatório. Laura falou para eu colocar a touca e o uniforme e dar um jeito de estar às 10 horas para o ambulatório, pois seria apresentada às autoridades como a responsável pelo ambulatório. Fui antes do horário para conhecer o ambiente e não dar vexame. [...] Fui designada a enfermeira chefe do ambulatório (ANGELA MARIA DE CASTRO SIMÕES).

A apresentação dessas duas enfermeiras em solenidade, com a presença de autoridades e a escolha das mesmas, por um médico, para ocuparem cargos de chefia, ao tempo em que demonstra o reconhecimento e a valorização do capital científico e social atribuído às mesmas perante os pares da instituição, também ratifica posições assimétricas entre médico e enfermeira e entre homem e mulher, mediante a designação para o cargo. Se por um lado essa situação permitiu a mobilização de mais capital aos seus favores, por outro lado tal situação as

colocou em uma posição delicada, sem possibilidade de negociação prévia entre as partes envolvidas.

Com a chegada das outras duas enfermeiras, Maria Tereza Coimbra e Edna Vieira, foram iniciadas as modificações necessárias visando à reorganização do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas. O cargo de chefia do Serviço de Enfermagem passou a ser ocupado pelo curso de enfermagem, que por sua vez passou a ser representado pela docente Edna Vieira. Também nesse momento, a então enfermeira do Hospital Universitário Valmira dos Santos foi convidada para integrar o corpo docente do curso. Dessa forma os cargos das enfermeiras docentes do curso de enfermagem ficaram distribuídos conforme a Tabela 5.

**Tabela 5:** Distribuição dos cargos das enfermeiras docentes.

<b>Setor</b>	<b>Docente</b>
Clínica Médica	Angela Maria de Castro Simões
Maternidade	Laurinda Sebastiana do Espírito Santo
Centro Cirúrgico e Esterilização	Valmira dos Santos
Clínica Cirúrgica	Maria Edla de Oliveira Briguento
Coordenação do Curso de Enfermagem	Maria Tereza Coimbra
Chefia do Serviço de Enfermagem do Hospital	Edna Vieira

Fonte: a autora.

A nomeação de duas enfermeiras docentes vindas da EEAN/UFRJ para cargos de chefia do Serviço de Enfermagem do Hospital Universitário e de coordenação do curso de enfermagem indicam o primeiro passo no sentido de tornar o “novo campo” propício para sua ocupação. Além disso, tal nomeação demonstra a intenção, de quem as nomeou, de que os cargos ficassem nas mãos de enfermeiras da EEAN e não de enfermeiras que já trabalhavam no Hospital.

Tais providências evidenciam que a ocupação de cargos não estava diretamente ligada ao diploma, tanto que se dependesse exclusivamente do valor atribuído ao diploma de enfermeiro, as enfermeiras que já trabalhavam no Hospital Universitário poderiam perfeitamente ocupar os cargos de chefia que foram designados às enfermeiras vindas da EEAN. Isso porque “a força de um diploma não se mede pela força de subversão de seus detentores, mas pelo capital social de que são providos e que acumulam em decorrência da distinção que os constitui objetivamente como grupo e pode ser também de base para agrupamentos intencionais” (BOURDIEU, 2015, p 153). Nesse caso o que estava em jogo era

a instituição de formação dessas enfermeiras, ou seja, a opção pelas enfermeiras egressas da EEAN ilustra cabalmente a importância do capital simbólico que era atribuído à instituição de suas formações.

Sobre a distribuição desses cargos Maria Edla (2015) disse: “a Tereza ficou na coordenação do curso, a Angela foi para o ambulatório, Laurinda na maternidade, eu entreguei a chefia para Edna, porque tinha que ser algum membro da Escola, e fui para clínica médica”. Essas posições de poder decorrem, ao menos em parte, da ocupação de posições espaciais em que se afirmam as posições sociais, pois “o espaço habitado ou apropriado funciona como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social” (BOURDIEU, 1999, p. 120).

Sobre a ocupação desses dois cargos, Maria Tereza Coimbra veio do Rio de Janeiro sabendo que assumiria a coordenação do curso de enfermagem: “Já vim sabendo que seria coordenadora do curso e que Edna, que tinha mais experiência, colaboraria com o Hospital”.

Estratégias de manipulações simbólicas; ou seja, de “representações em coisas”, como a designação de cargos de destaque no Hospital logo no dia da chegada de cada uma das enfermeiras vindas da EEAN/UFRJ, pretendiam determinar a impressão que os outros deveriam ter destas propriedades e de suas portadoras. Pretendia-se criar representações mentais e manifestações sociais conforme as propriedades assim expostas.

Sobre a reorganização do Serviço de Enfermagem no Hospital, na primeira reunião registrada em ata das docentes do ciclo profissional, que ocorreu no dia 22 de dezembro de 1976, foram tomadas algumas providências no intuito de operacionalizar tal reorganização. Estavam presentes Dulce Neves da Rocha (Professora da EEAN, responsável pela implantação do curso de enfermagem da UFES), Edna Vieira, Angela Maria de Castro, Maria Edla de Oliveira Brigunte e Maria Tereza Coimbra. Um dos assuntos de pauta foi a distribuição de carga horária das docentes levando em consideração o tempo destinado ao Hospital e ao curso. Ao final da reunião foi aprovada a carga horária de cada uma das seis docentes, como pode ser vista na Tabela 6.

**Tabela 6:** Distribuição da carga horária de trabalho das enfermeiras docentes

<b>Docente</b>	<b>Hospital</b>	<b>Curso</b>
Maria Tereza	30 horas	10 horas
Edna Vieira	10 horas	30 horas
Angela de Castro	20 horas	20 horas
Laurinda do Espírito Santo	20 horas	20 horas
Maria Edla	20 horas	20 horas
Valmira dos Santos	20 horas	20 horas

Fonte: a autora.

Todas as docentes tiveram sua carga horária divididas entre atividades no Hospital e atividades no curso. As docentes Maria Tereza e Edna Vieira receberam uma proporção inversa na distribuição de carga horária, uma vez que a primeira tinha o cargo de coordenação do curso de enfermagem e a segunda o cargo de chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital. As outras docentes receberam distribuição igual de carga horária.

Ao final dessa reunião foram decididos os próximos trabalhos que deveriam ser feitos:

Estabelecer atribuições da enfermeira chefe do serviço de enfermagem do Hospital das Clínicas onde será analisado um projeto de regulamento do serviço de enfermagem já existente; pleitear junto à direção do Hospital que o serviço de enfermagem passe a ser denominado por direito “Divisão de Enfermagem do Hospital das Clínicas”; estruturação do Laboratório de Enfermagem, onde junto ao Reitor seria solicitada área física para execução deste (UFES, 1976).

Integrado a esse contexto, o curso de enfermagem ia se desenvolvendo no tronco pré-profissional, enquanto isso, os docentes enfermeiros estavam envolvidos com a assistência, organização do Laboratório de Técnicas de Enfermagem, programas das disciplinas e reorganização do Serviço de Enfermagem do Hospital e tomavam outras providências relativas à parte didática.

Sobre as aulas do tronco pré-profissional a então aluna da primeira turma Elda disse:

Lembro-me bem das aulas de anatomia e histologia, essas duas matérias ficaram marcadas. [...] Como nossa turma era a primeira, tivemos aulas de anatomia sozinhos. Nossa carga horária de anatomia era diferente da carga horária da medicina e nós questionávamos que isso não era certo. [...] O mais irritante nesse processo é que eles diziam que havia certos conteúdos que a enfermagem não precisava saber. Naquela época eu achava que era um menosprezo da parte deles com a enfermagem, hoje eu entendo que era uma questão de ignorância, eles não tinham clareza dessas necessidades. Era a primeira turma [...] (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

Após um ano do início das aulas da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFES, foi inaugurado, no dia 19 de agosto de 1977, em sessão solene, o Laboratório de Técnicas de Enfermagem. Estavam presentes as seguintes autoridades: o diretor do CBM, Dr. Zanandréa; o vice-diretor, Dr. Cassiano Antônio de Moraes; o chefe do Departamento de Medicina Social, Thomaz Tommasi; o diretor do Hospital, Jayme Santos Neves; a Professora Shirley Correa da Costa, representando a diretora da EEAN/UFRJ Cecília Pecego Coelho; a coordenadora do curso de enfermagem, Maria Tereza Coimbra; além das Professoras Maria Edla Brigunte e Edna Vieira e dos alunos da primeira e da segunda turma do curso (UFES, 1977).

O Laboratório, que foi denominado “Laboratório Doutor Benito Zanandréa”, como forma de homenagear o diretor do CBM, era muito aguardado pelas docentes do curso de enfermagem e pelos alunos, pois o mesmo era imprescindível para o desenvolvimento do ciclo profissional do curso. A inauguração desse laboratório representou para as enfermeiras docentes do ciclo profissional a primeira grande conquista desde que as mesmas haviam iniciado suas estratégias para desenvolver o curso e ocupar o campo. Um fato interessante é que apesar dos esforços das enfermeiras docentes para viabilização da construção do laboratório de técnicas de enfermagem, o mesmo não recebeu o nome de uma enfermeira, o que evidencia relações assimétricas no sentido de conferir visibilidade ao médico e não à enfermeira gerando uma forma de sujeição à dominação simbólica.

Durante a solenidade, a Professora Shirley leu a seguinte mensagem da diretora da EEAN Cecília Pecego:

Quisera estar presente com os responsáveis pela UFES, com as professoras e alunos deste curso, inaugurando seu laboratório para o ensino de técnicas da maravilhosa arte da enfermagem. Porém, vive justamente hoje a Escola Anna Nery um momento histórico, que me obriga esta ausência. [...] Esperamos que a determinação e a coragem dos sanitaristas da década de 20 e a dedicação do ideal de serviço das pioneiras da nossa Escola ao indivíduo e a comunidade, que se tornou modelo e fonte de inspiração para todos os brasileiros, seja tomada como exemplo aos que pretendem se dedicar ou já militam no grupo de profissionais da área de saúde e especialmente aqueles que se propõem a estudar ou ensinar. Que Deus abençoe o esforço de cada um e possa este curso de enfermagem formar verdadeiros enfermeiros que sejam “gente que cuida de gente” [...] (UFES, 1977).

Dando prosseguimento à solenidade a Professora Maria Tereza fez saudações aos alunos com a seguinte fala: “Hoje vivemos um momento histórico para o curso de

enfermagem da UFES ao sentirmos que a execução das nossas ‘ações’ nos levou a alcançar mais esse objetivo, porque o êxito é um processo em marcha e não uma meta.” (UFES, 1977).

Nessa solenidade foi realizado pela primeira vez, desde que o curso iniciou suas atividades, o ritual da lâmpada<sup>8</sup>. Nesse ritual, uma pessoa, geralmente a mais ilustre, é convidada a acender a lâmpada no início da solenidade, permanecendo a mesma acesa até o final. Esse ritual foi adotado no Brasil pela EEAN/UFRJ e instituído ao longo da trajetória da história da enfermagem no país, em outras instituições de ensino de enfermagem, dentre elas do curso de enfermagem da UFES.

A inauguração do Laboratório de Técnicas de Enfermagem, além de permitir o adequado funcionamento do curso, dava concretude à sua existência institucional dada as relações entre as estruturas do espaço físico e a forma organizacional do espaço social, onde o lugar ocupado (localização) corresponde à determinada posição ou “graduação em uma ordem” (BOURDIEU, 1997, p. 159-60).

Como efeito, o que estava em jogo, nesse primeiro ano do curso de graduação, era a intenção de impor uma visão de mundo legítima, através da luta pelo monopólio de fazer ver, de dar a conhecer e de se fazer reconhecer (BOURDIEU, 2010, p. 112).

O Laboratório de Técnicas de Enfermagem representou o primeiro monumento-documento da memória da enfermagem da UFES, capaz de produzir o que Bourdieu denominou de “efeitos de lugar”; ou seja, na medida em que são apropriados pelos agentes-enfermeiras, constituem-se em propriedades que os situam e simbolizam no espaço social. É oportuno lembrar que as estruturas do espaço físico apropriado constituem mediações através das quais as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais (BOURDIEU, 1997).

A instituição de rituais adotados no Brasil primeiramente pela EEAN e vivenciados pelas professoras do curso de enfermagem da UFES ao longo de sua formação acadêmica

---

<sup>8</sup> “Atribui-se à lâmpada o significado de símbolo da enfermagem moderna com base no fato de que a precursora da enfermagem científica, Florence Nightingale, percorria, durante a noite, as enfermarias dos campos de batalha da Guerra da Criméia, com uma lâmpada acesa para atender os feridos de guerra e providenciar o enterro dos mortos. A lâmpada era um raio de esperança para os feridos e tinha um significado: era a vigília, e a luz era a vida. Por esta razão, a lâmpada simboliza a Enfermagem e o profissional enfermeiro, que deve estar constantemente em vigília. Além disso, a chama da lâmpada enunciava que os ideais da Enfermagem permaneciam vivos na sociedade, o que implicava um compromisso perene com a profissão, traduzido pelo ideal de dedicação.” (TOLEDO; SANTOS; ARAÚJO; ALMEIDA FILHO, 2008).

naquela instituição pode ser entendida como arma na luta simbólica pelo conhecimento e reconhecimento do curso de enfermagem da UFES.

### 3.3 ESTRATÉGIAS DO CORPO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRONCO PROFISSIONAL DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Um ano após o início das atividades do curso de graduação em enfermagem da UFES, os alunos concluíram o chamado tronco pré-profissional do curso e iniciaram o tronco profissional, onde passaram efetivamente a ter aulas com as professoras enfermeiras. As disciplinas do chamado tronco profissional se dividiam entre atividades teóricas e atividades práticas que eram realizadas no recém-inaugurado Laboratório de Técnicas de Enfermagem. O estágio tinha como principal campo o Hospital Universitário.

Antes de iniciar o estágio no Hospital Universitário, que tinha seu início previsto para o mês de outubro de 1977, foi realizada no dia 20 de setembro desse ano uma reunião entre as docentes do curso de enfermagem, a saber: Maria Tereza Coimbra, Laurinda do Espírito Santo, Valmira dos Santos, Maria Edla de Oliveira Brigunte, Maria Margarida de Oliveira e Angela Maria de Castro Simões.

O primeiro ponto de pauta dessa reunião foi solicitado pela Professora Maria Edla, que estava como responsável por uma das disciplinas que os alunos estavam cursando naquele período, fundamento de enfermagem. Com o intuito de uniformizar a avaliação desses alunos no campo de prática, a mesma sugeriu que fosse desenvolvida, em conjunto com as outras professoras, uma ficha de avaliação dos alunos, utilizando-se assim um modelo único por todos os professores (UFES, 1977).

Outro assunto discutido nessa mesma reunião e que já era frequente nas pautas de outras reuniões foi o problema referente à verba do curso e à quantidade insuficiente de docentes para lecionar no tronco profissional. A falta de uma secretária também era muito sentida pelas docentes, tanto que ficou decidido levar o assunto para a Professora da EEAN Lygia Paim, que estava na condição de coordenadora do programa do DAU/MEC, para que a mesma orientasse sobre as verbas suplementares de serviço de pessoal (UFES, 1977).

Sobre o a falta de verba para o estabelecimento do curso, a Professora Maria Tereza falou:

O governo dava verba durante os quatro primeiros anos do curso, e a verba não era pouca, mas a reitoria e o diretor de Centro Biomédico não ajudavam. Quem ajudava era o Thomaz Tommasi e no Hospital o Doutor Noé. Era uma luta constante, tínhamos dificuldade de conseguir área física, grande dificuldade de adquirir material para o laboratório, para o berçário, para clínica cirúrgica, centro cirúrgico, contratar professor. [...] O acervo de livros só chegou depois da terceira turma, não tínhamos livros, o aluno precisava comprar livro. [...] Embora o curso tivesse recurso próprio, capital para material permanente e de uso, para viagens e participação em congressos, a verba não chegava. Fazia o pedido, mas não tinha a resposta, tenho quase certeza de que o pedido nem saia do Centro Biomédico (MARIA TEREZA COIMBRA).

Sobre a quantidade insuficiente de docentes, a Professora recém-contratada Margarida informou que havia entrado em contato com o Doutor Jayme dos Santos Neves, que estava na condição de diretor do CBM, sugerindo providências mais rápidas para contratar outras enfermeiras para ocuparem o cargo de docente do curso (UFES, 1977).

À medida que o curso ia se desenvolvendo, com novas turmas entrando a cada semestre e a primeira turma avançando nos períodos letivos, o problema relativo ao número insuficiente de docentes no curso ia se tornando emergencial. Foi necessário desenvolver estratégias para suprir essa quantidade insuficiente, tais como: as professoras faziam carga horária acima do que estava pactuado, davam atividades de estágio em horários alternativos (inclusive de noite e nos fins de semana), selecionavam monitores para as auxiliarem nos estágios, dentre outras estratégias que podem ser vistas nos trechos das entrevistas a seguir:

O aluno dobrava, passava a noite com a Professora Paulete na hemodiálise e passava a noite comigo. Eles iam para o RU, almoçavam e voltavam, depois iam para a aula, depois tinha aula no próprio Hospital. Era uma coisa muito de troca, muito dentro da filosofia do curso (MARIA EDLA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

Nos estágios os alunos tinham liberdade, e autonomia em termos de desenvolver as técnicas. Trouxemos o rigor da Escola Anna Nery e a dedicação integral ao curso. A Laura virava noite com os alunos fazendo parto. Nós vivíamos para o Hospital e para o curso. Sábado, domingo e feriado (PAULETE MARIA AMBRÓSIO).

Outra estratégia adotada pelas docentes do curso, no intuito de diminuir os prejuízos causados pelo número restrito de docentes, era selecionar monitores, no caso, alunos das turmas mais avançadas, para estarem com os alunos no campo de prática. Essa estratégia beneficiava todos os envolvidos: professor, monitor e aluno.

Os trechos abaixo, apesar de serem referentes a uma avaliação dos monitores da disciplina de introdução à enfermagem feita pelos alunos no ano de 1981, traduzem a importância dessa prática, presente no curso desde o início do seu funcionamento, pois os

alunos da primeira turma, à medida que iam avançando nos períodos, tinham a oportunidade de serem selecionados para darem monitoria:

[...] As demonstrações no Hospital sobre a matéria estão sendo boas e bem explicadas. [...] O trabalho feito pelas monitoras é bom, elas procuram responder todas as perguntas feitas pelo grupo. [...] Acho muito importante existir monitores, eles podem passar todas as coisas que aprenderam para nós e ao mesmo tempo praticar tudo novamente além de ter a oportunidade de passar por muitas outras experiências, aumentando assim seus conhecimentos. Em resumo acho que eles deverão continuar ajudando aos professores e principalmente a nós (UFES, 1981).

[...] elas estão mostrando bastante interesse para ensinar o grupo. [...] Achei ótimo ter alguém para nos ajudar. [...] Conhecendo todas elas pessoalmente, acredito que serão capazes de poder colaborar com a gente. Acho muito importante a presença delas conosco, principalmente porque é o primeiro contato direto que temos com o paciente, sendo muito bom ter alguém mais experiente para nos orientar, para que não fiquemos perdidos diante do problema encontrado (UFES, 1981).

[...] A atuação de nossas colegas está sendo muito valiosa, elas estão mostrando muito interesse em entrosar os alunos na clínica. A turma é grande e realmente precisa da atuação dos monitores [...] (UFES, 1981).

A monitoria é um dos melhores meios de ajudar os estudantes, pois não tem aquela barreira que é o tal medo, que existe para certos alunos, onde vê o professor como um ser que não pode ser interrogado (UFES, 1981).

Como pode ser visto nas avaliações escritas, o monitor tinha o papel de ponte entre aluno e professor, ao mesmo tempo em que tinha a oportunidade de aprofundar seu conhecimento e prática através dessa oportunidade. Outro ponto que merece destaque é que quando o professor selecionava um aluno para ser monitor em sua disciplina, o colocava em posição de destaque, permitindo uma avaliação mais criteriosa do mesmo e o desenvolvimento de uma relação interpessoal.

Como o curso ainda estava em processo de desenvolvimento, havia a expectativa de absorção, pelo corpo docente, dos alunos que mais se destacassem. Como foi o caso das alunas da primeira turma Elda Coelho de Azevedo e Selma Blom Margotto e de outros alunos de turmas posteriores, que tiveram a oportunidade de serem monitores e que foram posteriormente enquadrados ao corpo docente do curso. Então se pode dizer que a monitoria era uma forma de avaliação e preparação desses alunos para quem sabe, futuramente, serem incorporados ao corpo docente do curso. Sobre a monitoria, Elda e Selma falaram: “Fui monitora de introdução ao estudo da enfermagem, e depois de enfermagem médico-cirúrgica.

Não sei como isso foi oficializado. A Professora Edla e Valmira me convidaram” (ELDA DE AZEVEDO BUSSINGER).

Dei monitoria com a Professora Valmira e com a Professora Edla. Durante as férias, largava meus filhos em casa e vinha fazer estágio voluntário com elas. Naquele tempo não tinha nada, eu me lembro de nem ter um papel falando que você tinha feito estágio ou dado monitoria. Com certeza a monitoria e o estágio influenciaram no meu processo de incorporação ao corpo docente. Terminei o curso em julho de 79 e em março de 80 já era contratada pela Universidade (SELMA BLOM MARGOTTO).

A monitoria estabeleceu uma divisão no campo, representado pelo curso de enfermagem. Para explicar tal divisão, toma-se como exemplo uma escada de três “degraus”, onde o primeiro “degrau” era representado pelos alunos, o segundo pelos monitores e o terceiro pelos professores. O aluno que aspirasse ocupar o “degrau” de professor precisava passar primeiramente pelo degrau de monitor. Porém, para ocupar o “degrau” de professor, o aluno precisava se submeter aos jogos de poder determinados pelo grupo dominante, representado pelos professores.

O princípio de movimento perpétuo que agita o campo não reside num qualquer primeiro motor imóvel, mas sim na própria luta que, sendo produzida pelas estruturas constitutivas do campo, reproduz as estruturas e as hierarquias deste. Ele reside nas ações e reações dos agentes que, a menos que se excluam do jogo ou caiam do nada, não têm outra escolha a não ser lutar para manterem ou melhorarem a sua posição no campo, quer dizer, para conservarem ou aumentarem o capital científico que só o campo gera, contribuindo assim para fazer pesar sobre todos os outros os constrangimentos, frequentemente vividos como insuportáveis, que nascem da concorrência. Em suma, ninguém pode lucrar com o jogo, nem mesmo os que dominam, sem se envolver no jogo, sem se deixar levar por ele [...] (BOURDIEU, 2010, p. 85).

Dando continuidade aos assuntos tratados durante a reunião do dia 20 de setembro de 1977, que antecedeu o início do estágio no Hospital, os assuntos abordados referentes à disciplina fundamentos de enfermagem foram retomados, evidenciando que ,apesar de a disciplina ter um professor como responsável, essa responsabilidade era transitória e compartilhada com os outros professores. Por ser um curso em desenvolvimento, era importante que a estruturação das disciplinas fosse feita em conjunto, como pode ser visto no trecho da ata da reunião:

Em continuação, a Professora Maria Edla informa que o cronograma de atividades da disciplina fundamentos de enfermagem, da qual, no momento, é responsável,

segue em dia dentro dos prazos estipulados, apesar de as aulas de processo de enfermagem terem se estendido um pouco mais, pela importância da mesma. Ainda com a palavra, informa que a avaliação escrita da disciplina será na próxima terça-feira, e solicita dos professores que a acompanham na mesma que tragam suas questões. Informa que os alunos deverão iniciar suas atividades de estágio no Hospital a partir do dia 03/10/1977. [...] A Professora Maria Edla informa que alguns alunos têm comparecido de brincos pequenos às suas aulas, questiona sobre o que as outras docentes acham de deixar ou não que venham com este adorno. Resolvido não ser permitido (UFES, 1977).

A explicitação de informações a respeito da data de início do estágio, bem como da realização da avaliação escrita, além de tomada de decisão em conjunto como, por exemplo, a permissão ou não do uso de brincos, demonstra o interesse da professora em tomar todas as decisões em conjunto e que a opinião dos outros professores era levada em consideração.

A valorização de um posicionamento comum a todos os professores é entendida como estratégia para a formação de uma identidade do grupo que estava buscando seu espaço no campo, já dominado por outras classes, que nos termos de Bourdieu pode ser assim explicado:

Lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões de mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõe a um conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo (BOURDIEU, 2010, p. 113).

Finalmente, no dia 03 de outubro de 1977, iniciaram-se as atividades de estágio no Hospital Universitário da primeira turma do curso de enfermagem. Sobre as lembranças do período de estágio, os alunos da primeira turma falaram: “Nós fazíamos primeiro no Laboratório (Laboratório de Técnicas de Enfermagem), depois que nós fomos para o Hospital. Esse Laboratório foi um lugar marcante, (...) era muito bem organizado” (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

A gente era obrigada a fazer três para passar de ano. [...] A Laura era uma professora muito brava e muito exigente. Como eram três partos, eu estava embaixo do Hospital quando chegou um táxi com uma gestante em trabalho de parto e eu acabei fazendo o parto dentro do carro. Eu queria contar aquilo como mais um parto para não ter o estresse de ter que fazer outro, mas ela não aceitou. Tiveram várias situações que a gente passou no Hospital das Clínicas, que na época era muito deficiente. A gente tinha que preparar as seringas para fazer medicação, limpar agulha de metal para tirar o que tinha de áspero e lavar para tirar o excesso. Tinha pouca coisa descartável, para você ter ideia, a gente nem usava luva para dar banho no leito. O curso nos levava a aprender tudo, hoje eu sou professora e a gente percebe a dificuldade de inserir um aluno no cuidado, e isso a gente teve, foram experiências interessantes, porque de fato a gente fazia todos os cuidados (MARIA CARLOTA DE REZENDE COELHO).

O estágio era muito bom, totalmente diferente do que é hoje. Você aprendia muito, fiz muitos partos, muitos curativos extremamente grandes. E um detalhe, a gente trabalhava junto com os residentes médicos, a gente discutia os casos clínicos juntos. É claro que as dificuldades sempre existiram, [...] as condições eram muito mais precárias. [...] Hoje é outra realidade, mas a diferença que percebo é que, apesar de todos os desafios que enfrentávamos, existia uma parceria muito grande. Na época a gente tinha que se unir, porque os desafios eram muito grandes. Tenho boas lembranças do aprendizado, tinham pacientes que vinham do interior em condições extremamente precárias, a gente sempre aprendia muito, tive um aprendizado hospitalar muito bom [...] (FATIMA MARIA SILVA, 2015).

Os excertos das entrevistas com os alunos da primeira turma demonstram que, apesar de todas as deficiências existentes no Hospital Universitário, principalmente as referentes à estrutura física e de recursos materiais e humanos, a qualidade do aprendizado era considerada de alto nível e a dedicação dos professores era extrema, o que conseqüentemente influenciava no desempenho dos alunos, principalmente se comparado aos estágios curriculares de hoje, pois os trechos acima são de depoentes que, além de terem sido alunos da primeira turma, atualmente estão inseridas na área do ensino de enfermagem e portanto estão aptas para fazer tal comparação.

Sobre as docentes enfermeiras, responsáveis pela implantação do curso, os alunos da primeira turma fizeram considerações importantes: “Achava que elas eram inexperientes, mas tinham tanta dedicação, tanta vontade, que supria a inexperiência” (SELMA BLOM MARGOTO).

Eram recém-formadas, sem experiência profissional e de gestão. Tiveram que fazer a implantação, mudar uma cultura no Hospital e fazer gestão acadêmica. Quem tinha que ter feito isso eram as professoras mais antigas da Anna Nery. Tinham que ter feito reuniões e passar dias aqui. Não deram essa assessoria, elas tiveram que dar conta de serem enfermeiras, professoras, gestoras dos serviços de saúde e gestoras acadêmicas, ou seja, elas tinham quatro papéis. [...] Foi uma carga pesada demais, nós temos erros, [...] mas temos muitas virtuosidades. Elas vieram de um grupo altamente coeso, sério, comprometido. Foram mulheres comprometidas que começaram a enfermagem no estado. Eram boas, sérias, comprometidas, muito corajosas e destemidas (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

As professoras vieram de uma formação muito rigorosa, usavam touca, aqueles uniformes engomadinhos. A gente se assustou um pouco com aquela roupa, tivemos que usar uniforme que não era branco, era azul. A gente tinha um pouco de vergonha de usar aquela roupa, éramos muito jovens e as professoras eram muito exigentes em função da formação da época. A enfermagem, na época, tinha uma formação muito rigorosa, tínhamos uma relação de medo (MARIA CARLOTA REZENDE COELHO).

Os professores eram muito autoritários. A gente estava vivendo no regime militar, não podia falar e nem reclamar, mas ao longo do curso fomos estabelecendo

algumas relações. Queríamos uma condição melhor, primeiro curso é muito difícil. Os médicos não tinham ideia do que os enfermeiros faziam. A ideia do médico em relação à enfermagem era que o enfermeiro era chefe e só deveria ter um chefe por hospital. Foi um desafio estabelecermos o que era o trabalho do enfermeiro, mas era um desafio interessante. A gente tinha uniforme, era tudo muito rigoroso, não tinha cabelo solto, não tinha anel, não tinha nada. Era uma touca que a gente usava, meia fina, sapato branco, os rapazes todos no mesmo tom, calça comprida e tal. Os professores usavam uniforme, era outra realidade, não se tinha muita abertura, não tinha muito diálogo (FATIMA MARIA SILVA).

Os depoimentos dos alunos da primeira turma evidenciaram que os professores trouxeram da EEAN a disciplina e o rigor como base para formação profissional. Em todo o decorrer do curso, as professoras, apesar da inexperiência profissional, mantiveram o nível de exigência alto, e perpetuaram todo aprendizado e disciplina que receberam durante a graduação, inclusive no que diz respeito ao uso de uniforme.

A incorporação da prática do uso do uniforme no curso de enfermagem da UFES pode ser entendida como mais uma estratégia para manter a disciplina institucional, permitindo identificar e diferenciar alunos e professores, bem como os demais exercentes de enfermagem. As professoras enfermeiras, egressas da EEAN, ao se apoiarem no modelo adotado e difundido pela sua escola de formação, buscavam os mesmos propósitos dessa Escola, no início de seu funcionamento: configuração de uma nova identidade profissional de enfermeiro que deveria ter em seu processo constitutivo a valorização da disciplina, das tradições, dos emblemas, dos rituais e dos uniformes (PERES; PADILHA; 2014).

Como foi dito anteriormente, a enfermeiras docentes estavam envolvidas com o Hospital Universitário antes mesmo do início do tronco profissional do curso. Tal envolvimento tinha a finalidade de preparar e “ocupar” o espaço que seria utilizado como campo de estágio dos alunos. No intuito de programar as atividades que seriam realizadas dentro do Hospital, no dia 11 de novembro de 1977, ocorreu uma reunião ordinária entre o Serviço de Enfermagem do Hospital Universitário e os docentes do curso.

Estavam presentes nessa reunião os enfermeiros do Hospital Ivete Alves dos Santos, Jorge Guimarães e Liliane Segal Ferreira. E as Professoras Laurinda do Espírito Santo, Maria Edla Brigunte, Maria Tereza Coimbra e Valmira dos Santos. A reunião teve como pauta principal a “necessidade de nos reunirmos para programar as atividades do final do ano vigente e para o próximo ano” (UFES, 1977).

A reunião foi conduzida por Ivete Alves, que informou ter participado de uma reunião anterior, ocorrida no dia 08 de novembro, na qual estavam presentes os médicos: Odilom,

Nilton, Lino, Jayme, Thommasi, Michel, João Vidal e Noé. Segundo a mesma, a reunião teve o intuito de apresentar a proposta da nova planta física do Hospital, que receberia reformas na Clínica Médica, Maternidade e Centro Cirúrgico, além da construção de vestiários para funcionários e instalação de uma nova lavanderia. Nessa reunião também foi comunicado que o novo regulamento do Hospital estava nas mãos do reitor, e que após sua aprovação seria compartilhado com todos os interessados. Também foi comunicado que o então Serviço de Enfermagem do Hospital seria elevado ao nível de Divisão de Enfermagem (UFES, 1977).

As mudanças previstas tanto na estrutura física quanto organizacional do Hospital podem ser entendidas como ganhos advindos da implantação do curso. Era premissa para sua implantação acatar as propostas feitas por ocasião da verificação *in loco* das condições de funcionamento do Hospital Universitário, principal campo de estágio do curso. As realizações das mudanças sugeridas só seriam possíveis devido à liberação de verba do governo federal, condicionada à implantação do curso de enfermagem. Entende-se dessa forma que o nascimento do curso trouxe ganhos importantes para o Hospital Universitário enquanto campo de prática, beneficiando os cursos do CBM da UFES, os funcionários do Hospital e a população que utilizava aquele serviço.

Dando continuidade à reunião, Ivete Alves pediu a opinião do grupo sobre a elaboração de rotinas e de um regimento de enfermagem. A Professora Maria Tereza sugeriu que houvesse uma reunião futura, onde os participantes do grupo trariam algum esboço do trabalho pronto. A Professora Margarida sugeriu que fosse utilizado como base o regimento de enfermagem antigo, porém a enfermeira Edla respondeu que o mesmo era fora da realidade, uma vez que foi construído antes de o curso de enfermagem existir. O enfermeiro Jorge sugeriu que o grupo fizesse um levantamento do material existente sobre o assunto e trouxesse em reunião futura para possível adaptação e discussão. Todos concordaram (UFES, 1977).

Durante essa mesma reunião, a enfermeira Ivete informou que, ao analisar as atribuições dos alunos e dos técnicos de enfermagem, notou-se a necessidade de organização de um plano de trabalho objetivo, para dar mais clareza quanto à responsabilidade de cada um. O assunto acabou tomando outros rumos, onde se começou uma discussão acerca da disponibilidade insuficiente de materiais, aplicação de técnicas erradas de esterilização, bem como a ausência de funcionários do Hospital durante o horário de estágios dos alunos e distribuição de responsabilidades dos alunos e dos funcionários (UFES, 1977).

Sem nenhuma deliberação feita, ao final da reunião decidiu-se que os assuntos seriam retomados em um próximo encontro, previamente agendo para o dia 18 de novembro, do qual não foi localizado o registro do mesmo, impossibilitando afirmar que o evento realmente ocorreu.

Uma reunião entre dois grupos distintos, representados pelo corpo docente do curso de enfermagem e pelos enfermeiros do Hospital, para discutir deliberações acerca do Hospital Universitário, campo de estágio do curso, possibilita a análise da relação desses dois grupos no campo, representado pelo Hospital Universitário.

Apesar dos dois grupos terem a mesma profissão, os interesses se divergiam: os enfermeiros do Hospital defendiam os interesses de sua equipe (pessoal de enfermagem) e os professores defendiam os interesses do curso, nesse caso, a qualidade do ensino prestado aos alunos no campo de estágio. Tais embates certamente ocorrem porque “os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso se constituírem necessariamente de grupos antagonistas)” (Bourdieu, 2010, p. 153).

A estreita relação do curso com o Hospital Universitário gerava nas docentes um acúmulo de funções. Além das atividades inerentes ao Magistério Superior as mesmas ocupavam cargos de chefia de enfermagem em diversos setores do Hospital, e soma-se a isso a entrada de novas turmas. Tal cenário implicou em riscos e fragilidades na formação discente. Para reverter essa situação emergiu a necessidade de contratação de mais docentes para o curso de enfermagem.

### 3.4 A CONTRATAÇÃO DE MAIS DOCENTES

Nos documentos selecionados entre os anos de 1976, quando o curso foi criado, e 1979, quando o Departamento de Enfermagem foi criado, pouco se encontrou sobre a contratação de docentes para o curso de enfermagem. Foram encontrados documentos que se referiam apenas às contratações já mencionadas anteriormente, a saber das Professoras Marida Edla de Oliveira Briguento e Valmira dos Santos, além da necessidade de contratação de mais docentes, a qual era registrada em diversas atas de reuniões.

Portanto, as análises feitas a seguir decorrem de conclusões derivadas da triangulação entre o *corpus* documental selecionado e das entrevistas realizadas para essa pesquisa. Partindo da afirmativa de que a formação inicial do curso em 1976 contou um quantitativo de

seis docentes enfermeiros e, por ocasião da criação do Departamento de Enfermagem, o curso tinha em seu quadro um quantitativo de quinze, conclui-se que, em um período de três anos, houve um acréscimo de nove docentes enfermeiros.

O trecho da entrevista com a Professora Maria Edla esclarece esse processo:

E foi assim, progressivamente, já no terceiro ano de funcionamento, houve essa contratação inicial com projeção de mais enfermeiros professores, à medida que o curso foi evoluindo. Foi justamente quando o Jorge chegou para dar a disciplina de administração, a Marina, que depois saiu e a Margarida que veio do Piauí (MARIA EDLA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

Como o curso ainda não era reconhecido pelo MEC, todas as contratações que ocorreram nesse período não foram através de concurso público, mas sim através de convites, como pode ser visto no trecho abaixo:

A decisão de contratar novos docentes era nossa, não tinha interferência médica. Algumas enfermeiras do Hospital não foram convidadas por que eram muito do fazer, não tinham esse lado político. A Margarida veio numa jogada política e ficou como chefe durante muito tempo. Nesse caso não fomos nós que decidimos. Mas a Margarida não era uma pessoa de passar rasteira, [...] era maleável, estava sempre negociando, conversando, era muito articuladora, uma pessoa calma (PAULETE MARIA AMBROSIO, 2015).

Apesar de as professoras terem autonomia na escolha de novos docentes, algumas contratações eram feitas para atender a favores políticos como, por exemplo, a contratação da Professora Maria Margarida. De acordo com a fala da Professora Paulete, apesar de a professora não ter sido convidada pelas professoras enfermeiras, a mesma não gerou ameaça e insatisfação, pelo contrário, se uniu ao grupo em busca de um mesmo objetivo: lutar para o desenvolvimento e consolidação do curso. Certamente se a Professora Maria Margarida não fosse “aprovada” pelo grupo, encontraria problemas para permanecer no mesmo.

Outra professora, também da EEAN, que integrou o corpo docente nesse período, mais precisamente no início de 1978 foi a enfermeira Paulete Maria Ambrósio, a respeito desse processo, a mesma falou:

Um pouco antes de elas virem (para Vitória, criar o curso), Tereza me chamou e falou que, como eu havia ficado reprovada, iria na próxima turma. Fiquei para trás, mas sabendo que viria. Só que nesse tempo comecei a trabalhar no Hospital do IASERJ (Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro), um hospital de ponta. Fazia habilitação e trabalhava no IASERJ. Comecei no CTI e depois fui para a hemodiálise. Quando Tereza foi ao Rio, acho que em 77, pegou meu documento e trouxe. [...] Pedi demissão e assumi aqui em janeiro de 78 (PAULETE MARIA AMBROSIO).

Os motivos de escolha dos enfermeiros para compor o corpo docente do curso de enfermagem eram variados. Uns por favores políticos, outros por manterem relação com outros professores do curso e outros por já serem enfermeiros do Hospital, como foi o caso das Professoras Maria Edla e Valmira e posteriormente do Professor Jorge, que também era enfermeiro do Hospital e foi convidado a integrar o corpo docente do curso de enfermagem em 1979, por ocasião da saída da Professora Maria Tereza para fazer mestrado no Rio de Janeiro, e para assumir a disciplina de administração em enfermagem, que seria dada aos alunos da primeira turma naquele ano. O depoimento do Professor Jorge, descreve com clareza seu processo de integração ao corpo docente:

Cheguei ao Espírito Santo em 1975. Meu primeiro emprego no estado foi aqui (no Hospital das Clínicas). Trabalhava no Hospital das Clínicas de São Paulo [...]. Aqui, era responsável técnico pelo bloco cirúrgico. Vim para o Departamento em 1979, quando a disciplina de administração precisava de professor. Era uma matéria que ainda não estava sendo desenvolvida, tinha o nome de Liderança em Enfermagem 1 e Liderança em Enfermagem 2. Com a saída da Professora Maria Tereza para o mestrado, ocupei o espaço dela. Continuei no Hospital das Clínicas, no Santa Rita, na Santa Casa e no Adatao Botelho. Posteriormente recebemos de Minas Gerais o Professor Túlio Alberto, que trabalhou junto comigo nessa disciplina. O convite para que eu integrasse o corpo docente do curso se deu em virtude de ser profissional do Hospital das Clínicas, estar na parte de gestão dos serviços, além da qualidade do meu trabalho. Só abri mão dos outros empregos em 1981, quando pedi dedicação exclusiva (SOUZA, 2015).

Apesar das contratações desses professores terem sido por diferentes motivos, os mesmos possuíam algo em comum: capital social e científico suficiente para assumir e dar conta do cargo de professor do curso de enfermagem da UFES. Certamente se não o tivessem, teriam enfrentado obstáculos para permanecerem como professores do curso. Não eram características das então professoras, aceitarem caladas imposições com que não concordassem. Com exceção da Professora Maria Margarida, que depois que se aposentou não manteve nenhum vínculo com o curso, os Professores Túlio e Jorge ainda são professores ativos do curso e a Professora Paulete, que apesar de ter se aposentado, continua envolvida com o curso na área da pós-graduação.

O desenvolvimento do tronco profissional do curso de graduação em enfermagem da UFES foi marcado pelo desenvolvimento de estratégias, dos professores enfermeiros, com vistas à construção de uma identidade do grupo com a intenção de impor uma visão de mundo legítima, através da luta pelo monopólio de fazer ver, de dar a conhecer e de se fazer reconhecer perante, principalmente, aos seus pares.

Como pôde ser visto nesse capítulo, a configuração do “novo” campo e a ocupação do mesmo se deu de forma planejada e organizada pela Comissão encarregada da implantação do curso de enfermagem na UFES. Comissão essa composta por três médicos que eram professores do Departamento de Medicina Social da Universidade e pela enfermeira Dulce Neves da Rocha, que era professora da EEAN/UFRJ. A escolha da Comissão em trazer enfermeiras recém-formadas da EEAN/UFRJ para implantarem o curso e chefiarem os serviços do Hospital não foi por acaso. Era intenção dessa Comissão difundir na enfermagem capixaba um modelo de enfermeira representado pela EEAN/UFRJ.

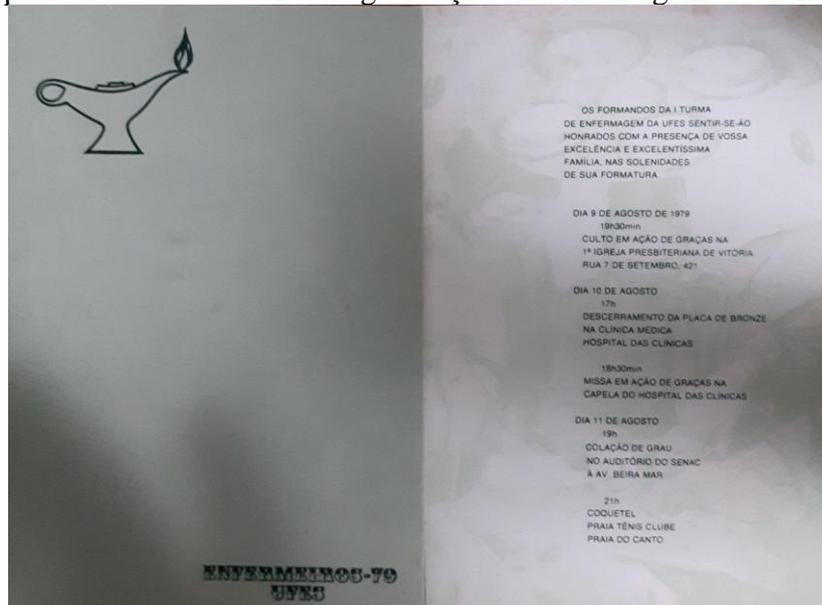
## 4 CAPÍTULO III: CONSOLIDAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

O terceiro e último capítulo desse trabalho discutiu a consolidação do curso de graduação em enfermagem da UFES, representada por um conjunto de acontecimentos materiais e simbólicos: a formatura da primeira turma do curso, primeira reformulação curricular, criação do Departamento de Enfermagem, reconhecimento do curso pelo MEC, realização da I Convenção Capixaba de Enfermagem e realização do Primeiro Concurso Público para o cargo de professor auxiliar do Departamento de Enfermagem.

### 4.1 FORMATURA DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Enfim, em julho de 1979, após três anos do início do funcionamento do curso de graduação de enfermagem da UFES, formou-se a primeira turma, colocando no mercado capixaba os primeiros vinte e um enfermeiros formados no estado. Tal formatura foi celebrada de diferentes formas. As solenidades ocorreram entre os dias 09 e 11 de agosto daquele ano, como pode ser visto na contracapa do convite de formatura (Figura 3).

**Figura 3:** Capa e contracapa do convite de formatura da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFES



Fonte: Acervo documental do Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

A primeira solenidade decorrente da formatura da primeira turma foi o Culto de Ação de Graças, que ocorreu no dia 9 de agosto na 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória, no Centro da Cidade. No dia 10 de agosto, ocorreram dois eventos, um às 17 horas, em que foi descerrada uma placa de bronze com o nome dos formandos na entrada da clínica médica do Hospital Universitário, e o outro às 18 horas e 30 minutos, em que foi celebrada uma missa em Ação de Graças na Capela do Campus de Marauípe, onde também se localiza o Hospital.

A realização de duas cerimônias de “Ação de Graças”, sendo uma realizada pela Igreja Presbiteriana e outra pela Igreja Católica, pode ser entendida como estratégia de atender à diversidade religiosa. A oradora da turma e integrante da Comissão de Formatura, Elda Azevedo Bussinger, era membro da Igreja Presbiteriana. Por estar à frente de toda a organização tendo em vista as comemorações decorrentes da formatura da primeira turma, se articulou de modo a incluir o culto de Ação de Graças realizado em sua Igreja. Provavelmente sua posição de destaque no grupo permitiu tal articulação e consentimento de seus pares para realização do evento.

A Figura 4 e a Figura 5 são fotografias tiradas durante a solenidade de descerramento da placa de bronze, contendo o nome dos formandos da primeira turma do curso. A placa foi fixada na entrada da Clínica Médica do Hospital Universitário. A escolha de fixação da mesma em um local com bastante fluxo de pessoas e de profissionais da saúde, não apenas de enfermeiros, representa a preocupação dos envolvidos em dar visibilidade ao curso de enfermagem. O consentimento do local para fixação da placa demonstra o reconhecimento de outros pares da importância e do peso atribuído à formatura da primeira turma de enfermeiros no estado.

**Figura 4:** Solenidade de Descerramento da Placa de Bronze da Primeira Turma do Curso de Enfermagem da UFES



Fonte: Álbum de Formatura de Elda Coelho Azevedo Bussinger doado ao Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

O texto fotográfico, em preto e branco (Figura 4), registra da esquerda para a direita as Professoras Maria Margarida de Oliveira, Laurinda Sebastiana do Espírito Santo, Valmira dos Santos e Maria Edla de Oliveira Brigunte. Na foto do tipo espontânea as professoras aparecem em um mesmo plano aplaudindo. No plano de fundo da foto é possível identificar um corredor com duas mulheres uniformizadas, e o tipo de uniforme e a touca indicam que as mesmas são da categoria da enfermagem.

A Professora Edla aparece trajando um vestido branco de comprimento “midi”, sapato branco com salto médio do tipo “Anabela”. A roupa e o sapato branco da Professora Edla sugerem que a mesma estivesse “uniformizada”, pois provavelmente antes da cerimônia estava desempenhando atividades no Hospital. As Professoras Valmira e Margarida vestem calça social, blazer e sandálias com salto alto. A Professora Laurinda usa vestido de seda de cor escura com comprimento “midi” e sandália de salto alto. Os trajés das professoras demonstram a formalidade da cerimônia.

**Figura 5:** Solenidade de Descerramento da Placa de Bronze da Primeira Turma do Curso de Enfermagem da UFES



Fonte: Álbum de Formatura de Elda Coelho Azevedo Bussinger doado ao Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

O texto fotográfico, em preto e branco (Figura 5), registra a Professora Maria Edla de Oliveira Brigunte durante a cerimônia de descerramento da placa de bronze. Na foto do tipo espontânea, a Professora Edla aparece de lado, olhando em direção à bandeira do Brasil localizada ao lado da placa, que por sua vez encontra-se fixada na parede, ao lado direito da porta de entrada da Clínica Médica do Hospital. No plano de fundo da foto, aparece uma mulher apoiada atrás de um balcão, observando o acontecimento. Ao que parece, o plano de fundo da foto é a recepção da Clínica Médica e a mulher não identificada uma funcionária desse setor. A presença da bandeira do Brasil, que estava ali de forma provisória, representa a formalidade do evento.

Estratégias de manipulação simbólica; ou seja, de “representações em coisas”, como a invenção de emblemas, hinos, rituais, atos públicos, discursos e declarações, pretendiam determinar a impressão que os outros deveriam ter dessas propriedades e de seus portadores.

Pretendia-se criar representações mentais e manifestações sociais conforme as propriedades assim expostas. Com efeito, o que estava em jogo com a formatura da primeira turma era a intenção de sacramentar a consolidação do curso através de ritos (BOURDIEU, 2010).

No terceiro e último dia de solenidades decorrentes da formatura da primeira turma do curso de enfermagem, ocorreram dois eventos: a colação de grau, realizada às 19 horas no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e o coquetel realizado às 21 horas no Praia Tênis Clube.

A Figura 6 é de uma fotografia tirada no momento em que a oradora da turma, Elda Coelho de Azevedo Bussinger, proferia seu discurso. Discurso que, segundo palavras da mesma, foi de protesto, por conta de que o curso ainda não havia sido reconhecido pelo MEC, sendo a cerimônia de colação de grau apenas simbólica. “Foi um discurso e protesto. Eu tinha uma questão de liderança na turma, tanto que eu fui escolhida para ser oradora, para representar a turma como uma pessoa que tinha uma diferença discursiva. Eu era a porta-voz da turma” (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER). Nos termos de Bourdieu:

Os grupos devem regular a distribuição, entre seus membros, do direito de se instituir como delegado do grupo (mandatário, plenipotenciário, representante, porta-voz), de engajar o capital social de todo o grupo. Assim os grupos instituídos delegam seu capital social a todos os seus membros, mas em graus muitos desiguais, podendo todo capital coletivo ser individualizado num agente singular que o concentra e que, embora tenha todo seu poder oriundo do grupo, pode exercer sobre o grupo o poder que o grupo lhe permite concentrar (BOURDIEU, 2010, p. 78).

A nomeação da aluna Elda como porta-voz da turma levou em consideração o peso do capital social e cultural acumulado pela mesma antes mesmo de sua vinculação ao grupo. Pode-se dizer então que a acumulação de capital é um processo contínuo onde quanto mais capital a pessoa possui mais chances de acumulação ela terá. Esse processo contínuo de acumulação de capital pode ser identificado no trecho de sua entrevista:

Acho que tive mais oportunidades prévias do que a maioria da minha turma. Sempre fui uma pessoa despachada, onde eu estava, de alguma forma, chamava a atenção pelo meu discurso, pela minha fala. Minha inteligência é mais discursiva, uma inteligência que está ligada a uma questão argumentativa, teórica, retórica. Tanto que depois acabei me aproximando na questão da gestão, da questão do direito. Na docência a mesma coisa, tenho uma coisa que é a autoestima elevada. Tinha aproximação com alguns professores, tinha facilidade com essa coisa, batalhava pelas minhas coisas, minhas ideias [...] (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

**Figura 6:** Leitura do Discurso do Orador da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES



Fonte: Álbum de Formatura de Elda Coelho Azevedo Bussinger doado ao Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

O texto fotográfico, em preto e branco (Figura 6), registra a aluna Elda Coelho de Azevedo no palco, de pé, lendo seu discurso no microfone, eternizando um momento que a colocou como o centro das atenções. Está trajando conjunto de blazer e saia de comprimento “midi”, blusa branca bordada e sapato tipo “scarpin” de salto. No plano de fundo da fotografia, aparece uma mesa com toalha branca “trabalhada” e um arranjo de flores em cima da mesma.

Os grandes rituais coletivos de nomeação encerram certa pretensão à autoridade simbólica enquanto poder socialmente reconhecido de impor certa visão de mundo social. Em meio à luta para a imposição da visão legítima, na qual a própria ciência se encontra inevitavelmente engajada, os agentes detêm um poder proporcional ao seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo. O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias

coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador (Bourdieu, 2008).

A Figura 7 é uma fotografia tirada durante o coquetel de formatura da primeira turma. A foto, apesar de ser do tipo “pose grupal”, foi feita em um momento de informalidade e descontração. Nela aparecem dezenove dos vinte e um alunos da primeira turma, dispostos em três planos. No primeiro plano, da esquerda para direita estão:

Edna Resende Camisão, Albertina Salomão Rocha, Lavinea Fanti Valdetaro, Levi Alves de Carvalho, Mercedes Lubiana, Maria de Lourdes Barreto Vieira, Lucrecia Santa Spadeto Mollo, Hermeeney Massard Maia, Maria Aparecida Januário e Maria Carlota de Rezende Coelho. No segundo plano, também da esquerda para direita: Luiz Carlos Reblin, Selma Blon Margotto, Marli da Penha Gomes Santos, Renildes Lopes Fracalossi, Maria da Penha Cavalcanti, Elda Coelho de Azevedo e Adalmário Dias Ferreira. No terceiro e último plano, da esquerda para direita: Zacarias Machado Viana e Fátima Maria Silva. Não aparecem nas fotografias as alunas Therezinha Barbosa Monteiro, Maria Regina Calegari e Maria de Fatima Meleipe.

**Figura 7:** Pose Grupal da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES



Fonte: Álbum de formatura de Elda Coelho Azevedo Bussinger doado ao Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

**Figura 8:** Coquetel de Formatura da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES



Fonte Álbum de formatura de Elda Coelho Azevedo Bussinger doado ao Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

A Figura 8 é uma fotografia do “tipo posada” tirada durante o coquetel de formatura da primeira turma, onde se encontra da esquerda para direita: Professora Maria Tereza Coimbra, Professora Maria Margarida de Oliveira, a formanda Elda Coelho de Azevedo, a Professora Valmira dos Santos e a Professora Edla Brigunte.

Ao fazer um registro fotográfico com essas quatro professoras, a formanda tinha pretensão de sacramentar e eternizar aquele momento. Não se sabe se essas professoras eram as únicas presentes no coquetel de formatura. Porém pode-se inferir que a escolha das mesmas para compor a fotografia não foi aleatória. As duas professoras à direita de Elda foram as duas primeiras coordenadoras que o curso teve. E as duas à sua direita foram a que fizeram o convite para que Elda fosse monitora de suas disciplinas no intuito de se preparar para ocupar uma vaga de docente no curso após sua formatura. Também pode-se concluir que esse foi o último registro fotográfico de Elda na condição de discente do curso.

**Figura 9:** Painel dos Formandos da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES - Discentes



Fonte: Acervo Eletrônico do Centro de Memórias do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES.

A Figura 9 é um conjunto de fotografias dos egressos da primeira turma do curso de enfermagem dispostas em um painel em ordem alfabética, onde é permitido identificá-los, considerando que as imagens são apresentadas com a descrição de seus nomes. A saber na coluna de cima e da esquerda para direita: Adalmário Dias Ferreira, Albertina Salomão Rocha, Edna Resende Camisão, Elda Coelho de Azevedo, Fátima Maria Silva, Hermeeni Massardi Maia, Lavíea Fanti Valdetaro, Levi Alves de Carvalho, Lucrécia Santa Spadeto Mollo, Luiz Carlos Reblin e Maria Aparecida Januário. Maria Carlota T. de Rezende Coelho, Maria de Fátima Meleipe, Maria de Lourdes Barreto Vieira, Maria da Penha Cavalcanti, Marleia Regina Calegari, Marli da Penha Gomes Santos, Mercedes Lubiana, Reinildes Lopes Fracalossi, Selma Blom Margotto, Terezinha Barbosa Monteiro e Zacarias Machado Viana.

**Figura 10:** Painel dos Formandos da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES - Docentes



Fonte: Acervo Eletrônico do Centro de Memórias do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES.

A Figura 10 registra também fotografias do painel de formandos da primeira turma, porém são de docentes do curso que receberam designações por ocasião da formatura. Da esquerda para direita identifica-se: Thomas Tommasi, na condição de patrono da turma; Maria Tereza Coimbra, na condição de paraninfa da turma; e Maria Edla de Oliveira Bringuente, Valmira Santos, Edna Vieira, Fausto Edmundo Pereira Lima, William Sassine, Laurinda

Sebastiana do Espírito Santo e Maria Margarida de Oliveira, na condição de professores homenageados.

A escolha dos homenageados permite algumas discussões: de um total de nove homenageados, três são homens e médicos que provavelmente tiveram contato com a turma apenas no ciclo básico. Um desses professores médicos não só foi homenageado como ocupou o grau mais alto na hierarquia das homenagens: a de patrono da turma. Não à toa, o cargo ocupado por esse professor nessa ocasião era de diretor do CBM. Cinco professoras, das seis homenageadas, fazem parte da primeira formação de docentes do curso, e a sexta, apesar de não fazer parte dessa formação inicial, ocupava naquele momento o cargo de chefia do curso de enfermagem.

Parece evidente que as figuras homenageadas representam os papéis atribuídos ao homem e à mulher e ao médico e à enfermeira; no qual o papel de mulher e enfermeira permanece em posição hierarquicamente inferior ao papel de homem e médico. E por fim que a motivação na escolha dos homenageados tem mais caráter político e social do que a própria afinidade entre aluno e professor.

É importante destacar nas Figuras 9 e 10 o olhar da maioria dos fotografados, em direção oposta à câmera, remetendo a um estilo de fotografia da época. A foto de Maria de Fátima Meleipe tem coloração distinta das demais fotos, fazendo-se inferir que foi registrada em outro momento, sendo importante destacar que a mesma não está vestindo a beca. Além disso, ao observar a placa de bronze que apresenta o nome dos egressos, bem como o convite de formatura, nota-se que seu nome não aparece na relação, o que indica se tratar de uma aluna com alguma situação em especial.

De igual modo, Edna Vieira também não está vestida com a beca, provavelmente porque na ocasião já não estava mais presente como docente no curso, sendo utilizada uma fotografia avulsa, e Laurinda também apresenta um modelo diferenciado dos demais. Também merece destacar que o Professor Thomas Tommasi veste traje distinto, além de apresentar no peito um medalhão, provavelmente pela posição de patrono da turma. Além disso, a fotografia da Professora Maria Tereza Coimbra apresenta uma coloração distinta das demais fotos, provavelmente por ter sido registrada e/ou revelada em momento diferente das demais fotos, pois nessa ocasião a mesma encontrava-se afastada para o mestrado.

É importante destacar que, mesmo a Professora Edna não fazendo mais parte do corpo docente do curso de enfermagem da UFES, a mesma foi escolhida para ser homenageada pelos alunos. A escolha para ser homenageada por ocasião da formatura da primeira turma,

somada à fala de Elda Coelho de Azevedo, evidencia a importância e o legado que a mesma deixou durante a formação desses alunos.

Quando a Edna foi embora a gente sabia que estava perdendo um grande nome. A Edna era uma pessoa forte, tinha personalidade, presença, era uma pessoa de confronto. [...] Eu tinha muita clareza de que com a saída da Edna nós perderíamos alguém, e olha que o meu contato com ela foi pequeno. Quando ficamos sabendo, ela já tinha ido. Ela deixou uma carta de despedida (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

**Figura 11:** Painel dos formandos da Primeira Turma do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES



Fonte: Acervo eletrônico do Centro de Memórias do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES.

A Figura 11 corresponde a uma fotografia do painel de formandos da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFES, recuperado pela equipe do Centro de Memórias do Curso, que atualmente está fixado em local de destaque no Departamento de Enfermagem. Ao lado dele, encontra-se a placa de bronze da primeira turma, que originalmente foi pregada na entrada da Clínica Médica do Hospital Universitário.

O painel e a placa fixados em local de destaque no Departamento de Enfermagem reforçam a estratégia de manipulação simbólica para formação de uma identidade grupal, que se orienta para determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e de seus portadores. Na realidade são lutas empreendidas com o propósito de dar visibilidade ao processo de implantação do curso (Bourdieu, 2010).

A formatura da primeira turma tem um sentido muito especial na configuração de consolidação do curso, pois simboliza que, criado em 1976, conseguiu concluir com êxito

todas as etapas de formação, dentro do tempo previsto, que era de seis semestres letivos. A singularidade desse momento fica evidente na confecção de uma placa de bronze, patrocinada pelos laboratórios B. Braun S. A., uma vez que as turmas formadas posteriormente não tiveram essa placa.

A placa de bronze pode ser entendida como elemento de distinção da primeira turma perante as turmas posteriores, pois ela foi exclusiva da primeira turma. Pode-se afirmar que os alunos da primeira turma já saíram do curso com um capital superior aos alunos das turmas subsequentes, possibilitando privilégios como, por exemplo, escolherem primeiramente os cargos disponíveis no mercado capixaba.

#### 4.2 REFORMULAÇÃO CURRICULAR

Apesar de a Comissão responsável pela criação do curso de graduação em enfermagem da UFES reconhecer a importância de estruturação do currículo baseado nas especificidades do estado, e visando formar enfermeiros com o preparo apropriado inerente à profissão, isso não foi atendido de forma plena. Tanto é que a partir de 1977 já foi identificada pelo corpo docente das disciplinas do círculo profissional a necessidade de reestruturação do mesmo.

A criação do curso de enfermagem da UFES em menos de dois anos após o início dos trâmites necessários à sua implantação não permitiu a disponibilidade de tempo suficiente para estruturação de um currículo que atendesse de forma plena aos requisitos necessários à formação do enfermeiro, principalmente em um estado que contava com déficit elevado desse profissional. Assim, a necessidade de reformulação curricular foi identificada antes mesmo de a primeira turma concluir o ciclo básico.

Sobre os problemas relacionados ao currículo, foram feitas algumas considerações tanto por parte dos professores como por parte dos alunos da primeira turma:

A resolução 163/72 dizia que o curso devia ter 2.500 horas e que o estágio deveria corresponder a cerca de 20% dessa carga horária. Nessas 2.500 horas não havia condições de desenvolver estágio, então nós reformulamos o curso para 3.700 horas. Nós fizemos essa reforma, logo que formou a primeira turma, nós já estávamos com experiência acumulada, tínhamos feito toda a parte de estágio extracurricular, o estágio não foi dentro dessas 2.500 horas, essas horas foram para enfermagem fundamental e enfermagem médico-cirúrgica (MARIA EDLA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

Era um curso integral, a gente era muito destemida de ir para o campo. A gente não tinha sossego, era um curso muito apertado, inclusive na teoria, tinha muita coisa

para estudar. Da questão currículo, tinha uma parte do básico muito desarticulado da questão da prática [...]. Nós lutamos para que professores da enfermagem fossem professores do básico (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

Mesmo com a adequação do conteúdo das disciplinas e o esforço e dedicação das professoras, os resultados não eram satisfatórios. Concomitante, o corpo docente passou a reivindicar um currículo que atendesse às suas aspirações. Surgia assim a ideia de um novo currículo. A Portaria nº 154 de 24 abril de 1977, compôs a Comissão Permanente de Integração Curricular, que adotou como uma de suas principais metas a reformulação do currículo. A necessidade de reformulação do currículo surgiu da necessidade de solucionar problemas com relação à efetividade do processo ensino-aprendizagem, que muito preocupava o corpo docente (BUSSINGUER; BRINGUENTE; COSTA; SANTOS, 1986).

Em 1979, foi apresentado o relatório intitulado Proposta Curricular com Diagnóstico da Situação de Enfermagem no Espírito Santo, que teve como relatora a Professora Maria Edla de Oliveira Bringunte. No final de 1979 havia cento e oitenta alunos matriculados no curso de enfermagem da UFES, tendo já colocado no mercado cinquenta e nove enfermeiros. Por ter sido criado em uma região com um déficit profissional de 1.530 enfermeiros, o curso de enfermagem deveria ser altamente qualificado, dados os problemas que ele deveria equacionar (BRIGUENTE, 1979).

Os principais problemas do currículo apontados no relatório foram: existência de disciplinas sem pré-requisito; carga horária insuficiente para desenvolvimento de forma efetiva do conteúdo programático; falta de conhecimento por parte dos estudantes do papel social e competência do enfermeiro durante o curso das disciplinas do ciclo básico, levando-os a não compreensão da importância deste ciclo acadêmico na sua formação profissional; ausência de disciplinas básicas indispensáveis à formação do enfermeiro, levando a sua criação de forma extraoficial; existência de um bloco teórico rígido, com prejuízo do desenvolvimento das atividades práticas, tornando-se um curso extremamente teórico; falta de integração docente-assistencial devido ao número insuficiente de enfermeiros na docência e assistência (BRIGUENTE, 1979).

A nova proposta de currículo levou em consideração as bases filosóficas da enfermagem vigentes e as considerações regionais do estado. A principal meta do currículo proposto era oferecer ao estudante bases para um contínuo crescimento profissional (BRIGUENTE, 1979). Sobre a nova grade curricular, aprovada no final de 1979 e implantada a partir desse mesmo ano, os professores falaram: “Foi um currículo maravilhoso, a gente

partia do homem sadio e chegava ao homem doente” (MARIA ELDA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

Acho que foi a melhor grade que esse departamento já teve até hoje. Apesar das grandes resistências, colocou criança e escola, meio ambiente, quando nem se falava em meio ambiente. Nós fomos inovadores na época, nós já tínhamos saúde ambiental em 79 (AMBROSIO, 2015).

O empenho do corpo docente em prol da reestruturação da grade curricular do curso de enfermagem, dois anos após sua criação, evidencia o comprometimento dos docentes com o curso e com a formação de qualidade de enfermeiros, visto que iriam integrar o insuficiente corpo de saúde do estado para atender à população em seus diferentes níveis de assistência à saúde. Além disso, se constitui de mais um marco histórico na consolidação do curso.

#### 4.3 CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

Desde sua criação, o curso de graduação em enfermagem da UFES já tinha, seguindo recomendação do DAU/MEC, a proposta de criação de um Departamento de Enfermagem para abrigar o curso. Até então os docentes do curso de enfermagem constituíam o Núcleo de Enfermagem do Departamento de Medicina Social do CBM. À medida que o curso se desenvolvia e o ingresso de novas turmas acontecia, a necessidade de desvinculação do curso ao Departamento de Medicina Social ficava mais evidente.

O primeiro passo no sentido de iniciar o processo que culminaria na criação do Departamento de Enfermagem aconteceu no dia 19 de abril de 1979, durante reunião ordinária do colegiado do Departamento de Medicina Social. Estavam presentes os Professores: Xavier Califa, Emílio Roberto Zanotti, Jayme dos Santos Neves, Aluisio Falqueto, Aluisio Sobreira Lima, Liberato Tristão, Ailton Vicente Rocha, Emilio Mameri Neto, José Maurício Madureira, Maria Margarida de Oliveira, Margarete Rose Sampaio Fortes, Paulete Maria Ambrosio, Valmira dos Santos e Marizete Manhães do Nascimento (UFES, 1979).

A ordem do dia foi a discussão do Ofício nº 54 do corrente ano, elaborado pelo Núcleo de Enfermagem do Departamento de Medicina Social, solicitando providências no sentido de que: “Seja proposto ao Conselho Departamental do Centro Biomédico a criação do Departamento de Enfermagem”. Após ampla discussão, todos os presentes se pronunciaram como favoráveis à solicitação. Ficou decidido que tal solicitação seria encaminhada ao

Conselho Departamental do CBM, órgão superior, para que fosse dada a decisão final (UFES, 1979).

Apesar do desejo de desvinculação do curso de enfermagem ao Departamento de Medicina Social ser comungado por todos os professores desse Departamento, a iniciativa de iniciar o processo de criação do Departamento de Enfermagem foi do Núcleo de Enfermagem, composto pelos professores do tronco profissional do curso. Tal iniciativa configura como mais uma forma de estratégia dos professores para consolidar o curso.

Sobre a necessidade de desvinculação do curso de enfermagem ao Departamento de Medicina Social:

Queríamos um Departamento nosso e não aquela reunião conjunta com medicina social, colocando os problemas da enfermagem como apêndices. Tínhamos que caminhar com nossas próprias pernas, nós passamos a ser um departamento de mulheres guerreiras e determinadas (MARIA EDLA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

Dando continuidade à operacionalização do processo de criação do Departamento de Enfermagem, no dia 3 de setembro do mesmo ano, durante a décima primeira sessão ordinária do Conselho Departamental do CBM, foi apresentado pelo Professor Dalton Valentim Vassalo o relatório que versava sobre a solicitação feita ao Departamento de Medicina Social:

Ser favorável à criação do Departamento de Enfermagem, por já contar o curso respectivo com número suficiente de docentes, por já haver o referido curso concluído a formação de uma turma e também porque a criação do Departamento de Enfermagem iria contribuir para amenizar a carga de atividades do Departamento de Medicina Social que estava crescendo assustadoramente com o curso de enfermagem a ele agregado (UFES, 1979).

Ao fim da reunião foi, por unanimidade, aprovada pelo Conselho Departamental do CBM a criação do Departamento de Enfermagem. Seguindo a hierarquia da Universidade, o agora diretor do CBM, Professor Thomaz Tommasi, escreveu o Ofício 0835-79 destinado ao então reitor da UFES, Dr. Manoel Ceciliano Salles de Almeida, com as seguintes considerações:

[...] que o curso de enfermagem vem funcionando, por ordem direta do Ministério da Educação e da Cultura, desde 1976, já tendo agora, em agosto de 1979, a sua primeira turma concluído os seus créditos, e a necessidade de ser aliviada a carga enorme de atividades do Departamento de Medicina Social, ao qual se encontra ligado o referido curso, por força de atendimento de dispositivos legais para seu funcionamento, vimos solicitar, respeitosamente, Vossa Magnificência, a criação do Departamento de Enfermagem, neste Centro, em regime de urgência, tendo em vista

que já foram atingidas as exigências contidas nos artigos 48 e 49 do estatuto da nossa Universidade e que o Departamento em questão já está previsto no projeto de regimento desta Unidade, que se encontra em tramitação nos órgãos competentes da Universidade (UFES, 1979).

De acordo com as exigências contidas nos artigos 48 e 49<sup>9</sup> do estatuto da UFES, para um Departamento ser criado, ele precisa ter no mínimo doze professores, lembrando que nessa época o curso de enfermagem contava com quinze professores enfermeiros. Desses quinze professores do curso de enfermagem, dois estavam afastados, para cursar mestrado: Maria Tereza e Angela Maria de Castro. Por fim, estava em fase de contratação um professor para ministrar a disciplina de epidemiologia geral.

Dando prosseguimento aos trâmites, no dia 21 de setembro do mesmo ano, foi enviada pela Comissão de Ensino e Extensão da Universidade uma solicitação em diligência ao CBM, solicitando o envio das seguintes informações: relação dos professores que iriam constituir o Departamento com as respectivas disciplinas que iriam ministrar, extrato da ata da reunião do Departamento de Medicina Social ao qual estava vinculada a coordenação do curso de enfermagem, pronunciando-se sobre a necessidade de desmembramento e criação do Departamento de Enfermagem, bem como o extrato da ata do Conselho Departamental do CBM, aprovando a solicitação do Departamento de Medicina Social (UFES, 1979).

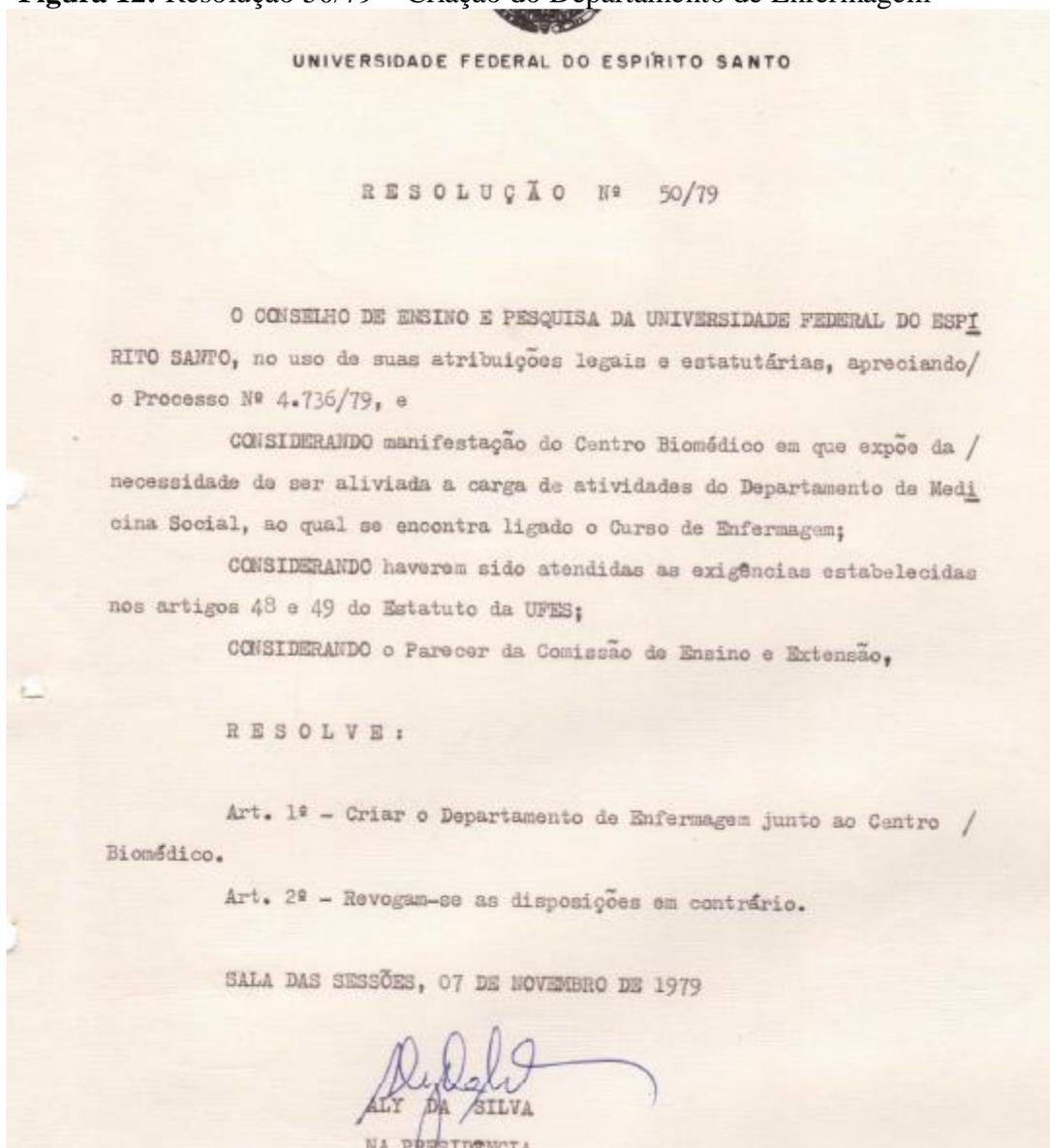
No primeiro dia de novembro de 1979, a Comissão de Ensino e Extensão da UFES publicou um relatório esclarecendo que no dia 11 de outubro do ano referente o processo número 4.736, referente à criação do Departamento de Enfermagem, voltou ao referido conselho com as solicitações atendidas. Dessa forma foi elaborado o seguinte parecer ao final do relatório:

Considerando que as exigências dos artigos 48 e 49 do estatuto da UFES foram atendidas e que os colegiados competentes do Centro Biomédico se manifestaram favoravelmente, somos de parecer também favorável à criação do Departamento de Enfermagem junto àquele centro (UFES, 1979).

---

<sup>9</sup> Artigo 48: A formação e a criação dos Departamentos dos Centros obedecerão aos seguintes princípios e normas: a) reunião de todas as disciplinas afins existentes; b) preservação da unidade de suas funções de ensino e pesquisa, de forma a assegurar a plena utilização dos seus recursos materiais e humanos; c) não duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes. Artigo 49: Nenhum Departamento será instalado enquanto não contar com, pelo menos, doze (12) docentes, devendo o seu pessoal e suas atividades, antes de alcançados esse mínimo, ser incorporados, para todos os efeitos, a outro Departamento que com ele tenha maior afinidade.

**Figura 12:** Resolução 50/79 – Criação do Departamento de Enfermagem



Fonte: Centro de Memória do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES.

Foi então, através da resolução número 50 de 7 de novembro de 1979, do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade, criado o Departamento de Enfermagem da UFES (Figura 12). Foi indicada como primeira chefe a Professora Maria Margarida de Oliveira e o corpo docente foi composto pelos seguintes Professores: Maria Edla de Oliveira Brigunte, Mararete Rose Sampaio Fortes, Maria Margarida de Oliveira, Valmira dos Santos, Paulete Maria Ambrosio, Marina Elisa de B. Costa Pires, Marizete Manhães do Nascimento, Nelma Lopes Mattedi, Laurinda Sebastiana do Espírito Santo, Ana Maria Barbosa de Almeida,

Edilância Faria Menezes, Virginia Régia Carneiro Sampaio, Jorge Guimarães de Souza, Angela Maria de Castro Simões e Maria Tereza Coimbra.

A respeito da Criação do Departamento de Enfermagem, as Professoras Maria Tereza e Maria Edla falaram: “A criação do Departamento de Enfermagem seguiu o curso do regimento” (MARIA TEREZA COIMBRA).

Foi uma festa, até mesmo porque era o que nós desejávamos. Lógico que tinha a burocracia, as discussões, mas foi uma coisa muito natural. Depois que o Departamento foi criado, começamos a escrever nossas demandas, onde queríamos chegar, com muita inexperiência, sem ninguém para dar as coordenadas. Passamos para uma sala de trinta e cinco metros quadrados, tinha a secretaria, sala de reuniões, já não era aquela estrutura da medicina social (MARIA ELDA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

A criação do Departamento de Enfermagem da UFES, apesar de ter seguido as normas regimentares da Universidade, representa mais uma grande conquista dos professores do curso. Com a desvinculação do Departamento de Medicina Social, o curso teria mais autonomia para continuar seu processo de consolidação e o próximo passo seria o seu reconhecimento pelo MEC.

Como a Criação do Departamento de Enfermagem era de interesse comum ao curso de enfermagem e ao Departamento de Medicina Social, não houve luta entre os dois grupos. O que houve foi união em prol de um interesse comum, fazendo com que tal criação fosse através de um processo pacífico, sem entraves.

#### 4.4 RECONHECIMENTO DO CURSO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

No decorrer do ano de 1979, ano em que a primeira turma estava em vias de concluir o curso, os alunos tiveram conhecimento de que o mesmo ainda não havia sido reconhecido pelo MEC. Diante desse fato, houve uma mobilização dos mesmos, reivindicando providências cabíveis com vistas ao reconhecimento do curso. Sobre essa circunstância, a então aluna da primeira turma Elda falou:

Já no finalzinho do curso a gente descobriu que o curso não era reconhecido. Thomaz Tommasi era o diretor do Centro Biomédico na época e nós começamos a questionar. A discussão era que a formatura ia ser simbólica. Meu espírito de guerra veio à tona, e começamos a lutar. Lembro-me de que, na véspera da formatura, fui até a casa do Thomaz Tommasi. Ele era um *bon vivant*, resolvia tudo na conversa. A

gente queria uma formatura oficial, eu fiquei na escada da casa dele esperando ele se posicionar. [...] Foi uma luta, a gente ficou em cima. [...] Acho que a Tereza tem um papel importante nisso. [...] Me lembro que participei desse processo o tempo todo (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

Sobre a reivindicação dos alunos por atitudes com vistas ao reconhecimento do curso, as professoras falaram: “Me lembro que Elda sempre esteve à frente das coisas” (PAULETE MARIA AMBROSIO).

Os alunos quebraram o pau, houve um movimento muito forte deles. Nós professores tínhamos que obedecer aos trâmites da Universidade. [...] O movimento dos alunos era muito justo e foram tomadas as providências necessárias e no final o curso foi reconhecido (MARIA EDLA DE OLIVEIRA BRIGUENTE).

No sentido de iniciar os trâmites necessários para o reconhecimento do curso, no dia 31 de agosto de 1979 o então Magnífico Reitor da UFES, Manoel Ceciliano Salles de Almeida, enviou ofício (nº 532) ao então presidente do Conselho Federal de Educação (CFE), Lafayette de Azevedo Pondé, solicitando o reconhecimento do curso de enfermagem da Universidade (UFES, 1979).

Junto ao ofício foi anexado um relatório elaborado a partir do Roteiro para Formalização do Processo de Reconhecimento de Curso de Universidade Federal, disponibilizado pelo MEC. Tal roteiro contemplava um conjunto de questionários e lista de documentos necessários como, por exemplo: cópia do Estatuto e Regimento Geral da Universidade, acompanhada do currículo pleno, bem como o ato de criação do curso a ser reconhecido, conjunto das fichas de cadastro dos professores responsáveis pelas disciplinas oferecidas pelo curso, conjunto dos programas das disciplinas do currículo pleno do curso, relação dos livros e periódicos relativos ao conteúdo profissionalizante do curso e plantas baixas, *lay out* e fotografias dos laboratórios (MEC, 1979).

Uma das etapas do processo de reconhecimento do curso era a verificação *in loco* do mesmo, para isso eram designados pelo CFE professores de outras instituições. A respeito dessa visita para verificação a Professora Paulete falou:

Estava aqui nessa época, foi quando as professoras vieram para fazer a visita, foi dona Cilei e dona Tamara. Eu estava na chefia do Hospital e para elas foi um encantamento quando viram os pacientes me chamando pelo nome na Enfermaria (PAULETE MARIA AMBROSIO).

A fala denota que mesmo com o acúmulo de funções de chefe da Divisão de Enfermagem do Hospital Universitário e atividade docente, havia comprometimento e envolvimento da referida professora com a assistência de enfermagem aos pacientes. Fica evidente que para os docentes o cuidado de enfermagem era *sine qua non* enquanto pilar na formação do enfermeiro.

No dia 30 de novembro de 1979, após visita de verificação das condições de funcionamento do curso, a Professora Cilei Chaves Rhodus, que estava na condição de presidente da Comissão de Verificação, encaminhou os resultados ao presidente do CFE.

A verificação ocorreu nos dias 29 e 30 de outubro de 1979, a portaria que a designou foi a 212-79 do CFE, e a mesma foi composta pelas Professoras Tamara Iwanow Cianciarullo e Cilei Chaves Rhodus. O relatório da Comissão Verificadora fez os seguintes apontamentos:

O curso de enfermagem funciona no prédio do Centro Biomédico - Campus Universitário de Maruípe. As salas de aula são em número de 06, e 01 laboratório de enfermagem com equipamentos e manequins necessários ao desenvolvimento de habilidades manuais, bem como ao domínio de procedimentos. Iluminação adequada, sanitários funcionando, ventilação adequada e a sonorização exterior não chega a perturbar o desenvolvimento das atividades didáticas em classe. [...] O acervo de livros e periódicos pode atender à Medicina e principalmente à Odontologia, que se utilizam da mesma biblioteca. No entanto existem apenas 27 livros especificados de enfermagem e não foi constatada pela referida Comissão Verificadora assinatura de periódicos de enfermagem, nem mesmo dos já existentes no Brasil. [...] Não foi constatada nenhuma solicitação de compra de livros e nem assinatura de periódicos específicos de enfermagem (RHODUS, 1979).

Sobre a falta de uma estrutura física e operacional adequada para o bom funcionamento do curso, a Professora Maria Tereza falou:

A secretária que nem era do curso e sim do Departamento de Medicina Social não correspondia, eu tinha que implorar para que disponibilizassem alguma documentação. Não tinha dificuldades na relação com o diretor do Centro Biomédico nem com o Hospital. O problema é que não tínhamos uma área fixa para os professores, não tínhamos um ambiente adequado (MARIA TEREZA COIMBRA).

A fala da Professora Tereza evidencia que, apesar da falta de estrutura física e operacional, a mesma tinha uma “rede de relações” importantes, derivada do volume do capital social que a mesma possuía, pois, “O volume do capital social que um agente individual possui depende então da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado”. (Bourdieu, 2010, p. 75).

No entanto, o reconhecimento do curso pelo MEC não estava atrelado a essa “rede de relações” que a Professora Tereza possuía, mas sim de uma instância superior, a saber, do CFE. Outra pessoa que também soube usar e mobilizar essa “rede de relações” em prol do curso de enfermagem foi a Professora Margarida, como pode ser identificado no trecho da entrevista da Professora Tereza: “A Margarida se esforçou demais para o reconhecimento do curso, como ela já conhecia o Noberto do MEC, foi mais fácil” (MARIA TEREZA COIMBRA).

De acordo com os registros do Relatório de Verificação, os estágios eram desenvolvidos nos seguintes campos: no Hospital da Ilha de Pólvora era dado o estágio de enfermagem em doenças transmissíveis, no Hospital Infantil era dada a parte de enfermagem pediátrica, no Hospital Universitário a parte de fundamentos de enfermagem e enfermagem médico-cirúrgica, na Unidade Sanitária da Região era dada a parte de enfermagem em saúde pública e nos Campos Avançados - Crutac Parnaíba e Projeto Randon eram desenvolvidas atividades de extensão (RHODUS, 1979).

Sobre o histórico das disciplinas é interessante destacar que as aulas teóricas ocorriam das 13 às 16 horas e as teórico-práticas ocorriam das 7 horas e 30 minutos às 12 horas, de segunda à sábado. Sobre o histórico do curso, no momento da visita haviam 178 alunos matriculados, a saber: 31 alunos no primeiro período, 31 no segundo, 30 no terceiro, 30 no quarto, 33 no quinto e 24 no sexto período (RHODUS, 1979).

A respeito do corpo discente:

O primeiro grupo concluiu o curso em julho de 1979. Em reunião efetuada com corpo discente e comissão verificadora, constatou que o relacionamento aluno/professor pode ser considerado bom e muito favorável à análise crítica quanto a avaliação do ensino, principalmente as experiências no campo de estágio. No entanto o grupo de alunos estava bastante ansioso quanto à conclusão do curso e a permissão dos responsáveis quanto à colação de grau, baseando-se as mesmas que o primeiro grupo de alunos que havia concluído o curso em julho não tinha ainda recebido o referido grau de bacharel em enfermagem. No entanto o assunto foi levado ao diretor do Centro Biomédico, que comunicou à comissão de verificação que as devidas providências já estavam sendo tomadas (RHODUS, 1979).

Os discentes da primeira turma aproveitaram o momento em que eram ouvidos pela comissão de reconhecimento do curso para manifestarem sua ansiedade em relação ao recebimento do título de bacharel em enfermagem. Apesar de as providências já estarem sendo tomadas pela diretoria do Centro Biomédico, os alunos conseguiram colocá-la em evidência, agilizando o processo.

A relação de candidatos inscritos nos vestibulares para concorrer a uma vaga no curso é outro ponto que merece destaque. No segundo semestre de 1976, 258 candidatos se inscreveram para concorrer a um total de 30 vagas. Em 1977 foram 243 candidatos para 60 vagas, sendo 30 por semestre. Já no ano de 1978, 265 candidatos e no ano de 1979, 244 candidatos (RHODUS, 1979).

Nota-se que houve manutenção da média de relação candidatos por vaga, fato bastante positivo para o recém-criado curso porque evidencia tanto a credibilidade dos candidatos como a demanda reprimida para a enfermagem.

Quanto ao corpo docente, foram feitas as seguintes verificações:

O corpo docente está composto de 37 professores, sendo que 15 são enfermeiros, o que representa cerca de 43% do corpo docente em atividade de ensino no referido curso. Dos 15 professores, 03 estão cursando mestrado em enfermagem nas Escolas: EEAN e USP São Paulo e Ribeirão Preto. As demais cursaram especialização em enfermagem. Todos os professores residem em Vitória (RHODUS, 1979).

A Tabela 7 relaciona os professores enfermeiros do curso, sua instituição de formação e cidade natal.

**Tabela 7:** Relação de Professores Enfermeiros do Curso de Enfermagem da UFES

<b>PROFESSOR</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>INSTITUIÇÃO DE FORMAÇÃO</b>	<b>CIDADE - ESTADO NATAL</b>
1. Maria Margarida de Oliveira	Saúde da Comunidade	Universidade Federal da Paraíba	Tacima, Paraíba
2. Paulete Maria Ambrosio	Enfermagem Médico-Cirúrgica	EEAN-UFRJ	São Domingos da Prata, Minas Gerais
3. Maria Edla de Oliveira Briguento	Introdução à Enfermagem	UFF	Aracaju, Sergipe
4. Margareth Rose Sampaio Fortes	Introdução à Enfermagem	UFF	Rio de Janeiro
5. Nelma Lopes Mattedi	Enfermagem Materno-Infantil e Metodologia da Pesquisa Científica	Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara	Rio de Janeiro
6. Valmira dos Santos	Enfermagem em Clínica Médico-Cirúrgica	Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro	Divina Pastora, Sergipe
7. Angela Maria de Castro Simões	Saúde da Comunidade	EEAN-UFRJ	Piquete, São Paulo
8. Maria Tereza Coimbra Quiroga	Enfermagem Psiquiátrica	EEAN-UFRJ	Vitória da Conquista, Bahia
9. Marizete Manhães do Nascimento	Enfermagem Materno-Infantil	EEAN-UFRJ	Rio de Janeiro
10. Laurinda Sebastiana do Espírito Santo	Enfermagem Materno-Infantil	EEAN-UFRJ	São Luiz, Maranhão
11. Ana Maria Barbosa de Almeida	Enfermagem Pediátrica	Universidade Federal da Paraíba	João Pessoa, Paraíba
12. Edilânia Faria Menezes	Enfermagem Pediátrica	Universidade Católica de Minas Gerais	Colatina, ES
13. Virginia Régia Carneiro Sampaio	Doenças Transmissíveis	Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
14. Jorge Guimarães de Souza	Liderança em Enfermagem I e II	Faculdade Adventista de Enfermagem	Cachoeiro de Itapemirim
15. Marina Elisa de Britto Costa Pires	Enfermagem Psiquiátrica e Exercício da Enfermagem	Escola de Enfermagem e Obstetrícia de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo	São Paulo

Fonte: a autora.

A partir da análise da relação dos professores do curso e de sua naturalidade, percebe-se que apenas dois professores nasceram no ES, os outros treze eram de outros estados. Isso pode ser explicado pela ausência de curso de graduação em enfermagem no estado até o ano de 1976. Ao relacionar a cidade natal com a instituição de formação dos professores, é

possível verificar que sete dos catorze professores fizeram graduação em instituições de seu próprio Estado. Outro ponto que pode ser analisado é que, nos primeiros anos do curso, o fato de o enfermeiro ser do ES não foi levado em consideração na formação do corpo docente e sim outros aspectos mencionados anteriormente.

No que tange aos aspectos administrativos, foram feitas as seguintes verificações:

O curso é coordenado por uma enfermeira e não possui secretaria própria. Assim a coordenadora e os professores de enfermagem dependem do apoio da secretaria do Departamento de Medicina Social. [...] Não há sala para coordenadora desempenhar atividades próprias de tal cargo nem saleta para as professoras entrevistarem os alunos ou mesmo preparar aulas (RHODUS, 1979).

O seguinte parecer foi publicado ao final da Verificação:

Somos de parecer, salvo melhor juízo que: o curso deve ser reconhecido após o atendimento, principalmente dos seguintes itens: assinatura de periódicos de enfermagem, ampliação do acervo de livros julgados imprescindíveis ao desenvolvimento do ensino teórico-prático da enfermagem [...] e espaço físico com secretaria e datilógrafa [...] (RHODUS, 1979).

Nesse mesmo documento foram elencadas algumas sugestões:

Que seja oferecida assessoria de especialistas na área do referido curso para desenvolver: avaliação do currículo em desenvolvimento; estudo relação professor/aluno, considerando o ensino teórico-prático e as experiências de aprendizagem que devem ser asseguradas ao aluno de graduação, na comunidade e nos hospitais de estágio, e possibilitar aos professores de enfermagem a oportunidade para aprofundar e aprimorar o conhecimento através de cursos de pós-graduação (RHODUS, 1979).

No transcorrer do processo de reconhecimento do curso, novas turmas iam se formando. Contudo, esses novos profissionais não encontraram dificuldades relevantes para atuar no mercado, pois enquanto o COREN do ES não estava estruturado, os mesmos eram registrados no COREN do RJ. Tal facilidade pode ser justificada pela carência desse profissional no estado.

Dando continuidade aos trâmites necessários para reconhecimento do curso, no dia 02 de outubro de 1980, quase um ano após o parecer favorável da Comissão de Verificação, a então coordenadora do Departamento de Enfermagem da UFES enviou ofício (nº 63), ao diretor do CBM, informando que o Departamento havia tomado todas as providências que lhe cabia, no sentido de atender às exigências do relator do processo de reconhecimento do curso

de enfermagem. Cabia agora ao diretor do CBM dar conhecimento ao Magnífico Reitor do cumprimento das exigências, para que fossem tomadas as providências necessárias para o reconhecimento do curso (UFES, 1980).

Como um ano já havia se passado desde o envio do formulário que continha dentre outras coisas o quadro de docentes, o mesmo, bem como as titulações, já haviam sofrido algumas modificações, a saber: a Professora Edilania Faria de Menezes teve contrato rescindindo, houve a contratação de mais cinco Professores enfermeiros: Tulio Martins de Figueiredo, Selma Blom Margotto, Elda Coelho de Azevedo, Maria Cristina Ramos e Leila Massaroni. Cabe ressaltar que Selma e Elda eram egressas da primeira turma do curso e Leila e Maria Cristina, egressas da segunda turma. Assim, a novo quadro docente possuía dezoito enfermeiros.

A contratação de quatro egressas do curso de enfermagem da UFES, quatro anos após seu início, denota a relevância dada pelos professores ao fato de a formação dos candidatos terem ocorrido na própria instituição. Esse posicionamento demonstra a intencionalidade de construir identidade própria do curso, visto que as alunas já eram avaliadas durante a graduação, como pode ser percebido nos trechos abaixo:

Antes de me formar já sabia que seria professora do curso, a Valmira me preparou para isso. A Valmira, a Tereza e a Laura, essas três pessoas foram muito importantes para mim. A Edla também, mas com perfil diferente. [...] Valmira dizia que eu era muito inteligente e capaz e que deveria me preparar para isso [...] (ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGER).

As professoras sinalizavam que poderíamos ser contratados, porque aqui no Espírito Santo não tinha ninguém, então eles precisavam. Fiz uma trajetória durante minha graduação, ajudava a Professora Edla como monitora em suas aulas. [...] Ia para o Hospital das Clínicas, se chovia, se fizesse sol e nas férias. [...] Fui uma aluna muito boa, ao final do tronco pré-profissional ganhei a placa de prata, que era dada ao aluno que mais se destacasse, ninguém esperava que justamente eu, a casada com um monte de filhos, fosse receber a placa (SELMA BLOM MARGOTTO).

Toda dedicação ao curso e às professoras teria como recompensa a chance de contratação na referida instituição. Ao longo da graduação, ambas as alunas acumularam capital simbólico, como exemplo pode-se explicitar: monitorias nas disciplinas, estágios extracurriculares, representante de turma, recebimento de homenagem, oradora da turma. Suas trajetórias, enquanto discentes, corresponderam às expectativas dos professores.

Ainda a respeito do processo de reconhecimento do curso pelo MEC, uma das solicitações da Comissão Verificadora foi a redução de 60 para 50 vagas anuais para o curso de enfermagem. O Departamento de Enfermagem se posicionou contra essa redução

justificando que o propósito de criação do curso de enfermagem da UFES fez parte de uma política geral de ação referente à formação de recursos humanos na área da saúde. Até o momento o curso havia formado 59 profissionais que, somados aos já existentes no estado, perfaziam um quantitativo de 82 profissionais para atender a cerca de 2.000 leitos hospitalares. Com uma população de 160.000 habitantes, havia um déficit de 1.530 enfermeiros segundo a preconização da OMS à época (UFES, 1980).

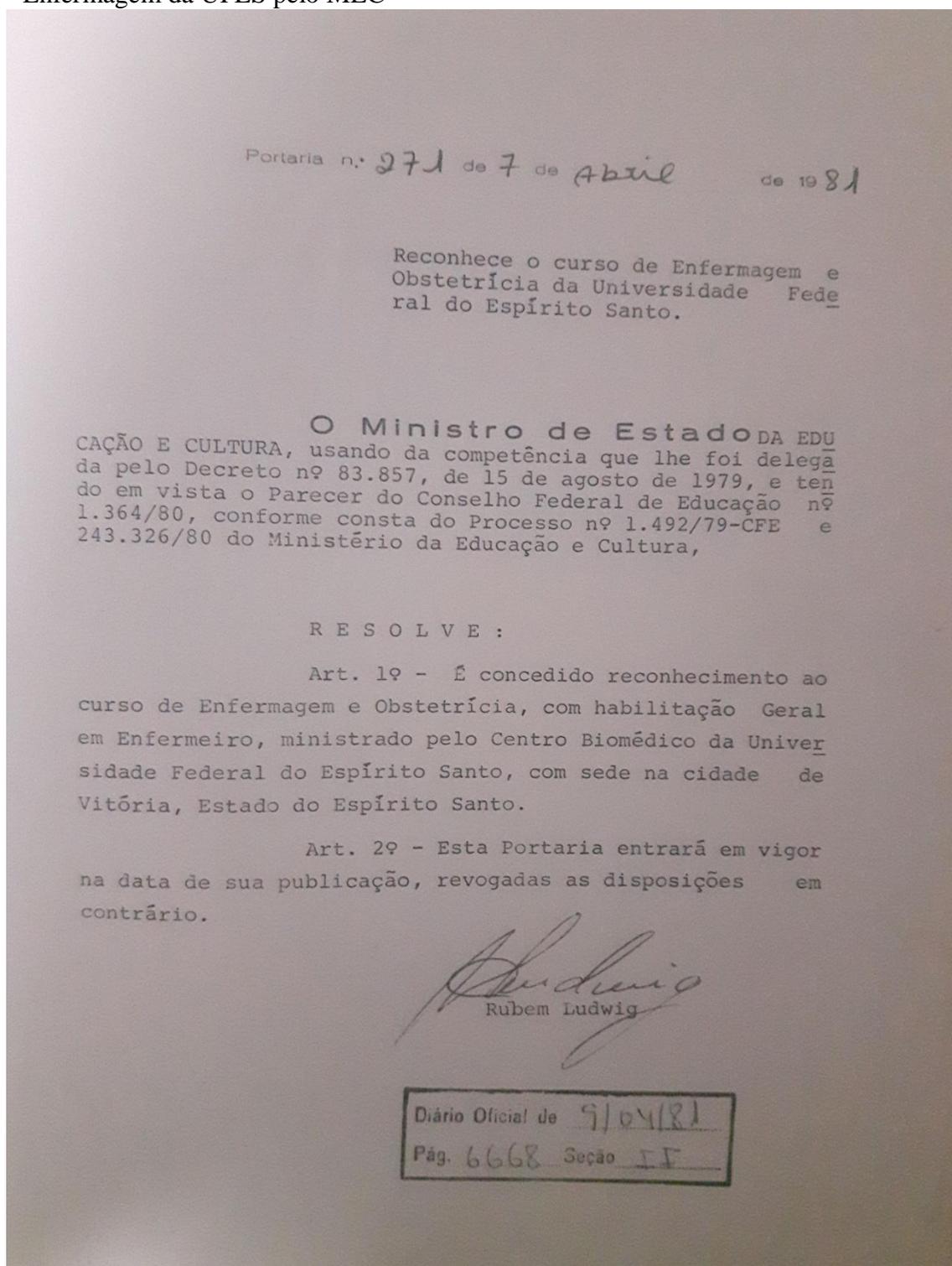
Ao discordarem da solicitação de redução no número de vagas ofertadas anualmente pelo curso, o corpo docente demonstrou seu comprometimento em atender a uma das principais justificativas de criação do curso, a saber, a correção do acentuado déficit de enfermeiros no mercado capixaba.

Dando continuidade ao atendimento das solicitações com vistas ao reconhecimento do curso, especialmente no que dizia respeito ao acervo bibliográfico e de periódicos específicos de enfermagem, no dia 03 de outubro de 1980, a então coordenadora geral da Biblioteca da UFES fez uma declaração informando que a Biblioteca Setorial Biomédica da UFF havia feito uma doação de todos os livros e periódicos solicitados pelo Departamento de Enfermagem da UFES. Tal atitude fazia parte de uma política de intercâmbio entre Universidades, como pode ser visto no trecho do Ofício nº 292 da UFF:

Temos o prazer de oferecer a essa Universidade, como doação, em nome da Universidade Federal Fluminense, os livros e periódicos constantes na relação anexa. Dentro da política de intercâmbio que nos agrada, por seus proveitosos resultados [...] (UFF, 1980).

Finalmente, após quase dois anos do início do processo de reconhecimento, no dia 7 de abril de 1981, através da Portaria 271, assinada pelo então Ministro da Educação, Rubem Carlos Ludwing, o curso de graduação em enfermagem da UFES foi reconhecido (Figura 13).

**Figura 13:** Portaria 271\1981 – Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES pelo MEC



Fonte: Centro de Memória do Curso de Enfermagem da UFES.

Certamente, o reconhecimento do curso de graduação em enfermagem da UFES, cinco anos após o início de suas atividades, representou um marco em seu processo de consolidação, a prova material de que os esforços e as estratégias daquele grupo de professores e de alunos foram efetivas.

#### 4.5 PRIMEIRA CONVENÇÃO CAPIXABA DE ENFERMAGEM

Outro fato considerado estratégico no sentido de divulgar, agregar e trazer à capital do estado pessoas de destaque na enfermagem brasileira foi a realização da I Convenção Capixaba de Enfermagem, realizada por iniciativa da ABEn Seção Espírito Santo, no período de 12 a 15 de maio de 1981. Cabe destacar que a presidente da ABEn nesse período era a enfermeira Elda Coelho de Azevedo, formada na primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFES e docente do mesmo.

Segundo o Boletim Informativo da ABEn referente aos meses de maio e junho de 1980, a Seção Espírito Santo para o mandato de 1980/1984 era assim composta: presidente Ana Maria de Barbosa Almeida; vice-presidente Elda Coelho de Azevedo; 1ª secretária Marizete Manhaes do Nascimento; 2ª secretária Marina Elisa Costa; 1ª tesoureira Priscila Corrêa do Nascimento; e 2ª tesoureira Maria Célia Pereira da Silva. Já as Comissões Permanentes possuíam a seguinte configuração: Atividades Científicas: Virgínia Regia Carneiro Sampaio; Educação: Maria Edla de O. Brigente; Legislação: Maria da Glória Freislebem; Publicações e Divulgação: Tulio A. M. Figueiredo; Serviço de Enfermagem: Leila Massaroni; Conselho Fiscal: Leny Serra Dias, Maria de Lurdes Barreto e Sara Martins de Barros (ABEn, 1980).

No entanto, por ocasião do falecimento da então presidente Ana Maria Barbosa de Almeida, a enfermeira Elda Coelho de Azevedo, que estava na condição de vice-presidente, assumiu o cargo de presidente (BUSSINGER, 2016).

Certamente, seus cargos de vice-presidente e posteriormente presidente da ABEn Seção Espírito Santo representam os ganhos simbólicos advindos de sua atuação exitosa no desenvolvimento da enfermagem capixaba. Sobre as estratégias para viabilização da Convenção, Elda destacou que foi uma força tarefa em busca de apoio e patrocínio para trazer os convidados dos outros Estados, e que quem a ajudou nesse processo foi o enfermeiro Luiz Carlos Reblin, também aluno da primeira turma (BUSSINGER, 2016).

Com o cronograma e todos os trâmites deliberados, no dia 01 de abril de 1981, a então presidente da ABEn Seção ES, Elda Coelho de Azevedo, enviou ofício à então chefe de Departamento de Enfermagem da UFES, Maria Margarida de Oliveira, solicitando colaboração da mesma no sentido de liberar o corpo discente e docente do curso para que participassem efetivamente do evento (ABEn-ES, 1981).

O evento contou com a seguinte programação: no dia 12 de maio ocorreu a Abertura, realizada na Escola de Primeiro Grau Maria Ortiz e tendo como expositora do tema A Enfermagem na Política Nacional de Saúde a então presidente nacional da ABEn, Circe de Mello Ribeiro (ABEn-ES, 1981).

No dia 13 de maio, segundo dia do evento, a programação da manhã teve como tema A Posição da Enfermagem diante das Entidades de Classe (ABEn – COREN – UNATE) e os expositores Doutora enfermeira Circe de Melo (presidente da ABEn Nacional), Doutora enfermeira Ana Shirley Valverde Meirelles (presidente do Coren- RJ) e Conceição Alves Miranda, delegada da UNATE-ES (ABEn-ES, 1981).

A programação da tarde teve como tema Sindicalismo em Enfermagem e como expositores a enfermeira Therezinha Nóbrega (coordenadora do curso de enfermagem da UERJ) e os médicos dos ES Joaquim Ferreira Silva e Élcio Álvares (ABEn-ES, 1981).

Ainda no dia 13 de maio, a programação noturna teve como tema O Posicionamento do Enfermeiro Frente à Realidade Brasileira nas Áreas de Pesquisa, Ensino e Assistência e como expositora a Doutora enfermeira Lygia Paim, Professora da EEAN/UFRJ e coordenadora do DAU/MEC (ABEn-ES, 1981).

No dia 14 de maio, terceiro dia do evento, a programação da manhã teve como tema Necessidades Gregárias do Paciente Hospitalizado. Na programação vespertina, a Professora do curso de enfermagem da UFES e a primeira enfermeira docente com mestrado, Angela Maria de Castro Simões coordenou uma mesa redonda com o tema Papel da Comunidade na Luta pela Saúde (ABEn-ES, 1981).

A programação noturna teve como tema A Equipe Multiprofissional na Atenção Primária à Saúde com os expositores: os médicos Max de Freitas Mauro e Aprígio da Silva Freire, as enfermeiras Glória Friesleben e Maria Margarida de Oliveira, a nutricionista Joselina Martins Santos e a assistente social Angela Maria Campos da Silva (ABEn-ES, 1981).

No dia 15 de maio, quarto e último dia do evento, a programação da manhã versou sobre o tema Proposta sobre Ação e Saúde para uma Comunidade, que teve como expositora a

Professora do curso de enfermagem da UFES Maria Edla de Oliveira Brigunte. A programação vespertina teve como expositor do tema A Enfermagem e a Tecnologia Apropriada – Adequação da Prática à Realidade Brasileira a Doutora enfermeira Nalva Pereira Caldas (professora da escola de enfermagem da UERJ). A programação noturna teve novamente Nalva Pereira Caldas como expositora, porém agora com o tema O Enfermeiro e seu Compromisso Social (ABEn-ES, 1981).

Os locais escolhidos para realização do evento foram: o Edifício Fábio Rusch, onde ocorriam as programações matutinas e vespertinas, e a Escola de Primeiro Grau Maria Ortiz, onde ocorriam as programações noturnas, ambos localizados no Centro de Vitória.

Os temas abordados durante o evento foram diversificados: contemporâneos e de cunho social e político. Para dar notoriedade, através de um alcance significativo e diversificado de público, foram adotadas algumas estratégias na escolha dos expositores: profissionais renomados e reconhecidos em sua área de atuação, de diferentes profissões, instituições e cargos. Essa estratégia pode ser entendida como forma de divulgar a enfermagem nos diferentes espaços sociais.

A escolha da data para realização do evento, 12 a 15 de maio, também pode ser considerada como estratégia dos organizadores, pois desde 1940 ocorre anualmente no país, entre os dias 12 a 20 de maio, a denominada Semana Brasileira de Enfermagem. Essas datas homenageiam duas mulheres significativas para a enfermagem: 12 de maio é o aniversário de Florence Nightingale, e 20 de maio é a data da morte de Anna Nery.

A 1ª Semana de Enfermagem foi promovida pelas enfermeiras da EEAN no sentido de criar espaços de discussão e debate, incluindo nessas discussões a própria organização profissional. Foi o primeiro evento dessa natureza de que se tem registro, realizado com a finalidade de congregar a categoria, divulgar as suas atividades e estudar os problemas de sua prática (RIZZOTTO, 2006).

A partir de 1960, a Semana Brasileira de Enfermagem foi oficializada pelo Decreto Federal nº 48.202, do presidente Juscelino Kubitschek. Vale lembrar que o dia 12 de maio já havia sido reconhecido como Dia do Enfermeiro, por meio do Decreto Federal n.º 2.956, de 10 de agosto de 1938, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas. Este Decreto determinava que no dia 12 de maio deveriam ser prestadas homenagens especiais à memória de Anna Nery em todos os hospitais e escolas do país. O caráter que deveria assumir a Semana de Enfermagem está, em grande medida, expresso na ementa do referido decreto, estabelecendo que:

No transcurso da Semana deverá ser dada ampla divulgação às atividades da enfermagem e posta em relevo a necessidade de conagração da classe em suas diferentes categorias profissionais, bem como estudados os problemas de cuja solução possa resultar melhor prestação de serviço ao público (CARVALHO, 1976).

Se na data escolhida para realização da I Convenção Capixaba de Enfermagem ocorria simultaneamente, em todo país, eventos em torno da profissão, a presença de importantes nomes da enfermagem brasileira no evento realizado no estado reforça ainda mais o esforço dos organizadores do evento no sentido de trazerem essas pessoas. Certamente a,s mesmas deveriam ter sido requisitadas para participarem de outros eventos, dando prioridade ao que ocorreria no estado.

O registro fotográfico (Figura 14) foi feito durante a abertura da I Convenção Capixaba de Enfermagem que aconteceu no auditório da Escola de Primeiro Grau Maria Ortiz. A foto é do tipo espontânea e o ângulo da mesma permite uma visão ampla do evento. É possível visualizar quatro fileiras de cadeiras, uma mesa central virada para a plateia onde estão acomodadas nove pessoas sentadas, sete mulheres e dois homens. Da esquerda para a direita: Nalva Pereira Caldas, Circe de Melo, Ana Shirley Valverde Meirelles, Elda Coelho de Azevedo, Max de Freitas Mauro, Maria Margarida de Oliveira, Edla de Oliveira Brigunte e a outras duas últimas pessoas não foram identificadas. Ao lado esquerdo da foto encontra-se uma pessoa não identificada, em pé, lendo um documento no microfone, provavelmente o mestre de cerimônias do evento.

No canto esquerdo da foto estão localizadas três bandeiras, denotando formalidade da cerimônia de abertura do evento. É possível identificar apenas a bandeira do Brasil no centro, porém acredita-se que as outras duas sejam do ES e da ABEn, fazendo referência ao estado de realização do evento e à instituição promotora do mesmo. Na parte superior da fotografia é possível visualizar uma faixa com os dizeres “I Convenção Capixaba de Enfermagem”. Sobre a mesa, encontram-se duas bandejas com copos de água e alguns papéis.

Os rituais que ocorrem durante a abertura de eventos fazem parte de uma tradição e possuem o intuito de formalizar e eternizar o momento, além de apresentar e dar a oportunidade de fala às autoridades e instituições presentes. Esses rituais são considerados de praxe e seguem um roteiro de etiqueta que inclui: mestre de cerimônias, disposição das bandeiras, execução do hino nacional brasileiro, composição da mesa diretiva, pronunciamentos, dentro outros.

Sobre a disposição ideal da mesa de abertura de uma solenidade, é recomendado que a mesma possua um número ímpar de pessoas, colocando ao centro a autoridade mais importante hierarquicamente. À sua direita, a segunda e, à esquerda, a terceira, distribuindo as demais, à direita e à esquerda, sucessivamente, conforme a ordem hierárquica ou ordem de precedência. No momento de compor a mesa, as autoridades devem ser chamadas de acordo com a ordem de precedência, ou seja, do menor grau de relevância hierárquica para o maior, de maneira que, ao final, restará apenas a cadeira do centro para ser preenchida pela autoridade maior (CESCA, 1997).

Se for levado em consideração que a composição da mesa de abertura da I Convenção Capixaba de Enfermagem seguiu o padrão instituído, a pessoa de maior relevância hierárquica, localizada ao centro, é representada pelo médico Max de Freitas Mauro, que à época era deputado federal do ES. À sua direita, estava Elda Coelho de Azevedo, presidente da ABEn ES e idealizadora do evento, e à sua esquerda, Maria Margarida de Oliveira, chefe do Departamento de Enfermagem da UFES. Também estavam compondo a mesa a presidente da ABEn Nacional, Dra. Enf. Circe de Melo, a presidente do Coren-RJ Doutora enfermeira Ana Shirley Valverde Meirelles, a professora da escola de enfermagem da UERJ Doutora enfermeira Nalva Pereira Caldas e a professora do curso de enfermagem da UFES Maria Edla de Oliveira Brigunte.

**Figura 14:** Cerimônia de Abertura da I Convenção Capixaba de Enfermagem



Fonte:: Centro de Memórias do Curso de Graduação em Enfermagem da UFES.

Depreende-se que a realização da I Convenção Capixaba de Enfermagem simboliza a materialização simbólica da consolidação da enfermagem capixaba a partir da criação do primeiro curso de graduação em enfermagem do estado, pois através desse evento foi possível colocar em evidência nacional a enfermagem do ES, graças à iniciativa da presidente da ABEn Seção ES, que não por acaso havia sido aluna da primeira turma e posteriormente docente do curso. Nessa oportunidade, os enfermeiros envolvidos ampliaram e atualizaram seu capital social, mediante o intercâmbio profissional oportunizado pelo evento.

#### 4.6 PRIMEIRO CONCURSO PÚBLICO DE PROFESSOR AUXILIAR DO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Outro fato que também evidencia a consolidação do curso de enfermagem da UFES é a realização do primeiro concurso público para o cargo de professor auxiliar do Departamento de Enfermagem, que ocorreu no mês de abril de 1982. Cabe ressaltar que antes desse concurso a forma de integração de professores era através de convites e processos seletivos internos, como foi o caso dos quinze docentes que compuseram inicialmente o Departamento de Enfermagem.

A ata da prova de títulos do concurso, somada aos depoimentos de algumas professoras, possibilitou que fossem feitas algumas inferências: essa etapa ocorreu entre os dias cinco e seis de abril de 1982. A banca do concurso foi formada pelas docentes Maria Edla de Oliveira Briguento, na qualidade de presidente, Angela Maria de Castros Simões e Laurinda Sebastiana do Espírito Santo, na qualidade de membros (UFES, 1982).

Um ponto que chamou atenção e merece relevância é a quantidade de concorrentes que participaram da prova de títulos do concurso (Tabela 8).

**Tabela 8:** Candidatos que Participaram da Prova de Títulos do Primeiro Concurso de Professor Auxiliar do Departamento de Enfermagem

1. Marly Correa
2. Ana Maria de Almeida
3. Oriovaldo Beraldi Xavier
4. Priscila Corrêa nascimento
5. Celina Limeira
6. Rita de Cássia Duarte
7. Marli da Penha Gomes dos Santos
8. Ruth Itomi Osava
9. Célia da Silva Veiga
10. Janeusa Rita Leite Primo
11. Fatima Maria Silva
12. Elizabeth Regina Araujo de Oliveira
13. Coracy Pereira da Silva
14. José Gerino Pin

15. Maria Lúcia Zanetti
16. Marluce Miguel de Siqueira
17. Edna Resende Camisão
18. Marina Peduzzi
19. Selma Costa Drumond
20. Levi Alves de Carvalho
21. Denise Silveira de Castro
22. Marinisa Murakami
23. Haydê Mary Berger de oliveira
24. Heliana Rocha Santos
25. Eliana Maria Marqueth
26. Rosangela de Lima Cardoso
27. Antonia Genecy Teixeira de Oliveira
28. Leontina Soares de Souza
29. Maria Carmem Simões Cardoso
30. Maria Diniz Nunes
31. Maria das Graças de Oliveira Prado
32. Antonia Antunes de Araujo
33. Maria Tereza de Castro Perdomo
34. Maria de Fatima Dadalto
35. Solange Maria Leal Melo
36. Nalva Bernadete Rodrigues Barros
37. José Fernando Duarte Teixeira
38. Sueli Pinto de Oliveira
39. Magnólia Kale
40. Rita de Cássia Aguiar Tinasi
41. Silvia Avancini de Andrade
42. Hedi Barcelos Pereira Silva Nunes
43. Nilceia Dadalto Squassante
44. Sara Martins de Barros Maestri
45. Maxwell Marchito de Freitas
46. Zilda Oliveira Ambrozini
47. Tereza Cristina Garchete
48. Marlene Aparecida Siqueira Alkimin
49. Celeste Lúcio Vieira Machado
50. Donizete Vago Daher
51. Nagela Valadão Cade
52. Maria das Graças Rezende Aarão
53. Jeane Débora Maria Azevedo
54. Maria Tereza Candido

55. Tereza Barbosa Monteiro
56. Rachel Jerusa M. Nobre
57. Lucilene Coelho de Souza
58. Liane Zwick Figur
59. Sonidéa Cunha de Oliveira
60. Sônia Maria Lima Gomes
61. Maria de Fátima E. Rodrigues
62. Arléa Musso Leal
63. Kedma Rego Oliveira
64. Maria do Carmo de Oliveira

O número expressivo de candidatos que participaram da prova de títulos demonstra que o concurso teve ampla divulgação, gerando significativa concorrência, que na enfermagem o cargo de professor de Universidade Federal estava inflacionado e que o pouco tempo de funcionamento do curso não influenciou negativamente os candidatos.

A respeito da participação de egressos do curso de enfermagem da UFES no concurso, pode-se se dizer que essa também foi expressiva, uma vez que num total de 64 candidatos 33 foram identificados como egressos, ou seja, mais que a metade. Tal expressividade evidencia que mesmo com a grande oferta de emprego na enfermagem, o cargo de docente era bastante requerido pelos enfermeiros formados pelo curso.

Ainda a respeito do concurso, é oportuno destacar a fala da Professora Angela, membro da Comissão Julgadora:

Já tinha voltado como mestra e tudo vinha em cima de mim, por isso que fui da banca do concurso. [...] Tinha uma prova de conhecimentos gerais e uma prova de dar aula, além de uma ficha de avaliação. Quem entrou foi Rita, Denise, Bete, Ana Maria, Célia, Lucia, Guerino, Oriovaldo, Celina, da Paraíba. Lembro que os professores falavam para gente não colocar gente de fora, porque gente de fora não fica. Tinham umas professoras de Ribeirão Preto que eram excelentes. Elas foram aprovadas, a gente não tinha que ver se a pessoa era de longe ou perto e sim se era é boa. Se a pessoa quisesse ir embora daqui a dois anos, a gente contribuiu com a pessoa e ela com a gente. E foi dito e feito, depois de dois anos elas não ficaram, pediram transferência para USP de Ribeirão Preto, nós perdemos, mas os dois anos que estiveram aqui foram excelentes. Teve a professora Margarete, que entrou, e a irmã dela, Virginia (ANGELA MARIA DE CASTRO SIMÕES).

A fala da Professora Angela permite afirmar que o concurso foi composto por diferentes etapas e conduzido de forma séria, obedecendo a rigorosa classificação. Alguns nomes citados pela professora são de candidatos aprovados que permanecem como professores do Departamento de Enfermagem até hoje, a saber: Professor José Guerino Pin,

Rita de Cássia Duarte e Elizabete Regina Araujo de Oliveira. Também foram aprovados no primeiro concurso público do Departamento de Enfermagem e permanecem exercendo suas atividades de docentes na Universidade as Professoras: Marluce Miguel Siqueira e Fátima Maria Silva. A Professora Nagela Valadão Cade ,que participou desse concurso, mas entrou para o quadro de docentes do Departamento de Enfermagem em outro concurso, também permanece no quadro atual de docentes do Departamento.

Com exceção da Professora Elizabete Regina Araujo de Oliveira, que se formou no Instituto Adventista de Ensino (IAE), em São Paulo, os outros cinco enfermeiros que fizeram o primeiro concurso público para professor auxiliar do Departamento de Enfermagem da UFES e permanecem na ativa foram formados pelas primeiras turmas do curso de enfermagem dessa Universidade. O processo de acumulação de capital simbólico desses professores, iniciado ainda na graduação e continuado em outras instituições na busca de qualificação complementar (especializações, mestrado, doutorado e pós-doutorado), teve e ainda tem seus lucros revertidos para o próprio curso que os formou.

A formatura da primeira turma, a primeira reformulação curricular, a criação do Departamento de Enfermagem, o reconhecimento do curso pelo MEC, a I Convenção Capixaba de Enfermagem e o primeiro concurso público para o cargo de professor auxiliar do Departamento de Enfermagem formam uma espécie de materialização simbólica dos produtos das estratégias desenvolvidas pelo grupo pioneiro de professores. Esse grupo foi vitorioso na consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem no estado do ES, após pouco mais de cinco anos do início de suas atividades.

#### 4.7 OS DESAFIOS ENCONTRADOS NO CAMINHO ENTRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

As quatro enfermeiras que aqui chegaram recém formadas da EEAN trouxeram em suas bagagens o nome de sua instituição de formação, o rigor, a dedicação, características que fizeram a diferença na implantação, desenvolvimento e consolidação do curso. A falta de experiência e a falta de assessoria ao invés de desestimular as mesmas, provocaram o efeito contrário, elas eram desafiadas diariamente e dedicavam suas vidas em prol do trabalho. Somadas a esse grupo outros enfermeiros com a mesma disposição, trabalharam arduamente em prol da consolidação do curso.

E assim termina esse relatório, documentando a memória dos docentes que participaram ativamente dos desafios encontrados no caminho entre o processo de implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem do estado.

Somamos, trabalhamos muito. Tereza era uma pessoa muito vibrante, muito falante, muito comunicativa, fazia interação com o campus muito bem. A fase de Tereza na coordenação foi primordial. A Edla e Valmira trouxeram muita mudança para o Hospital Universitário. Valmira instituiu a dinâmica de descanso para equipe de enfermagem do hospital. Edla já tinha experiência de CTI, trouxe muita coisa nova, que muito médico não dominava, era muito estudiosa, muito articuladora. Tereza era muito articuladora, muito simpática, muito educada, muito elegante, acho que tudo isso deu um aval a ela, ela foi conseguindo tudo. Tereza foi uma pessoa perfeita, Margarida era uma pessoa que conversava com todo mundo, todo mundo a ouvia. Margarida e Tereza tinham mesmo que terem sido coordenadoras, esse papel era delas. Acho que o grande desafio foi que nós éramos todas novas, recém-formadas. Tivemos que nos colocar como profissionais de respeito, montar o curso, conhecer toda realidade local, fazer toda essa articulação política, acho que esse foi o desafio maior e acho e que demos conta. É uma pena que Laura não esteja aqui pra falar do papel dela, foi uma pessoa que marcou aqui nesse Hospital, na maternidade, fazendo partos. Os alunos viram nosso compromisso, nosso envolvimento com a realidade e a maioria deles saiu com esse desafio de também desbravar isso no Espírito Santo (PAULETE MARIA AMBRÓSIO).

Quando nós chegamos tínhamos uma garra, uma determinação, uma coragem, uma vontade. [...] Tivemos que lutar muito para sermos reconhecidas. [...] A gente não era política, tivemos que aprender a ser para ganhar as coisas, a Tereza era muito líder, tinha voz e o pessoal a escutava. Edna foi uma pessoa muito politizada e ganhava muito no grito. A Edla, era também muito politizada, ganhava com seu jeito de falar. Nós lutamos muito pra ter um espaço ali, lembro que no centro biomédico a gente se juntava com a odontologia para ser forte e ter representatividade, porque se a gente não juntasse com a odontologia, a gente perdia tudo, porque os departamentos da medicina eram em maioria. Custou aprendermos isso, aprendemos no sopapo. Para gente conseguir o laboratório de semiologia e semiotécnica foi uma luta, para conseguir o Departamento de Enfermagem foi uma luta (ANGELA MARIA DE CASTRO SIMÕES).

A implantação do curso foi um desafio muito grande por parte dos enfermeiros que estavam aqui, não pela falta de capacidade, mas pela coragem, assim como nós, todos os cursos aqui na Universidade são criados sem qualquer tipo de infraestrutura. Apesar de todas as dificuldades, nós conseguimos desenvolver um trabalho com qualidade, mas, sobretudo com o coração, que fez com que a gente acreditasse que chegaríamos a ter um curso de destaque no cenário capixaba. Foi uma dedicação impar, porque primeiro a gente acreditava e segundo porque a gente tinha colegas que realmente arregaçavam as mangas e vestiam a camisa (JORGE GUIMARÃES DE SOUZA).

Nós éramos enfermeiras do Hospital Universitário e professoras, isso era muito importante, porque nos dava uma autonomia, era nossa casa, o Hospital era nosso. Quanto aos alunos, eles respondiam aos desafios, eles viam a determinação dos professores, nós tínhamos alunos de atitude e compromisso, esses alunos eram avaliados rigorosamente. [...] Nosso desafio perdurou muito tempo, queríamos tornar a enfermagem visível dentro da sociedade capixaba e isso foi um trabalho muito grande para o Departamento de Enfermagem. Então nós atuávamos em todas as situações, nós vivíamos apagando incêndio. Uma das maiores satisfações que nós tivemos dentro do curso de enfermagem, foi a resposta de como os alunos responderam aos desafios (MARIA EDLA BRIGUENTE).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de graduação em enfermagem da UFES, terceiro a ser implantado no CCS, surgiu em uma conjuntura complexa, com o objetivo de suprir uma grave carência de profissionais da área de saúde no Brasil e principalmente no ES. A criação do curso fez parte de uma política da OMS e da OPAS, em parceria com os Ministérios da Educação e da Saúde.

Foi inserido nessa política que o DAU/MEC passou a se preocupar de um modo especial com o problema de crescimento e qualificação de recursos humanos de enfermagem no país, e dessa forma estimulou a criação de novos cursos de graduação em enfermagem principalmente em estados ou cidades que ainda não contavam com esse tipo de formação.

Entre os anos de 1975 e 1980 começaram a funcionar 20 novos cursos de graduação em enfermagem no país, dentre eles o da UFES. Com o envio, em outubro de 1975, de um radiograma do diretor geral do DAU/MEC autorizando o início do funcionamento do curso a partir de 1976, iniciaram os andamentos dos trâmites necessários para implantação do curso de enfermagem na Universidade.

O primeiro passo foi designar uma comissão responsável pelo atendimento dos pré-requisitos. Dulce Neves da Rocha, professora da EEAN e integrante dessa comissão, esteve à frente desde o início de todos os trâmites necessários para viabilização da criação do curso. O capital social e científico dessa professora foi essencial para o cumprimento de todas as etapas.

Foram atividades dessa comissão: fazer um levantamento dos recursos e necessidades de enfermagem no estado que, dentre outros pontos, detectou um quantitativo de 50 enfermeiros para 1005 médicos. Outra atividade foi a verificação feita na UFES a fim de saber se a mesma apresentava condições mínimas necessárias para abrigar o curso. Apesar de tal verificação ter evidenciado significativas carências em vários aspectos, ao final da mesma foi registrado o profundo interesse tanto da Universidade quanto de outros órgãos na criação do primeiro curso de enfermagem no estado.

Outra incumbência da comissão, mais especificamente de Dulce Neves da Rocha, foi a de selecionar quatro enfermeiras, recém-formadas na EEAN, para virem para o estado com a tarefa de desenvolverem o curso. A escolha dessas enfermeiras teve como intuito principal transplantar para o ES um modelo de enfermagem que agregava as características do tradicional modelo difundido pela EEAN. Somaram-se a essas quatro enfermeiras (Maria Tereza Coimbra; Angela Maria de Castro Simões, Laurinda Sebastiana do Espírito Santo e

Edna Vieira) mais duas enfermeiras que até então trabalhavam no Hospital Universitário: Maria Edla de Oliveira Brigunte e Valmira Santos. Esse grupo pioneiro de seis enfermeiras esteve presente desde o primeiro dia de aula do curso de enfermagem da UFES.

O curso de enfermagem funcionou provisoriamente como núcleo dentro Departamento de Medicina Social do CBM. O currículo foi proposto baseado na legislação vigente da época, ou seja, teve seu currículo elaborado com base no parecer nº 163 de 1972. O curso foi dividido em duas partes, sendo a primeira denominada pré-profissional, com duração de dois períodos letivos; e a segunda denominada profissional, com duração de quatro períodos letivos. Em julho de 1976 realizou-se o primeiro vestibular para o ingresso no recém criado cursos de enfermagem, e no mês seguinte iniciaram-se as aulas.

A inserção do curso de enfermagem no Departamento de Medicina Social e no Hospital Universitário decorreu da luta simbólica das enfermeiras docentes, no sentido de construir uma imagem de profissionais solidamente preparadas e comprometidas com o curso. Essa luta teve como objeto a formação de uma identidade homogênea, através da imposição de um tipo de *habitus* profissional até então inexistente no estado. Um traço marcante nos primeiros anos do curso no intuito de formar essa identidade homogênea que tinha dentre outros objetivos dar visibilidade ao curso foi a implementação de tradições institucionalizadas pela EEAN.

Várias foram as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros docentes durante os primeiros anos do curso de graduação em enfermagem: falta de assessoria do DAU/MEC, de um espaço adequado para abrigar o curso, de uma secretária para atender às demandas, número insuficiente de enfermeiros docentes gerando acúmulo de funções tanto no curso quanto no Hospital, dificuldade na liberação da verba destinada ao curso, livros e periódicos de enfermagem praticamente inexistentes na Biblioteca, precária estrutura física, organizacional e disponibilidade de materiais do Hospital Universitário, relutância da equipe de enfermagem do Hospital em trabalhar em conjunto, grade curricular com várias fragilidades.

Diante de tantos desafios, coube ao corpo docente de enfermeiros elaborar estratégias para driblar as dificuldades enfrentadas pelo curso, como a incorporação de uma identidade homogênea do grupo, como foi dito anteriormente, instituição de rituais para dar visibilidade ao curso, alto nível de exigência e rigor dos docentes para com os discentes, dedicação integral ao curso e ao Hospital, extrapolando a carga horária estipulada, aliança com grupos distintos e hierarquicamente superiores, dentre outros.

Foi através de estratégias bem sucedidas para superar as inúmeras fragilidades existentes que o corpo de enfermeiros docentes conseguiu que o curso se consolidasse após pouco mais de cinco anos do início de seu funcionamento. Os resultados demonstraram que o capital profissional, social e simbólico acumulado por essas enfermeiras durante a graduação na EEAN foi atualizado e utilizado de forma eficaz no processo de criação, implantação e consolidação do curso de graduação em enfermagem da UFES.

Representa a consolidação do curso um conjunto de acontecimentos materiais e simbólicos, a saber: formatura da primeira turma, primeira reformulação curricular, criação do Departamento de Enfermagem, reconhecimento do curso pelo MEC, realização da I Convenção Capixaba de Enfermagem e realização do primeiro concurso público para o cargo de professor auxiliar do Departamento de Enfermagem.

O primeiro acontecimento é representado pela formatura da primeira turma, que ocorreu em julho de 1979, após três anos do início do funcionamento do curso, e que colocou no mercado capixaba os primeiros vinte e um enfermeiros formados no estado. Tal acontecimento contou com diferentes tipos de solenidades em diferentes espaços sociais que tiveram o sentido de dar notoriedade ao curso além de eternizar o momento na memória.

O segundo fato, ocorrido também em 1979, é representado pela aprovação do relatório de reestruturação da grade curricular do curso. A necessidade de tal reformulação foi identificada antes mesmo de a primeira turma concluir o ciclo básico. O empenho do corpo docente em prol da reestruturação da grade curricular, dois anos após sua criação, evidenciou o comprometimento dos docentes com o curso e com a formação de qualidade.

A criação do Departamento de Enfermagem, também em 1979, foi o terceiro empreendimento dos docentes do curso em prol da consolidação do mesmo. Tal criação, apesar de ter seguido as normas regimentares da Universidade, representou mais uma grande conquista dos professores do curso. Com a desvinculação do curso ao Departamento de Medicina Social, o mesmo teve mais autonomia na busca por interesses próprios.

Sobre o reconhecimento do curso pelo MEC, considerado o quarto empreendimento na estrutura de consolidação do mesmo, os trâmites tiveram início em agosto de 1979, porém, por conta da burocracia e das etapas inerentes ao processo, o mesmo só foi de fato reconhecido em 07 de abril de 1981 através da Portaria 271, assinada pelo então Ministro da Educação Rubem Carlos Ludwig. Além dos docentes enfermeiros, os discentes do curso tiveram papel de destaque nesse processo, através de constantes reivindicações, pressionando as autoridades da Universidade por tomadas de decisões.

Apesar de a consolidação do curso ter sido sacramentada pelo seu reconhecimento pelo MEC, os enfermeiros docentes não se deram por satisfeitos, e quiseram colocar a enfermagem capixaba em evidência. Para tanto trouxeram à capital do estado pessoas de destaque na enfermagem brasileira para realização, no período de 12 a 15 de maio de 1981, da I Convenção Capixaba de Enfermagem, realizada por iniciativa da ABEn Seção Espírito Santo, que tinha como presidente à época a enfermeira Elda Coelho de Azevedo, aluna da primeira turma do curso e então docente do mesmo. O evento simbolizou a materialização simbólica da consolidação da enfermagem capixaba a partir da criação do primeiro curso de graduação em enfermagem do estado.

Outro importante acontecimento que também evidenciou a consolidação do curso de enfermagem da UFES foi a realização do primeiro concurso público para o cargo de professor auxiliar do Departamento de Enfermagem, que ocorreu no mês de abril de 1982. Antes desse concurso, o corpo docente do departamento de enfermagem estava com um quantitativo de quinze professores enfermeiros e a forma de integração dos mesmos era através de convites e processos seletivos internos. O primeiro concurso público para o Departamento de Enfermagem da UFES foi marcado por uma expressiva concorrência e pela entrada significativa de alunos egressos do mesmo. Outro fato interessante é que alguns desses professores aprovados nesse primeiro concurso permanecem atuando nesse mesmo Departamento.

Assim, com a consolidação do curso, teve início uma nova configuração de enfermagem no estado. Esse ano (2016) o curso de enfermagem da UFES completa 40 anos de uma história de sucesso. Na graduação são mantidos grupos de estudos e pesquisas junto ao CNPq e às Secretarias de Estado e Municipal de Saúde.

O Departamento de Enfermagem é formado por mais de 35 professores, entre mestres e doutores, que atuam no ensino da graduação, em projetos de pesquisa e em programas de pós-graduação: O mestrado e doutorado em Saúde Coletiva e o mestrado profissional em Enfermagem.

Ao longo da trajetória do curso, mais de dois mil enfermeiros já foram formados e muitos estudos e projetos foram desenvolvidos. O curso já passou por quatro mudanças curriculares, sendo a última vencedora no Programa de Reestruturação da Formação do Profissional de Saúde/Enfermagem dos Ministérios da Saúde e da Educação.

Para o próximo ano, as expectativas são positivas, a previsão é que o corpo docente de enfermagem, através do Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) entre a UFES e

a EEAN/UFRJ, seja formado por cem por cento de doutores, o que refletirá diretamente na formação dos profissionais egressos da graduação e no fortalecimento das linhas de pesquisa do Departamento de Enfermagem.

Como em qualquer trabalho de natureza histórica, este é uma das possíveis versões e interpretações para o fenômeno em foco. Outros estudos realizados sobre o mesmo tema, objeto e personagem podem apontar outros rumos e revelar outros aspectos capazes de refazer a tese que foi apresentada. O presente trabalho contribui para o entendimento dos primeiros anos do curso de graduação em enfermagem no ES.

Ao longo de sua realização foi possível constatar que há um caminho inexplorado no estudo da história da enfermagem capixaba, a ser conhecido para que se possa posicionar melhor a discussão sobre a atual enfermagem em nosso estado. Nesse contexto, a presente pesquisa agrega mais perguntas que informações esclarecedoras, não só pelas limitações que toda pesquisa possui, mas principalmente porque é uma das primeiras aproximações desse objeto de investigação.

O estudo aponta uma grande lacuna no conhecimento da história da enfermagem capixaba. Uma grande oportunidade de linha de pesquisa assim se desenha, convidando todos os interessados no assunto que concluírem a leitura desse relatório a nela se engajarem.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Primárias

### Fontes Orais

AMBRÓSIO, Paulete Maria. **Paulete Maria Ambrósio**: entrevista [21 jul. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

COELHO, Maria Carlota Resende. **Maria Carlota Resende Coelho**: entrevista [27 mai. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

SOUZA, Jorge Guimarães. **Jorge Guimarães de Souza**: entrevista [30 mar. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

BRIGUENTE, Maria Edla de Oliveira. **Maria Edla de Oliveira Brigunte**: entrevista [9 jul. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

COIMBRA, Maria Tereza. **Maria Tereza Coimbra**: entrevista [27 fev. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

SILVA, Fátima Maria. **Fátima Maria Silva**: entrevista [01 jun. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

SIMÕES, Ângela Maria de Castro. **Ângela Maria de Castro Simões**: entrevista [10 abr. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

ROCHA, Dulce Neves. **Dulce Neves da Rocha**: entrevista [18 jun. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

MARGOTO, Selma Bloom. **Selma Bloom Margoto**: entrevista [28 jul. 2015]. Entrevistador: Daniela Vieira Malta. Vitória, 2015. Entrevista concedida à pesquisa “Criação, Implantação e Consolidação do Primeiro Curso de Graduação em Enfermagem do Espírito Santo (1976-1981)”.

### Fontes Escritas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **DADOS SOBRE A FORMAÇÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM NO BRASIL**. São Paulo: Comissão de Documentação e Estudos-ABEn, 1969.

\_\_\_\_\_. **INFORMATIVO ABEn – Boletim da Associação Brasileira de Enfermagem**. Brasília, In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, mai-jun. 1980.

\_\_\_\_\_. Seção do Espírito Santo. **Ofício nº 19/81**. Vitória. Enviado pela Presidente da ABEn-ES Enfa. Elda Coelho de Azevedo para Chefe do Departamento de Enfermagem Enfa Maria Margarida de Oliveira. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 01 de abr. 1981.

\_\_\_\_\_. Seção do Espírito Santo. **Programa da I CONVENÇÃO CAPIXABA DE ENFERMAGEM “AÇÃO E SAÚDE”**. Vitória. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 12 a 15 de mai. 1981.

BUSSINGUER, E.C.A.; BRIGUENTE, M.E.O.; COSTA, M.E.E.; SANTOS, V. **AVALIAÇÃO DA TRAJETÓRIA DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UFES NOS ÚLTIMOS 10 ANOS**. VI Convenção Capixaba de Enfermagem. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1986.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Currículo Mínimo dos Cursos de Enfermagem e Obstetrícia – Parecer nº 163/72**. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1972.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Assuntos Universitários. **Plano de Atendimento de Enfermagem – Ficha de Verificação – Registro de Situação**. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo. Brasília: MEC, 1975.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Assuntos Universitários. **Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil**. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo. Brasília: MEC, 1979.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e da Cultura. **Roteiro para Formalização do Processo de Reconhecimento de Curso de Universidade Federal**. [preenchido] Anexado no Processo de

Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e da Cultura. **Processo 1492/79. Assunto: Reconhecimento do Curso de Enfermagem e Obstetrícia.** Teve como Relatora Dra. Cilei Chaves Rhodus. Anexado no Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 30 de nov. 1979.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria 271 de 07 de abril de 1981.** Publicado no Diário Oficial da União em 09 de abril de 1981. Pág 6.668, Seção II. Anexado no Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 07 abr. 1981.

BRIGUENTE, M. E. O. **Proposta Curricular com Diagnóstico da Situação de Enfermagem no Espírito Santo.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1979.

ROCHA, D. N. **Relatório de Atividades Junto a Universidade Federal do Espírito Santo.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1975.

ROCHA, D. N. **Plano de Atendimento de Enfermagem – Ficha de Verificação – Registro de Situação. [Preenchido]** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1975.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Estatuto da UFES, Seção III – Dos Departamentos – Artigo 48.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social (**Ofício nº 0305-75**) In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1975.

\_\_\_\_\_. **PORTARIA nº 472 de 29 de agosto de 1975.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1975.

\_\_\_\_\_. **Parecer da Comissão de Ensino e Extensão – Processo 596/76.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1976.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 5/76 Proposta de Criação do Curso de Enfermagem na Universidade Federal do Espírito Santo.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 01 de abr. 1976.

\_\_\_\_\_. **Relatório e Parecer da Criação do Curso de Enfermagem da UFES - Processo 596/76.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 09 de abr. 1976.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social. **Ata da sessão ordinária dos docentes do curso de enfermagem – Departamento de Medicina Social, Centro Biomédico da UFES.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo: Caixa 1 – Livros de Atas Manuscritas, 20 de set. 1976.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social. **Primeira Ata da Reunião Extraordinária do Curso de Enfermagem.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo: Caixa 1 – Livros de Atas Manuscritas, 1976.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social (**Ofício nº 51-76**) In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo: Caixa 1 – Livros de Atas Manuscritas, 1976.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social (**Ofício nº 60-76**) In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo: Caixa 1 – Livros de Atas Manuscritas, 1976.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Criação do Curso de Enfermagem (nível graduação)** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1976.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social. **Ata de Inauguração do Laboratório Doutor Benito Zanandrea – Técnicas de Enfermagem.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo: Caixa 1 – Livros de Atas Manuscritas, 1977.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social. **Ata da reunião Ordinária do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas e docentes do curso de enfermagem da UFES.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo: Caixa 1 – Livros de Atas Manuscritas, 11 de nov. 1977.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico - Departamento de Medicina Social. **Ata da Reunião Ordinária do Departamento de Medicina Social do Centro Biomédico da Universidade Federal do Espírito Santo.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 19 de abr. 1979.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico. **Ata da Décima Primeira Sessão Ordinária do Conselho Departamental do Centro Biomédico da Universidade Federal do Espírito Santo.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 03 de set. 1979.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico. **Ofício 0835\79.** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 05 de set. 1979.

\_\_\_\_\_. **Relatório e Parecer da Solicitação de Criação do Departamento de Enfermagem (Processo 4736\79)**. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 01 de nov. 1979.

\_\_\_\_\_. **Ofício nº 532/79**. Anexado no Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 31 de ago. 1979.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico. Departamento de Enfermagem. **Redução de 60 para 50 no número de vagas para o curso de enfermagem**. Enviado pela Responsável pelo Departamento de Enfermagem Profa. Maria Margarida de Oliveira. Anexado no Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 27 de ago. 1980.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico. Departamento de Enfermagem. **Ofício nº 63/80**. Enviado pela Responsável pelo Departamento de Enfermagem Profa. Maria Margarida de Oliveira. Anexado no Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 02 de out. 1980.

\_\_\_\_\_. Departamento de Enfermagem. **Avaliação dos Monitores de Introdução à Enfermagem no período 81\02**. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 25 de set. 1981.

\_\_\_\_\_. Centro Biomédico. Departamento de Enfermagem. **Ata da Prova de Títulos de Concurso Público de Professor Auxiliar do Departamento de Enfermagem**. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 05 e 06 de abr. 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Ofício nº 30-75** In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 1975.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Ofício nº 292/80**. Enviado pelo Magnífico Reitor da UFF Rogério Benevento ao Magnífico Reitor da UFES. Anexado no Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia – 1979. In: Centro de Memória de Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, 30 de set. 1980.

## Fontes Secundárias

ALBERTI, V. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, C. B (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2004.

BARBOSA, T. S. C.; BAPTISTA, S. S. Movimento de Expansão dos Cursos Superiores de Enfermagem na Região Centro-oeste do Brasil: uma perspectiva histórica. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 10, n. 4: p. 945-56, 2008.

BARRETO, I. S; OLIVEIRA, I. R. S; LIMA, M. G. Associação Brasileira de Enfermagem: 70 anos de lutas e conquistas. **Esc. Anna Nery R Enferm**. 1997, set; 1 (1): 23-31.

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I.A. Repercussões da Reforma Universitária de 1968 nas Escolas de Enfermagem Brasileiras. **Acta. Paul. Enf**. 1999, v.12, n. 3, 46-50.

BORGO, I. A. **UFES – 40 Anos de História**. 2. ed. Vitória: Edufes, 2014.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Razões e práticas**. Campinas: Papirus,1996.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**. 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

CAMPISTA, T. M. N.; BAPTISTA, S. S.; COELHO, M. C. R; FILHO, A. J. A.; XAIER, M. L. Panorama do Campo da Educação Superior em Enfermagem no Estado do Espírito Santo. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, 2009; 13 (nº2): 256-64.

CARVALHO, A.C. **Associação Brasileira de Enfermagem 1926 – 1976 - Documentário**. Brasília: ABEn, 1976.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 6 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação, 1999.

GALLEGUILLOS, T.G.B.; OLIVEIRA, M.A.C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev. Esc. Enf. USP**; v.35, n.1, p. 80-7, mar. 2001.

GERMANO, J. W. **Estado Militar e Educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 1994.**

MALTA, D. V. **O Processo de Organização do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil (1954-1958).** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MALTA, D. V.; PEREIRA, L. A.; SANTOS, T. C. F. Notícias do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem na Revista Brasileira de Enfermagem (1955-1958). **Rev. bras. Enf.** Brasília, 2014; 67 (nº 5): 679-83.

MALTA, D. V.; SANTOS, T. C. F.; PEREIRA, L. A.; GOMES, M. L. B.; LOPES, G. T.; OLIVEIRA, A. B. Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil: estratégias para realização. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem.** Rio de Janeiro, 2014; 15 (nº3): 472-78.

MEDEIROS, M.; TIPPLE, A. F. V.; MUNARI, D.; B. A EXPANSÃO DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [S.l.], v. 1, n. 1, dez. 2006.

MOREIRA, T. H.; PERRONE, A. **A História e Geografia do Espírito Santo.** 8. ed. Vitória, 2007.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O método da pesquisa histórica na enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, 2005 out/dez, 14(4): 575-84.

PAIM, L. A FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS NO BRASIL NA DÉCADA DE 70. **Rev. Bras. Enferm.** 2001; 53 (nº 4): 485-97.

PAIVA, C. H. A. A ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS) E A REFORMA DE RECURSOS HUMANOS NA SAÚDE NA AMÉRICA LATINA (1960-70). **Produto preliminar do projeto “História da cooperação técnica em Recursos Humanos em Saúde no Brasil”.** (COC/FIOCRUZ-OPAS/OMS). 2004.

PERES, M. A. A. P.; PADILHA, M. I. Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931). **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem.** Rio de Janeiro, 2014; 18 (nº1): 112-21.

PORTO, F.; AMORIM, W. (org.). **História da Enfermagem Brasileira: lutas, ritos e emblemas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

REDINS, C. A. **Escola de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo – 50 Anos de História**. Vitória: Edufes, 2011.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. **O Poder Simbólico da Enfermagem Norte-Americana no ensino da Enfermagem na Capital do Brasil (1928-1938)**. 2002. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

RIZZOTTO, M. L. F. Resgate histórico das primeiras Semanas de Enfermagem no Brasil e a conjuntura nacional. **Rev. bras. Enf.** Brasília, 2006; 59 (esp): 423-7.

SAUTHIER, J.; BARREIRA, I. A. **As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1922-1931**. Rio de Janeiro: Editora EEAN, 1999.

TOLEDO, J. R.; SANTOS, T. C. F.; ARAÚJO, M. A.; ALMEIDA FILHO, A. J. Emblemas e rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. **Esc. Anna Nery**, vol.12, no.2, Rio de Janeiro: June 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452008000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000200007). Acesso em Janeiro de 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452008000200007>

TYRREL, M. A. R.; SANTOS, T. C. F. Setenta Anos de Vida Universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: Uma Breve Reflexão. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, 2007; 11 (nº1): 138-42.

## **ANEXOS**

## Anexo 1

Saúde  
Ministério da Saúde

Plataforma  
Brasil

Público Pesquisador Alterar Meus Dados

Cadastros

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A formação do enfermeiro capixaba: o curso de enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo (1976-1981)  
**Pesquisador Responsável:** Daniela Vieira Malta  
**Área Temática:**  
**Versão:** 2  
**CAAE:** 38618114.4.0000.5238  
**Submetido em:** 26/11/2014  
**Instituição Proponente:** Escola de Enfermagem Anna Nery  
**Situação da Versão do Projeto:** Aprovado  
**Localização atual da Versão do Projeto:** Pesquisador Responsável  
**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB\_COMPROVANTE\_RECEPCAO\_418845